

BUTTONS: BOOK ELEVEN

BUTTONS & DECEIT

HER TRUTH. HIS LIES.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

P E N E L O P E S K Y

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BUTTONS & DECEIT



BUTTONS & DECEIT

A tradução foi efetuada pelo grupo SB, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo SB poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo SB de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

BEYOND BUTTONS

#1

BUTTONS: BOOK ONE

BUTTONS & REVENGE

HIS PRISONER. HIS MUSE.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#2

BUTTONS: BOOK TWO

BUTTONS & BETRAYAL

HIS SAPPHIRE. HIS STAR.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#3

BUTTONS: BOOK THREE

BUTTONS & DEVOTION

HIS LADY. HIS WOMAN.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#4

BUTTONS: BOOK FOUR

BUTTONS & POWER

HIS LOVER. HIS QUEEN.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#5

BUTTONS: BOOK FIVE

BUTTONS & DESPISE

MY FIRE. MY DESIRE.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#6

BUTTONS: BOOK SIX

BUTTONS & BEAUTY

HIS VISION. HIS DREAM.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#7

BUTTONS: BOOK SEVEN

BUTTONS & LOYALTY

HIS WOMAN. HIS EVERYTHING.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#8

BUTTONS: BOOK EIGHT

BUTTONS & BLOOD

HER SASS. HIS DESIRE.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#9

BUTTONS: BOOK NINE

BUTTONS & DEATH

HIS WORD. HER HEART.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#10

BUTTONS: BOOK TEN

BUTTONS & LIES

HIS PROMISE. HER BETRAYAL.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#11

BUTTONS: BOOK ELEVEN

BUTTONS & DECEIT

HER TRUTH. HIS LIES.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#12

BUTTONS: BOOK TWELVE

BUTTONS & HOPE

HIS POWER. HER SAFETY.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#13

BUTTONS: BOOK THIRTEEN

BUTTONS & BELIEF

HIS HEART. HER FOREVER.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#14

BUTTONS: BOOK FOURTEEN

BUTTONS & DESIRE

HIS ONE. HIS ONLY.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

#15

BUTTONS: BOOK FIFTEEN

BUTTONS & SHADOWS

HER END. HIS BEGINNING.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE SKY

BEYOND BUTTONS LANÇAMENTO

BUTTONS: BOOK ELEVEN

BUTTONS & DECEIT

HER TRUTH. HIS LIES.



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

P E N E L O P E S K Y

BUTTONS & DECEIT

SINOPSE

Eu disse a Crow Barsetti o que pensava - e não me arrependi.

Agora é ele quem está tentando ganhar minha aprovação, mas isso nunca vai funcionar. Ele me fez passar por um inferno e voltar, quase me fez perder Vanessa para sempre, então não preciso gostar dele. Tolerá-lo, sim. Mas não gosto dele.

Tento fazer um esforço por Vanessa, mas isso simplesmente explode na minha cara. Sentado em frente a Crow na mesa de jantar, na mesma cadeira onde ele me algemou e apontou uma arma para meu rosto... me fez queimar um fusível. Tudo o que quero é Vanessa, e agora que a tenho, não tenho nenhuma obrigação com a família dela.

Mas Crow não vai desistir. *“Eu não me importo com meu relacionamento com Vanessa, Griffin. Eu me importo com meu relacionamento com você.”*

Ele me pede para ir à vinícola três dias por semana para que possamos passar um tempo juntos, para que ele possa reparar o relacionamento que rompeu.

Para que possamos ser o pai que eu nunca tive.

CAPÍTULO 1

Mia

Sentei-me no sofá com minha calça de moletom e camiseta, tomando cuidado para parecer o mais desagradável possível.

Mas isso não parecia fazer diferença, já que Carter andava só com sua calça de moletom o tempo todo. Tentei parecer o menos atraente que pude, mas desde que ele mostrou sua figura piedosa, era impossível para mim não pensar nele dessa forma.

Ele tinha uma garrafa de uísque na mesa e serviu-se dela a noite toda enquanto assistia ao noticiário noturno.

Não consegui entender uma palavra, então deitei embaixo do cobertor e tentei aprender a língua. Pequenos luxos, como a TV, não eram importantes para mim porque eu vivi sem ela por muito tempo. Egor me mantinha constantemente em um quarto escuro. Não tinha nem liberdade de fazer xixi.

Carter pegou o controle remoto e mudou o canal.

— Tenho alguns canais americanos. Você gosta de comédias?

— Eu gosto de inglês.

Colocou em uma comédia popular na América, um programa que eu costumava assistir enquanto crescia. No segundo que ouvi o inglês, me senti um pouco melhor, um pouco mais perto dele.

Ele jogou o controle remoto na mesa e voltou a beber. A grande janela atrás dele mostrava o terreno ao redor da casa, todo envolto na escuridão, com exceção das luzes noturnas que tornavam o quintal visível.

Não tinha tentado fazer mais nada comigo desde o momento na cozinha. No segundo em que eu disse não, ele ouviu, o que foi surpreendente, já que me acusou de mentir sobre o que eu realmente queria. Mas eu ainda tinha poder nesta situação.

Poder para dizer não.

Foi a sensação mais estimulante do mundo, dizer algo e realmente ser ouvida. Eu perdi minha vida anterior. Perdi tudo que era perfeito. Sentia falta das pequenas liberdades que já tive.

Todas essas coisas foram tiradas de mim.

Mas Carter devolveu algumas delas.

Se eu realmente tentasse escapar, estava apostando. Se eu apenas o deixasse sozinho, poderia ter uma vida confortável aqui. Eu era uma prisioneira, mas pelo menos tinha alguma liberdade. Se cruzasse a linha, ele cumpriria suas ameaças e mudaria a dinâmica. E não teria o mesmo poder de antes. Enquanto eu cooperasse, minha vida poderia ser suportável.

Eu me conformaria com isso se pudesse... Mas não era possível.

— Você gostaria de algo para beber? — Perguntou, mostrando a garrafa.

— Não, obrigada. — Nunca tinha bebido muito álcool. Um copo de vinho no jantar era bom, mas nada mais do que isso. Carter bebia o tempo todo, começando depois do almoço. Percebi que ele não saía muito, parecendo fazer todo o trabalho de casa.

Ele tornou a encher o copo e continuou bebendo.

— Você bebe muito, mas nunca parece bêbado.

Ele pousou o copo e olhou para a TV.

— Porque estou sempre bêbado. Você nunca me viu sóbrio.

— É saudável beber tanto assim? — Ele encolheu os ombros.

— É saudável se preocupar?

Eu poderia ficar quieta e assistir TV, mas o achei mais interessante. Ele era um enigma, seus motivos não eram claros. Ele *queria* me foder, mas não iria realmente fazer isso até que eu desse consentimento... Ou a menos que eu quebrasse suas regras. Ele permitia que eu frequentasse a maior parte da casa, comer quando quisesse e desfrutar de sua piscina. Ele nunca falou abertamente comigo ou levantou a mão para mim. Parecia mais um colega de quarto muito sexy.

— Você tem namorada?

Se virou para mim, sua sobrancelha direita arqueada tão alto que quase saltou do rosto dele.

— Não. Se tivesse, não estaria pressionando meu pau em sua bunda.

— Então, você não tem namorada *agora*.

— Nunca tive uma namorada. Eu pareço o tipo romântico? — Seus olhos perfuraram os meus, como se estivesse ofendido com a pergunta. — Minha vida sexual é uma mentira sem sentido. Bom sexo com mulheres bonitas é o meu jogo. Nada mais.

— Então você é como qualquer outro homem bonito lá fora?

— O que isso significa?

— Os bons nunca se estabelecem até o último minuto. Eles têm muitas opções, então não podem se decidir. Mas, quando atingem certa idade e sua aparência desvanece-se, eles encontram alguém de quem gostam e finalmente se estabelecem.

— Perto. — disse — Mas eu realmente não tenho interesse em me estabelecer.

— Nunca?

— Não. — Seus olhos voltaram para a TV. — Eu tenho uma irmã que vai ter filhos, então minha linhagem familiar vai continuar. Meu primo carrega meu sobrenome e tem um filho a caminho, então meu sobrenome sobreviverá a mim. Eu não preciso ter filhos.

— Você não gosta de crianças? — Perguntei, sem saber se queria ouvir a resposta.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não diria isso. Só não quero nenhum meu. Meu primo está prestes a ter o primeiro filho, então serei tio. Isso é o suficiente para mim.

Eu o encarei, com pena dele. Podia entender um homem que não queria se estabelecer com uma mulher, mas não ter filhos era de partir o coração. Ter uma família foi uma bênção. Ter alguém para amar de todo o coração era... Indescritível.

— É uma vergonha.

— Discordo. — Quando ele olhou para mim, foi com uma pontada de hostilidade. — Não me julgue. Não pense que você é melhor do que eu. Sei o que quero da vida. Você foi estúpida o suficiente para ser capturada.

No estalar de um dedo, a paz que senti ao sentar lá com ele, desapareceu. Eu costumava tolerá-lo, até mesmo gostava dele, mas aquele comentário doeu muito. Enfiou uma faca sobre uma cicatriz que ainda não havia cicatrizado. Ele me apunhalou no coração, embora meu coração já estivesse partido.

Ele deve ter percebido o que disse, porque estremeceu ligeiramente e então suspirou, com os olhos na TV.

Chutei o cobertor e disparei escada acima, não mais interessada em falar com ele. Talvez tenha o julgado mal. Talvez não devesse ter assumido que ele

tinha algumas boas qualidades. Eu deveria ter assumido que ele era um idiota, assim como meu instinto me disse.

Ele me seguiu um momento depois.

— Mia...

Cheguei ao topo da escada e, em seguida, me virei para olhá-lo.

— Não fui eu que comprei uma mulher com dinheiro para aumentar meu ego. Não sou eu quem a mantém prisioneira, embora ela mereça ser livre. Não sou o filhinho da mamãe que finge ser um bom homem, apenas para se virar e manter uma pessoa inocente contra sua vontade. Sim, sou melhor do que você, Carter. Eu sou muito melhor do que você.

Ele parou no meio da escada, ouvindo meu discurso com os olhos fixos. Quando finalmente terminou de subir, seus músculos pulsaram e se moveram sob a pele. Seus olhos estavam cheios de pena, como se ele realmente se importasse com a maneira como me fazia sentir.

— Um homem de verdade não precisa forçar uma mulher. Ele deve ser capaz de levá-la para a cama sem força.

— E eu te forcei? — Sua voz profunda ecoou contra o teto curvado.

— Mas você me força a viver aqui sem um propósito.

— Você cozinha e limpa...

— Vá se foder! — Me virei e corri para o meu quarto. Bati a porta atrás de mim, esperando que ele não me seguisse. Prefiro olhar para a parede do quarto a olhar para seu rosto bonito por mais um segundo.

A porta se abriu um segundo depois.

— Mia...

— Você deveria estar se fodendo. Eu dei ordens muito específicas. — Sentei no chão ao pé da cama, minhas costas contra a madeira.

— Farei isso mais tarde esta noite, antes de dormir. — Ele se abaixou até o chão ao meu lado, mantendo alguns metros entre nós.

Eu me odiei por me sentir um pouco excitada com essa informação. Até imaginei ele indo para a cidade sozinho, sentado contra a cabeceira da cama enquanto esfregava lubrificante para cima e para baixo em seu pau. O imaginei me imaginando, não assistindo pornografia em seu computador.

— Retiro o que disse. Foi uma coisa idiota de se dizer.

— Porque você é um idiota. — Com meus braços cruzados no peito, olhei para frente, para a parede. Eu podia sentir o cheiro dele ao meu lado, uma mistura de shampoo, creme de barbear e colônia. Ele tinha um cheiro distinto, como couro e carvalho.

— Eu não discordo disso. Simplesmente odeio quando as pessoas reclamam de mim por não querer uma família.

— Quem se intromete em relação a isso?

— Minha mãe. — Ele olhou para frente, mirando a mesma parede. — Ela diz que estou envelhecendo. Em vez de brincar, preciso me concentrar em encontrar uma mulher legal que me ature, que me queira por mim e não por meu dinheiro. E ela quer que eu tenha minha própria família... Porque me ter é a maior alegria que ela já conheceu. — Ele balançou a cabeça ligeiramente. — Meu pai e eu temos um tipo de relacionamento diferente. Estamos pertos, mas falamos sobre outras coisas como armas, esportes, trabalho, coisas assim. Mas quando minha mãe fala comigo sobre essas coisas, ela tem um jeito especial de me fazer sentir culpado. Então, quando digo a ela que não quero uma família... Ela parece tão inconsolável. Agora você está me criticando sobre isso e eu fico na defensiva. Mas não me dá o direito de falar assim com você... Então, sinto muito.

Ele não olhou para mim, não do jeito que fez antes. Às vezes ele era agressivo e intenso, enchendo a sala inteira de hostilidade silenciosa. Em outras ocasiões, ele parecia um cara legal... Como agora.

— Eu não estava te julgando. Só queria que você soubesse que ter filhos é uma experiência maravilhosa. Você não deveria decretar como algo que você não quer... Não quando você não entende o quão bom pode ser.

— As mulheres sempre acham que ter filhos será uma experiência maravilhosa. Bem, posso dizer que minha mãe teve muita dificuldade em me criar. Roubar o carro no meio da noite, levar garotas furtivamente para o meu quarto, pegar a arma do meu pai sem permissão... Eu fiz um monte de merdas loucas quando estava crescendo. Quase dei um ataque cardíaco em minha mãe algumas vezes.

Continuei olhando para a parede, fazendo o meu melhor para manter minha respiração sob controle. Lágrimas queimaram atrás dos meus olhos, fazendo minha garganta apertar dolorosamente. Minhas mãos se juntaram e eu esfreguei as palmas uma na outra, remexendo no lugar para ter algo para fazer. O coração partido brotou dentro de mim, e foi quase o suficiente para me fazer desmoronar.

Carter continuou olhando para frente, alheio às emoções que rugiam dentro de mim.

Eu não conseguia mais sentar com ele. Eu não podia fingir estar bem quando não estava. Agora não havia possibilidade de ficar aqui. Mesmo que o pedido de desculpas de Carter fosse sincero, eu tinha que sair daqui. Independentemente das consequências, precisava escapar. Eu pertencia a outro lugar. Só porque tive o azar de ser capturada não significava que deveria permanecer prisioneira para sempre. Mesmo se morresse tentando, eu sairia daqui.

Eu precisava sair.

Agora que tinha tomado minha decisão, eu procurei por cada oportunidade.

Carter acordava na mesma hora todos os dias, fosse por um despertador ou naturalmente. Ele tomou seu café e pequeno almoço na sala de jantar, leu o jornal, atendeu alguns telefonemas e então saiu para correr pela propriedade antes de ir para a academia perto da garagem. Foi quando ele desligou o sistema de alarme.

Quando ele estava na garagem, fiz uma varredura rápida da casa, em busca de armas presas sob as mesas ou escondidas atrás de molduras. Procurei em cada canto, aproveitando os momentos em que sabia que ele estaria distraído.

Mas ele limpou o lugar.

As únicas armas da casa eram as facas da cozinha. Antes de sair, eu pegaria a maior faca de carne que pudesse encontrar. Não queria usar isso em Carter, mas se ele não me desse uma escolha, eu iria apunhalá-lo bem no coração.

Tratava-se de sobrevivência. E não iria parar até que fosse a vencedora.

Eu tinha um telefone que não fazia nada além de ligar para Carter, mas tinha uma câmera. Propositadamente, o coloquei no balcão da cozinha atrás de uma das vasilhas que segurava as espátulas e colheres. Escondi a outra parte do telefone atrás dos saleiros e pimenteiros, permitindo que a câmera tivesse uma visão completa do painel de alarme. Depois de carregar o telefone a noite toda e ter certeza de que tinha bateria suficiente, mantive a câmera ligada e gravei tudo na cozinha.

Então fiz o possível para fingir que era um dia normal. Fiz panquecas, bacon e ovos mexidos. Eu coloquei tudo no prato apenas quando Carter entrou na cozinha. Sem camisa e descalço, ele entrou com sua pele bronzeada adorável. Seu cabelo estava bagunçado de tanto correr os dedos. Olhos castanhos profundos olharam para mim, de cima a baixo com óbvio interesse. Depois da nossa briga na outra noite, ele voltou ao normal, sem disfarçar as coisas que ele gostaria de poder fazer comigo.

— Posso pegar alguma coisa para você?

Ele pegou a cafeteira e tornou a encher sua caneca.

— Mais café.

Olhei para frente novamente, polvilhando o açúcar de confeitiro por cima junto com a calda de bordo. O alarme estava atrás de mim, os botões acesos com luz azul. A câmera estava enfiada no balcão, escondida atrás do equipamento da cozinha. A luz vermelha estava acesa na frente, mas coloquei um pedaço de fita adesiva para esconder o brilho. Uma parte de mim se sentia culpada pelo que estava fazendo, mas a culpa também me fez sentir pior.

Eu não deveria me sentir culpada.

Ele virou e encostou-se ao balcão, tomando um gole de sua caneca enquanto me observava.

Eu podia sentir seu olhar fixo em minha nuca, sentir seu desejo preencher a sala. Ele tinha um jeito natural de ocupar todo o espaço com sua intensidade, de trazer uma nuvem invisível para o ambiente. Foi sufocante, como umidade alta em meados de agosto.

— Está quase pronto.

— Sem pressa. — Ele continuou bebendo seu café, uma mão apoiada no balcão.

Continuei a usar a mesma expressão estoica, focando em minhas mãos. Arrumei os pedaços de bacon junto com os ovos. Normalmente, ele pegava clara de ovo e frutas, mas hoje, ele parecia fazer um pouco mais de alarde.

Meu coração estava batendo tão rápido. Eu podia ouvir o latejar em meus ouvidos e esperava que ele também não pudesse ouvir. Não estava apenas nervosa com o olhar desse homem lindo. Fiquei nervosa com a possibilidade de ele descobrir meu plano. Se o fizesse, tudo estaria acabado.

Limpei minha garganta e levei seu prato para a sala de jantar. Em vez de me seguir, ele ficou para trás. Pousei seus talheres e esperava que ele se juntasse a mim, mas não o fez. Eu respirei um pouco mais forte, com medo de que ele tivesse notado o telefone escondido atrás da panela. Virei-me e voltei para a cozinha, vendo-o ainda no balcão, com mais de um metro e oitenta de músculos esculpidos e pele bronzeada.

Seus olhos seguiram meus movimentos.

O que estava acontecendo?

— Acabei de colocar seu café da manhã. — Ele tomou um gole de café novamente.

Agora eu estava realmente apavorada. Ele sabia o que eu estava fazendo? Ele segurou sua caneca na cintura, lambendo os lábios enquanto olhava para mim.

Joguei o lixo fora, fazendo o meu melhor para ignorá-lo. Se eu agisse inocente, ele não teria motivos para suspeitar de mim.

Carter finalmente foi em direção à sala de jantar.

— Eu quero que você se junte a mim. — Ele saiu, seus passos ficando mais silenciosos enquanto ele se afastava.

E, então, finalmente liberei o ar que armazenava nos pulmões. Quando ele estava intenso assim, pairando e olhando, eu não tinha ideia do que ele

estava pensando. Tudo o que podia fazer era esperar e torcer para que minha paranoia fosse a única ameaça na sala.

Coloquei comida no prato e me juntei a ele na sala de jantar.

Em vez de olhar para o telefone como sempre fazia, toda a sua atenção estava voltada para mim. Ele se sentou à cabeceira da mesa, os cotovelos apoiados na toalha. Espetou seus ovos antes de colocá-los na boca, mas não prestou atenção em seus movimentos porque estava me olhando com muita atenção.

— Sim? — Mantive meus olhos baixos, recusando-me a encontrar seu olhar e solidificar a conexão entre nós.

— Eu não disse uma palavra.

— Mas você está olhando para mim.

— Eu tenho que olhar para algo, certo? — colocou outro pedaço de comida na boca. Ele o mastigou com sua mandíbula forte, os músculos de seu rosto trabalhando juntos enquanto ele se movia. Até mesmo as cordas em seu pescoço mudaram com os movimentos. Ele fez os movimentos mais rudimentares e inegavelmente sexy.

— Há uma janela bem ali. — balancei a cabeça para a grande janela que dava para frente de sua casa. — E uma bela paisagem para apreciar.

— Verdade. — Ele olhou para o gramado antes de olhar para mim novamente. — Mas eu prefiro esta bela paisagem. — voltou a comer, me observando com seu olhar ardente que poderia derreter calcinhas com um par de pernas quentes.

O cabelo da minha nuca se arrepiou, mas ignorei seu comentário.

— Que frase.

— Eu não tenho frases. Digo o que quero. Às vezes, isso me faz transar. Às vezes não.

— Você está tentando transar? — Rebatí.

Ele largou o garfo e me enviou uma expressão mais dura do que antes.

— Tenho tentado me enfiar entre suas pernas desde o segundo em que comprei você, no instante em que vi seu corpo nu naquele palco. Seus seios são inacreditáveis. Seu rosto fica ainda mais bonito quando está com raiva de mim. Eu me pergunto como ficaria linda ao vir para meu pau grosso.

Meus mamilos endureceram sob a minha camisa, e fiz o meu melhor para permanecer indiferente às suas palavras. Meu garfo espetou os ovos no prato e mantive meu olhar desviado, tentando disfarçar. Mas minha respiração se acelerou visivelmente. Minhas coxas se apertaram sob a mesa, mas felizmente, ele não podia ver isso. Este belo homem me fez sentir o tipo de desejo que eu não sentia há anos, mas me recusei a admitir.

— Mia.

Encarei meu prato enquanto mastigava.

— Mia. — Ele repetiu meu nome, desta vez com um tom mais profundo. Sempre que dizia meu nome, soava naturalmente sexy em meus ouvidos. — Olhe para mim ou farei você olhar para mim.

Finalmente levantei meu olhar, fingindo não me importar com nada do que ele disse.

— Deixe-me ficar com você.

Prendi seu olhar, fazendo o meu melhor para parecer zangada ao invés de excitada. Quando não pude mais segurar, voltei para a minha comida.

— Eu não durmo com homens que comprem mulheres como gado... Pelo menos, não voluntariamente.

— Então por que você quer que eu te foda?

— Quem disse que eu quero?

— Não sua boca. Mas seus olhos certamente dizem que sim.

Eu não me importava se ele estava certo. Não me importava se ele era sexy e confiante. Este homem estava tirando minha liberdade e eu não o deixaria se tornar um obstáculo. Se dormisse com Carter, ele apenas me seguraria mais forte. Seria mais difícil escapar. Seria mais difícil *querer* escapar. Morar com ele tinha sido uma férias em comparação com o inferno a que eu estava acostumada. Seria fácil ficar confortável e nunca mais sair.

— Você está confundindo excitação com ódio.

— Quem disse que você não pode ter os dois?

Ele se inclinou para mais perto de mim sobre a mesa, invadindo meu espaço pessoal como de costume. Sua mão deslizou para a parte de trás do meu cotovelo, onde seus dedos me tocaram levemente. Ele olhou para os meus lábios diretamente, seu desejo dançando na superfície de seus olhos.

Puxei meu braço, me afastando de seu toque.

— Você pode ir para a cama com qualquer mulher que quiser. Não perca seu tempo comigo.

— Eu não quero nenhuma mulher. Quero você.

Eu me virei para ele, vendo a sinceridade descrita em sua mandíbula musculosa. Ele queria me beijar de novo, desta vez não no pescoço. Ele queria me beijar em todos os lugares, explorar meu corpo com sua boca.

— Por quê?

— Porque o que?

— Por que eu? — Perguntei.

O canto de sua boca se ergueu em um sorriso, como se a pergunta o divertisse.

— Olhe para você. — Sua mão se moveu em meu cabelo, seus dedos enfiando levemente as mechas atrás da minha orelha. Ele foi gentil comigo, assim como da última vez que me tocou. Ao contrário de Egor, ele não possuía crueldade maligna. Carter olhou para meus lábios novamente. — Esses lábios macios. O atrevimento que sai deles. — Seus olhos se moveram para minha bochecha direita. — Essas bochechas de pétalas de rosa. — Ele arrastou as costas dos dedos pela minha pele. — As pequenas sardas que eu adoraria beijar. Esses olhos castanhos... Como meu café quente pela manhã. — Sua mão se moveu para o meu pescoço em seguida, me segurando delicadamente. — Esse cabelo sedoso que quero segurar. Você é excelente, Mia. Fodidamente excelente. — Seus dedos moveram-se para meu queixo e ele voltou seu olhar para mim. — Você tem uma espinha dorsal de aço. Não conheço mais ninguém que pularia de um carro em alta velocidade e fugiria. Não conheço mais ninguém que ousaria insultar um homem como eu. Não conheço mais ninguém que poderia ter suportado o que você tem, mas ainda mantenha a cabeça erguida. Eu vou dizer de novo... Fodidamente excelente. — Deixou cair a mão, mas manteve seu controle sobre mim com os olhos. — Essas cicatrizes nas suas costas... Não vou mentir. Eu gosto delas. A ideia de machucar você me deixa duro. E sei que você pode lidar com isso, o que me faz querer você ainda mais.

Seu toque me excitou e eu odiava a maneira como ele poderia me fazer sentir apenas olhando para mim. Egor tinha feito coisas terríveis comigo, e embora Carter admitisse que quisesse me machucar, eu sabia que os dois homens não eram comparáveis. Se Carter realmente fosse cruel, ele me acorrentaria e faria o que quisesse. Mas ele nunca cruzou essa linha... Sempre me dando o poder de dizer sim ou não.

Agora, ele queria que eu dissesse sim.

E o respeitei por me dar direitos. No mundo frio em que vivíamos, qualquer forma de gentileza era apreciada. Minhas expectativas em relação

aos homens diminuíram ao longo dos anos. Apesar de Carter ter me comprado, ele superou minhas expectativas.

— Deixe-me machucar você. — Seus olhos se concentraram em meu rosto, observando minhas feições com autoridade. Ele continuou a me dar uma escolha, embora não quisesse. Era como se ele se odiasse por me dar qualquer tipo de direito.

— Você quer me machucar. — sussurrei. — Eu quero ser livre. Vamos fazer uma troca.

Recostou-se na cadeira, afastando seu calor. Ele inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, preparado para ouvir meu discurso.

— Serei o que você quer que eu seja... Se você me deixar ir. — Ele soltou um suspiro silencioso com as narinas dilatadas. — Farei o que você quiser. Vou deixar você fazer o que quiser. O que quer que seja. Se você me deixar ir quando terminar.

Eu não queria ser chicoteada até sangrar. Não queria ser sufocada até desmaiar. Não queria mais sentir dor. Mas com Carter, era um sacrifício que estava disposto a fazer... Para ser livre.

Ele não disse nada, sua mandíbula cerrada com força.

— Carter.

— Eu disse que nunca iria deixar você ir.

— E eu nunca vou deixar você me foder... De boa vontade.

Suas sobrancelhas franziram lentamente, sua raiva preenchendo a sala. Uma sombra passou pela janela, tornando o ambiente mais escuro. Sua raiva era palpável. Como um rei que acabava de ser desafiado, ele planejava a melhor execução.

— Esta é a única maneira de você conseguir o que deseja. Apenas me deixe ir. Você vai ficar entediado comigo eventualmente. Não vou contar a ninguém que você me comprou... Se você apenas me deixar ser livre.

Ele balançou a cabeça ligeiramente.

— Existe outra maneira.

— O que? — Perguntei, confusa.

— Se você tentar escapar. Se você quebrar sua regra, eu posso quebrar a minha também.

Meu coração começou a disparar novamente.

— Eu não sou estúpido, Mia. Sei que você provavelmente tentará alguma coisa. Considere isso um aviso amigável. Mesmo que tente, você não vai escapar. Serei tão cruel quanto seu mestre anterior. Vou abrir essas velhas feridas e drenar todo o seu sangue. Mas se você aceitar agora... Serei gentil. Eu serei gentil. Você sempre terá o poder de me pedir para parar, de me pedir para ser mais gentil. Eu vou fazer você gozar - a noite toda. Você vai gostar tanto quanto eu. Você pode ser forte e inteligente... Mas nunca como eu. Sou um oponente que você não pode derrotar. Então, pense nisso... E tome a decisão certa.

Eu o tinha subestimado.

Carter estava certo.

Ele me deu outra opção, mas como essa opção não era o que eu queria, não pude aceitar.

Apesar da ameaça que ele me fez, não podia deixar isso me deter. Eu tinha que sair daqui.

Peguei meu telefone de trás da panela de barro na cozinha, em seguida, carreguei-o para o meu quarto para dar uma olhada. Reproduzi o vídeo e o adiantei até o momento em que Carter inseriu o código no sistema de alarme.

Eu consegui.

Peguei todos os cinco números da senha.

Eu tinha o código para escapar desse lugar.

Uma luz de esperança brilhou em meu coração, e foi a primeira vez que senti emoção nos últimos três anos. Havia conquistado algo que não achava possível. Eu tinha o código para desligar o alarme. Se saísse enquanto ele dormia, estaria horas à frente dele. Ele não notaria até a manhã seguinte, e então, eu poderia estar em qualquer lugar.

E se pegasse um de seus carros e o jogasse em um lago, ele nem saberia por onde começar a procurar por mim.

Poderia correr e desaparecer. Assim que ele parasse de me procurar, eu poderia me revelar novamente.

Mas então me lembrei de uma pequena falha em meu plano. O rastreador.

Estava embutido no meu tornozelo, bem abaixo da cicatriz em minha pele.

Não tinha outra escolha. Teria que ir até o fim com o plano. Haveria muito sangue, muita dor. Seria nojento, manchando a cama até o colchão. Eu não sabia dar pontos e, mesmo que soubesse, duvido que tenha os suprimentos. E teria que enfaixá-lo o melhor que pudesse antes de fugir.

Eu não queria fazer isso. Mas teria que fazer.

Faria o que fosse necessário para sair de lá. E finalmente ir para casa.

Fiz o jantar naquela noite, uma salada verde mista com frango e arroz. Carter mandou alguém trazer mantimentos para casa, e me disseram para fazer refeições com base no que trouxeram. Trabalhei na cozinha, assando o frango no forno enquanto aperfeiçoava o arroz no fogão. Costumava cozinhar em casa o tempo todo. Era uma parte normal da minha vida. Quando fiquei presa a Egor, todos aqueles luxos do dia-a-dia foram tirados de mim. Era bom estar na cozinha, fazer uma refeição que eu pudesse realmente desfrutar.

Carter estava na sala, assistindo TV, sem camisa, como sempre. Ele apreciou seu scotch, um ritual noturno que fazia todas as noites desde que eu cheguei. Se ele não tivesse um controle tão forte sobre suas faculdades mentais, ficaria preocupada com o quanto ele bebeu. Ele conseguia tolerar sua bebida melhor do que qualquer outra pessoa que eu conheci, até mesmo Egor.

Olhei para a faca afiada sobre o balcão. Com fio de navalha e feito de aço inoxidável, era o instrumento perfeito para remover o rastreador do meu tornozelo. Seria doloroso, mas como eu encontrei um monte de curativos no banheiro do térreo, deveria ser capaz de funcionar.

Era só esgueirar-me para o meu quarto.

Carter tinha parado de me trancar no quarto uma semana atrás, confiante de que o rastreador e o sistema de alarme seriam suficientes para me manter dentro. Seu quarto e escritório estavam trancados, então não havia como eu chegar até ele.

A menos que eu queime a casa.

Essa não foi a pior ideia... Exceto que eu não queria matá-lo.

Eu não deveria me preocupar em conceder misericórdia a ele só porque não era mau como Egor. Ele não me estupraria, mas também não me daria a liberdade. Pode haver diferentes graus de maldade, mas no final do dia, ainda era mal em sua forma mais básica.

Não deveria importar que o achasse atraente... Apesar de tudo que passei.

Mas ainda não consegui.

Terminei o jantar e coloquei os pratos na mesa de café da sala de estar. De manhã, Carter gostava de se sentar à mesa de jantar, mas à noite gostava de se sentar em frente à TV. Na maior parte do dia, ele estava ao telefone, malhando ou cuidando das coisas em seu escritório. Eu não o tinha visto sair nenhuma vez, com exceção de uma emergência familiar.

E me perguntei se ele iria embora.

Isso tornaria meu plano mais fácil. Eu poderia fazer tudo isso quando ele estivesse fora de casa, ao invés de se ele estivesse dormindo. Mas como não tinha ideia de quando isso aconteceria, não queria esperar um dia a mais do que o necessário.

Os olhos de Carter observaram meus movimentos enquanto colocava o prato na frente dele.

— Este parece ser bom.

— Obrigada. — Sentei-me no outro sofá com meu prato, saboreando uma taça de vinho, já que precisaria dela para a dor que estava prestes a induzir.

Em vez de insistir, ele continuou olhando para mim. Egor sempre infectou meu espaço com seu toque nojento. Carter poderia fazer isso com apenas um olhar. Um olhar intenso e profundo que fez minha pele formigar e formar caroços.

Eu o ignorei, fingindo que seu olhar penetrante não me afetou tanto quanto realmente fez.

Ele finalmente voltou-se para a comida e começou a comer. Mesmo quando estava curvado para frente sobre o prato, seu estômago ainda estava rígido e o abdômen contraído. Sua pele bronzeada era firme em todos os

lugares, cobrindo músculos grossos e poderosos. Ele cortou sua comida e deu uma mordida.

— Tem um gosto tão bom quanto parece.

— Obrigada.

— Eu me pergunto se você tem um gosto tão bom quanto parece.

Recusei-me a olhar para ele, dizendo a mim mesma que esta seria a minha última noite com ele. Mesmo que uma parte de mim quisesse ficar aqui, ter uma vida confortável cozinhando e limpando, eu não poderia ficar. Tinha uma vida esperando por mim.

— Felizmente, não terei que pensar por muito tempo.

Eu dei uma mordida e mastiguei.

— Você sabe o que eu penso?

— Diga-me. — Bebeu seu scotch. — Eu acho essa boca inteligente tão atraente quanto o resto de você.

Escutei suas palavras, irritada comigo mesmo por ter achado seus comentários idiotas encantadores.

— Eu acho que você só me quer porque não pode me ter. Sou apenas um objeto, um prêmio. Outro entalhe em seu cinto. Sou algo que você pode colecionar, algo que pode aumentar seu ego. Já que não quero você, isso abala sua confiança. Agora, ficar entre minhas pernas, é uma questão de orgulho. Por que mais você não me força? Porque é um jogo para você. O ponto não conta se você trapacear.

Em vez de ficar com raiva pelo que eu disse, ele soltou uma risada baixa.

— Sua rejeição não abala minha confiança. E sua rejeição não me faz querer mais você. Independentemente da sua atração por mim, você sofreu muito. Por que qualquer mulher que passou por essas coisas iria querer abrir as pernas novamente? Não, a razão pela qual quero você é simplesmente

porque quero você, porque admiro seu fogo, sua bravura e sua resistência. Da cabeça aos pés, acho você linda. Das cicatrizes em suas costas aos lábios perfeitamente macios, acho que você é uma mulher muito desejável. Acredite em mim, não sou o tipo de homem que gosta de mulheres nessa situação. Posso pagar por sexo de vez em quando, mas isso é só porque as prostitutas são mais pervertidas. Nunca pensei que me sentiria atraído por alguém como você, quando já transei com todos os tipos de mulheres - desde virgens que queriam que eu fosse o primeiro, até mulheres que queriam que eu fodesse suas bandas. Você não se encaixa no meu paladar. Nunca gostei de escravas. Mas isso não muda nada. Eu quero você, Mia.

Eu acreditei em cada palavra que ele disse porque suas ações provaram isso. Ele não respeitaria meus direitos de outra forma. Mas havia algo faltando em sua explicação.

— Eu não sou uma escrava. Sou uma prisioneira, grande diferença. E se você não gosta de prisioneiros, por que me comprou?

Ele voltou para seu scotch e tomou um longo gole.

— Já te respondi.

— Só para irritar alguém? — Perguntei incrédula. — Parece mais trabalho do que vale a pena.

— Eu não acho isso... Posso olhar para você todos os dias. — Ele pegou o garfo e começou a comer novamente. — Você cozinha para mim. Você limpa para mim. E acho que vou começar a fazer com que você use só lingerie enquanto faz todas essas coisas.

— Não estou usando lingerie.

Seu olhar autoritário se voltou para mim.

— Escolha suas batalhas, querida. Porque você não vai ganhar todas elas.

A ameaça era clara e eu sabia que ele cumpriria sua palavra se o pressionasse. Se eu quisesse manter minhas pernas fechadas, teria que obedecer de outras maneiras. Meu temperamento explodiu naturalmente, mas o mantive refreado, sabendo que era melhor ficar em silêncio.

Ele continuou a comer, seus olhos se voltando para a TV.

Eu esperava que a hostilidade daquela noite tivesse passado. Algumas horas depois que ele adormecesse, faria meu movimento. Eu poderia cortar o rastreador do meu tornozelo, desligar o alarme e fugir em um de seus carros.

E estaria livre.

Então, fechei minha boca e comi meu jantar em silêncio.

Lavei os pratos e limpei a cozinha antes de ir para a cama.

Carter subiu as escadas antes de mim, então coloquei a faca no bolso de trás da minha calça jeans e cobri o cabo com minha camisa. Subi as escadas um momento depois, vendo a porta do seu quarto fechado no final do corredor.

Entrei no meu e fechei a porta atrás de mim.

Peguei a faca e coloquei sob os lençóis da minha cama. Não havia fechadura na porta do meu quarto, não por dentro. Então, rapidamente escondi a faca, no caso de Carter voltar para dizer mais alguma coisa.

Passei o tempo deitada na cama, com a faca ao meu lado, olhando para o teto enquanto a noite se aprofundava. Carter nunca tinha entrado em meu quarto no meio da noite, mas eu queria prevenir caso seu comportamento fosse diferente. Quanto mais eu o rejeitava, mais ele me perseguia. Ele pode dar um passo adiante e entrar no meu quarto sem avisar, nu e duro.

Havia um relógio na minha mesa de cabeceira, então eu continuei olhando para ele, esperando a hora passar.

Esperar até as três da manhã parecia levar uma vida inteira. Carter costumava acordar antes das oito da manhã, então ele tinha que estar dormindo por uma, o mais tardar. Mas esperei um pouco mais para ter certeza de que ele estava dormindo antes de eu fazer minha jogada.

Quando deu três da manhã, finalmente comecei a trabalhar.

Meu coração batia forte de terror. O pânico estava pesado na minha garganta, e minha respiração saiu instável, apesar do quão duro eu trabalhei para ficar calma. Minhas mãos tremiam, tanto de medo quanto de excitação. O pensamento de me libertar hoje à noite me deu uma espécie de alta da qual eu não poderia descer. Era o que eu queria mais do que tudo no mundo. E não poderia deixar essa oportunidade escapar de mim.

Essa não era uma opção.

Puxei uma pilha de toalhas para perto da cama e me preparei para o primeiro passo.

Removendo o rastreador.

Nunca tinha feito nada assim na minha vida. Meus dedos sentiram exatamente onde o rastreador estava sob a pele, a forma definitiva que ele adquiriu quando pressionei meus dedos para baixo. Não era muito grande, então deveria ser fácil de remover - se eu me cortar da maneira certa.

Eu estava com medo do que poderia acontecer, mas me lembrei que já tinha passado por coisas piores - nas mãos de Egor. Ele tinha me chicoteado até que eu sangrasse por toda a cama. Ele me deu um soco no rosto quando eu resisti a ele. Ele até quebrou minha perna quando dei um tapa nele. Não havia nada que eu pudesse fazer comigo mesmo que doesse mais do que isso.

Então segurei minha respiração e fiz.

Doeu como uma cadela. Havia sangue por toda parte. Mas mantive a calma e terminei o procedimento, colocando o pequeno rastreador na cama ao meu lado. Eu me enfaixei e ignorei a dor subindo pela minha perna. Havia a possibilidade de uma infecção, mas quando eu estivesse livre, poderia visitar um médico para obter o que precisava.

Agora, eu precisava me mover.

Coloquei os travesseiros sob o lençol para fazer parecer que ainda estava dormindo. E coloquei o rastreador lá também, apenas no caso de ele verificar minhas coordenadas aleatoriamente. Joguei as toalhas ensanguentadas no banheiro e, em seguida, rastejei para o corredor.

A porta de seu quarto ainda estava fechada.

O corredor estava escuro porque todas as luzes ainda estavam apagadas. Não me arrisquei a ligá-las e agarrei-me ao corrimão de madeira para me guiar até o andar inferior. Sem respirar e com pequenos movimentos, descí sem fazer ranger os degraus de madeira. Quando cheguei ao primeiro andar, fui até a cozinha.

O painel de alarme estava delineado em luz azul, cada um dos botões facilmente visível na escuridão. Eu memorizei o código de cinco. Havia a possibilidade de que ele tivesse mudado desde ontem, mas eu arrisquei.

O alarme deu um leve bipe antes de ser desligado.

Ok!

Eu sabia onde ficava sua garagem, embora nunca tivesse entrado. Minha inspeção da casa me deixou de mãos vazias em relação às chaves do carro. Eu não tinha ideia de onde ele as havia deixado. Não estavam em parte alguma da casa e, a menos que ele as levasse para o seu quarto, havia apenas um lugar onde poderiam estar.

Na garagem.

Abri a porta e entrei na grande garagem. Acendi as luzes, revelando seis carros esportivos diferentes. Dois eram pretos, dois eram vermelhos, um era azul e outro amarelo.

Eu sorri, sentindo o gosto da liberdade na minha língua. Nem percebi a dor no meu tornozelo ou o sangue escorrendo pelo meu pé. Agora que eu tinha chegado tão longe, não havia nada que pudesse me impedir.

A parte mais difícil acabou.

Eu apertei o botão do controle, então a grande porta subiu lentamente e revelou a entrada da garagem.

Pude ver as estrelas. Podia sentir a brisa. Podia sentir o cheiro de verão no ar. Estava tão quieto que eu podia me ouvir respirar, ouvir meu batimento cardíaco alto. Minhas mãos tremeram ligeiramente, seja pela perda de sangue ou pela onda de excitação.

Na parede estavam pendurados seis conjuntos diferentes de chaves. Perfeito.

Todos os carros estavam enfileirados, um ao lado do outro, então precisei das chaves de um dos dois últimos, os dois mais distantes da casa para ficar mais silencioso. Elas eram todas da mesma marca, então não consegui descobrir qual chave pertencia a qual. Com base na ordem em que as chaves foram penduradas, ou o primeiro conjunto de chaves era para um dos últimos dois carros ou era o contrário.

Peguei o último conjunto de chaves e apertei o botão de desbloqueio. A buzina soou e as luzes piscaram. Era o último carro na fila, o mais próximo da entrada da garagem.

Graças a Deus.

O som foi um pouco alto, mas como Carter estava do outro lado da casa com a porta fechada, duvido que ele tenha ouvido. Abri a porta do motorista e

entrei. As chaves não deslizaram na ignição porque tudo era eletrônico. Eu apertei o botão de partida e apertei o freio, esperando o motor rugir para vida.

Nada aconteceu.

Tentei mais algumas vezes, sabendo que estava fazendo tudo certo.

Ainda não funcionou.

— Que diabos? — Comecei a bater em tudo, a colocar meu pé no acelerador. Não importava o que eu pressionasse, o motor nunca ligava. Não poderia ser tão difícil ligar um carro, mas nada do que fiz funcionou.

Merda.

Fugir de carro fazia mais sentido, mas se não fosse uma opção, eu iria a pé.

Eu tinha chegado até aqui e um carro idiota não iria me parar.

Abri a porta e saí.

Uma mão voou pela escuridão e me agarrou pelo pescoço. Fui empurrada contra o carro, meus seios batendo na porta. Minhas mãos bateram nas janelas e o ar foi expulso de meus pulmões.

Minhas mãos foram puxadas para trás, como um policial faz ao prender um fugitivo. Uma de suas grandes mãos segurou meus pulsos juntos, enquanto a outra mão continuou segurando minha nuca. Seu peito poderoso empurrou contra mim, seu pau duro pressionando através de sua calça de moletom e no meu jeans. Ele soprou em meu ouvido, suas palavras ameaçadoras.

— Você quebrou minha regra. — apertou meu pescoço um pouco mais forte, me fazendo lutar para respirar.

Eu encarei a parede da garagem, a adrenalina latejando em meus ouvidos. Não o tinha visto na garagem. Não tinha ideia de que ele estava vindo. Eu realmente pensei que o havia enganado, que estava a poucos minutos da

liberdade. Foi um erro desafiá-lo, pensar que eu poderia realmente vencê-lo em sua própria propriedade.

Mas não me arrependi, independentemente do que aconteceu a seguir. Seus lábios roçaram o lóbulo da minha orelha.

— Agora eu posso quebrar a minha.

Ele era muito pesado e forte para eu lutar. Minhas mãos estavam presas e minha garganta estava à sua mercê. Meu tornozelo continuava a sangrar e agora a dor era insuportável. Toda a esperança que uma vez queimou em meu coração se foi. Nunca me senti tão derrotada, tanta auto depreciação. A fuga nunca foi realmente uma opção. Sempre foi uma fantasia.

— Por favor, deixe-me ir. Você é um bom homem.

— Nunca dei a você uma razão para acreditar que eu sou. Queria que você quebrasse minha regra, enganei-a fazendo você pensar que poderia realmente escapar. Um bom homem faria isso? — Ele continuou falando em meu ouvido, seu pau grosso pressionando bem contra minha bunda.

— Por favor... — Este não poderia ser o fim. Eu nunca pararia de tentar. Nunca iria parar de tentar voltar para onde eu pertencia.

— Eu te disse isso uma vez e vou te dizer de novo. — Ele puxou minhas mãos, forçando meus ombros a se esticarem desconfortavelmente. Seu braço circulou minha garganta, e ele me deu um mata leão, tendo total controle sobre meu corpo. — Nunca. Eu nunca vou deixar você ir.

CAPÍTULO 2

Vanessa

Eu estava com Carmen em uma mesa alta no bar. Era uma noite de sexta-feira e, após a longa semana de trabalho, as pessoas comemoravam a chegada do fim de semana. Música tocava alto, o baixo estrondando ao fundo. Eu estava com um vestido roxo com salto preto. Carmen parecia uma supermodelo com um vestido azul decotado na frente.

— Então, sobre o que Griffin e seu pai conversaram? — Carmen mexeu o gelo da bebida com o canudo. Nós duas terminamos nossas bebidas, e Griffin tinha ido ao bar para nos buscar outras. O bar estava cheio, então ele provavelmente demoraria um pouco para voltar.

— Ele realmente não disse.

— Ele realmente diz alguma coisa? — ela provocou, olhando para ele atrás de mim.

Eu ri.

— Com a boca, não. Ele geralmente transmite seus pensamentos com um olhar.

Seus olhos se moveram por cima do meu ombro novamente, vendo-o ao fundo.

— Acho que sei o que ele está tentando dizer agora...

Eu não me virei.

— Ele provavelmente está olhando para a minha bunda. — podia sentir seu olhar penetrante contra minhas costas, senti-lo me cercando mesmo quando ele estava a quinze metros de distância no bar.

— Ele está olhando para você, querida.

Finalmente olhei por cima do ombro para olhar para Griffin. Ele estava encostado no bar esperando o serviço e matou o tempo olhando para mim como o homem mais possessivo do universo. Ele reivindicou todo o caminho do outro lado da sala, mantendo os meninos longe com sua confiança taciturna. Assim como fazia quando estávamos sozinhos, ele não tinha medo de me lançar aquele olhar... O mesmo olhar que mostrava quando estava em cima de mim, empurrando meu corpo contra o colchão embaixo dele.

— A gostosa ao lado dele praticamente tem as bochechas de sua bunda saltando para fora, e ele nem mesmo a nota.

Uma mulher de salto preto estava ao lado dele, usando um vestido vermelho curto, cuja bainha havia subido durante a noite. Agora, a parte inferior das bochechas de sua bunda estavam visíveis, e sua calcinha não estaria muito atrás. Bones parecia alheio a ela, me olhando como se eu fosse a única coisa que importasse.

— Ela não é o tipo dele. — Eu me virei, incapaz de tirar o sorriso do rosto.

— Qual é o tipo dele? — ela perguntou. Dei de ombros.

— Eu.

Seus olhos se suavizaram.

— Nunca te vi tão feliz, Vanessa. Nem mesmo antes de você conhecê-lo.

— Não. Não sabia o significado da felicidade até agora.

Ela olhou para o bar novamente.

— Ainda olhando para você.

— Ele vai fazer isso a noite toda.

— Ele é assim em casa?

— Sim. Cada segundo do dia.

Ela suspirou, seus olhos se movendo para o teto.

— Esse homem é incrível. Ele é o tipo de homem que não deixa você com ciúme das outras mulheres... Mas deixa todas as mulheres com ciúme de você. Ele é possessivo, mas não desconfiado. Ele é construído como uma casa de tijolos. Ele levaria um tiro por você ou por qualquer pessoa que você ama em um piscar de olhos. — Ela suspirou novamente. — Ele sabe como lidar com uma mulher de verdade. Ele é tão mau que é bom. Espero encontrar um homem assim algum dia... Mas acho que ele é único.

Eu estive com alguns homens, e nenhum deles chegou perto de Bones.

— Ele é *definitivamente* único.

— Ele tem um irmão por acaso? — Eu ri.

— Não. Desculpe.

— Droga. — ela disse. — Talvez eu precise andar pelas ruas tarde da noite e espero testemunhar um crime...

— Carmen, é melhor você estar brincando.

— Funcionou para você, não é? — ela brincou.

— Você encontrará o homem certo, Carmen. Não sei quando ou como... mas você vai. Conway nunca foi o tipo de cara que seria marido e pai... até conhecer Sapphire. Então você vai conhecer um cara e transformá-lo no homem que você quer que ele seja.

— Eu não quero transformá-lo em um homem. Eu quero que ele me transforme em uma mulher. Entendeu?

Eu ri.

— Bom ponto.

— Tenho certeza que Griffin já era um homem quando você o conheceu.

— Sim. Todo homem.

Ela examinou o bar, vendo a multidão de homens e mulheres.

— Eu não me importo de ser solteira. É divertido. Tenho minha independência, tenho minha loja e ainda sou jovem. Não tem pressa. Mas todos aqueles primeiros encontros, sexo ruim constrangedor e homens pegajosos estão cansando. Ver o que você tem com ele, me faz querer isso também. Mas sei que não posso apressar. Tenho que esperar o Príncipe Encantado entrar pela porta.

— Você sabe o que eu aprendi?

— O que? — ela perguntou. — Você tem tudo planejado..

— Você não quer o Príncipe Encantado. — eu disse. — Você não quer um “cavalheiro baunilha”. Eu gostava de Antonio, mas ele era muito simples para mim. Ele estava muito seguro, muito chato. Eu nunca teria sido feliz com ele, não como estou com Griffin.

— Então você gosta de meninos maus?

— Griffin é um homem, não um menino. E não, esse também não é o meu tipo. Acabei de perceber que queria um homem forte que não se intimidasse com meu atrevimento ou força. Eu queria um homem forte que fosse poderoso o suficiente para me fazer sentir segura, embora eu não precise de um homem para nada. Griffin faz todas essas coisas... me faz querer coisas que eu não sabia que precisava.

Seus olhos se ergueram, seguindo alguém pelo bar.

— Chegando.

Eu senti seu cheiro quando estava a poucos metros de distância. Sua colônia misturada com sua loção pós-barba e sabonete encheu minhas

narinas. Eu podia sentir o calor que seu corpo gerava antes de ele realmente me tocar. Ele colocou as bebidas na mesa, duas bebidas para nós e um scotch para ele. Se moveu para o lugar ao meu lado e apoiou o braço na superfície, os dedos segurando o copo. Seu olhar queimou direto pela minha pele.

— Obrigada pela bebida. — Carmen deu um gole no dela pelo canudo.

Ele não olhou para ela, seus olhos em mim.

— De nada.

Eu estava acostumada com ele me olhando assim o tempo todo, mas os outros não.

— Pare.

Ele sabia exatamente a que estava me referindo, mas ergueu o copo e tomou um gole sem dirigir o olhar para outro lugar.

— Não.

Carmen sorriu.

— Deixe o homem fazer o que ele quiser. Ele merece. — Ela olhou para a multidão novamente, nos dando um pouco de privacidade.

O canto de sua boca se ergueu em um sorriso.

— Ela é minha Barsetti favorita.

— Você já disse isso antes. — agarrei meu copo, mas não tomei um gole.

— Estou dizendo de novo.

— Não sou sua Barsetti favorita? — Tomei um gole, deixando o álcool gelado descer pela minha garganta.

— Você nem sempre será uma Barsetti. — Ele bebeu seu scotch, como um alcoólatra, embora já tivesse reduzido. Mantive meu rosto controlado e não reagi ao que ele disse, mas suas palavras me atingiram bem no coração. Nós conversamos sobre nos casar antes. Ele disse que se meu pai o aprovasse, ele

queria se casar, mas desde que estávamos juntos novamente, a conversa não havia surgido. Eu nunca mencionei isso, não queria apressá-lo. Enquanto estivéssemos juntos, eu era feliz. Quer eu fosse sua esposa ou não, a conexão que tínhamos era inquebrável. Depois de tudo que ele passou, poderia levar o tempo que quisesse. Eu queria que ele fosse meu marido, mas se nunca fosse, isso não mudaria nada.

Ele segurou meu olhar, em seguida, tomou outro gole, sem vergonha do que disse.

— Então, por enquanto, eu sou sua favorita.

Ele se aproximou de mim, sua cabeça abaixada para que ele pudesse trazer seu rosto para mais perto do meu.

— Por enquanto. — Sua mão se moveu pela curva profunda da minha coluna, as pontas dos dedos cobrindo minhas costas inteiras. Sua palma estava quente, aquecendo o tecido contra minha pele. Ele não mostrava afeição pública com muita frequência, pelo menos não com as mãos. Mas agora ele estava insinuando as coisas que queria fazer comigo quando estivéssemos em casa.

Carmen se voltou para nós depois de terminar de examinar a sala.

— Griffin, você tem algum cara para me arrumar? Já que sou sua favorita? — Ela sorriu para ele, seus longos cabelos castanhos emoldurando seus ombros perfeitamente. — Procuro o tipo forte e silencioso, alguém como você. Você sabe, ruim, mas não tão ruim...

Bones finalmente desviou o olhar de mim para olhar para a minha prima.

— Não.

— Você não tem um único cara? — ela perguntou incrédula. Ele bebeu e pousou o copo.

— Não.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Sem amigos ou o quê?

— Eu tenho alguns. — respondeu, sua voz profunda. — Mas nenhum que seja bom o suficiente para você.

— Aww. — Ela mexeu sua bebida. — Isso é gentil da sua parte.

— E quanto ao Max? — Perguntei.

Bones rejeitou a sugestão imediatamente.

— Não.

— E o outro? — Perguntei.

— Não. — ele repetiu, mexendo sua bebida.

— Parece que você está sozinha. — eu disse a Carmen.

— Ah bem. — Ela olhou para sua bebida assim que um homem se aproximou da mesa. Com uma bebida na mão, ele veio do lado de Carmen.

— Gostei do seu vestido. — Ele a olhou de cima a baixo, um homem bonito em uma camiseta justa. Ele estava confiante. Um pouco confiante demais.

— Obrigada. — Carmen sorriu. — Eu sou Carmen.

— Garoto. — Bones olhou para o homem que se juntou a nós, dando a ele um olhar terrível que faria qualquer um mijar nas calças. Ele falou como um barítono, sua voz poderosa mais profunda do que o baixo que tocava acima.

Congelei com sua agressão inesperada, e Carmen quase pulou fora de sua cadeira.

O cara se virou para ele, seu copo começando a escorregar devido ao suor que havia se formado em sua palma.

— Somente homens. — Bones latiu. — Não, meninos. Saia.

O cara não enfrentou Bones e caminhou de volta para a multidão, sem dizer outra palavra antes de desaparecer entre os grupos de pessoas que estavam ombro a ombro no bar lotado.

Carmen se virou para Bones, sua sobrancelha levantada.

— O que havia de errado com ele?

— Sim? — Perguntei.

— Ele estava bebendo Jack e Coca.

Carmen e eu nos encaramos, sem ter ideia do que isso deveria significar.

— Primeiro, como você sabia que era Jack e Coca? — Perguntei. — Segundo, o que isso importa?

— Posso dizer somente olhando para ele. — Ele voltou seu olhar para mim novamente, tão possessivo quanto antes. — E isso importa pra caralho. Se um cara tem que diluir sua bebida com coca, ele não é um homem. Ele é um menino. E essa frase de abertura foi patética. Ele duraria dois minutos na cama antes de desabar em cima de você. Mulheres Barsetti pertencem a homens de verdade, não a garotinhos patéticos fingindo serem homens. — Ele bebeu o resto de seu uísque até que o copo estivesse vazio antes de marchar de volta para o bar para enchê-lo novamente.

Carmen o observou ir embora e, quando ele estava fora do alcance da voz, ela sorriu.

— Ele é intenso, hein?

— Sempre.

— Meio territorial.

— É porque ele gosta de você.

— Ele é territorial porque gosta de mim? — ela perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

— Sim. Você é a favorita dele, então ele quer o melhor para você.

— Bem, isso é doce... Embora eu não precisasse de outro irmão superprotetor. — mexeu o conteúdo de seu copo antes de tomar um gole.

— Eu não pensei que precisava de outro homem protetor em minha vida também. — Nunca precisei de um homem para cuidar de mim, para me manter segura à noite ou aquecer quando o aquecedor pifasse. Nunca precisei de um homem para me levar para casa, para levantar coisas pesadas para tornar minha vida mais fácil. — Mas agora não consigo imaginar minha vida sem aquele homem das cavernas superprotetor, psicopata e territorial.

Depois de termos ido a pé até a casa de Carmen, voltamos para o nosso pequeno apartamento acima da galeria. Era estranho andar pelas ruas de paralelepípedos com ele ao meu lado, depois de ter caminhado por essas ruas sozinha por tanto tempo. Era um calor de noite de verão, e a brisa lambeu o suor da parte de trás do meu pescoço. Meus saltos estavam começando a matar meus pés porque eu os estava usando por quase cinco horas. Não achei que precisávamos levar Carmen para casa, mas Bones insistiu, então isso foi um quilômetro a mais que tive que gastar nos sapatos.

Bones caminhava ao meu lado, usando um decote em V cinza que se estendia por seu peito poderoso e braços grossos. Mais de trinta centímetros mais alto do que eu e possuindo a ameaça de uma gárgula, ele manteve o caminho à nossa frente livre apenas com sua presença. Seus braços poderosos balançaram ligeiramente ao lado do corpo, e ele olhou para frente, seus olhos procurando por um perigo que não existia.

Suspirei baixinho, os saltos se tornando demais. Não me importava o quão sujo meus pés ficassem por andar descalça. De jeito nenhum eu poderia andar mais três quarteirões assim. Eu parei e os tirei.

Bones parou exatamente no mesmo momento, em sintonia comigo completamente.

— Eu não posso mais usar isso. Eles estão...

Ele me pegou em seus braços e me embalou contra seu peito antes de subir a rua novamente. Como se eu pesasse tanto quanto uma pilha de penas, ele me carregou sob os postes mal iluminados.

Segurei meus sapatos com uma única mão, deixando-os balançar sobre seu ombro.

— Eu poderia ter caminhado.

— Não quero seus pés sujos contra meu peito.

Observei seu perfil lateral enquanto ele entrava e saía da luz dos postes de rua. Sua mandíbula dura estava tensa e coberta por uma barba rala, e seus olhos azuis voltados para frente enquanto me carregava para casa. Não havia sinal de esforço, nem uma pontada de dor de seu ferimento à bala curado.

— Você já sabe como irá me foder quando chegarmos em casa?

— Eu sempre sei.

Movi meu braço em volta de seu pescoço, meus sapatos balançando em seu outro ombro. Minha boca deslizou para seu pescoço logo abaixo de sua orelha e o beijei suavemente, arrastando meus lábios macios sobre as cordas em seu pescoço.

— Talvez eu saiba como quero te foder. — Continuei beijando-o, minha respiração quente em sua orelha.

Ele atravessou a rua e continuou andando, seu corpo não indicando sua excitação. Estávamos em público, então ele estava preparado para um ataque

de todas as direções. Depois de tudo que viu, ele sempre era paranoico. Se ele gostava dos meus beijos, ele gostava muito deles.

— Não me importo.

Eu circulei meu outro braço em volta do seu pescoço, meu rosto descansando contra o lado de sua cabeça.

— Você não se importa como sua mulher quer te foder?

— Não. Hoje à noite, eu quero fazer tudo.

Fechei meus olhos, excitada em segundos. Apenas um momento atrás, tudo que eu conseguia pensar era na dor em meus calcanhares, mas agora tudo em que conseguia pensar era nos músculos poderosos que estavam me segurando sem esforço, a maneira como meu homem disse que me levaria no segundo em que estivéssemos em casa. Eu gostava de estar cercada por ele, seu corpo enorme mergulhando no colchão e me protegendo dos horrores do mundo. Gostava de sentir que ele gostava de mim, tomava tudo de mim como um prêmio que ganhou. Falei em seu ouvido.

— Me leve para casa.

Ele virou a cabeça na minha direção e deu um beijo na linha do meu cabelo.

— Sim, baby.

Ele me carregou escada acima, destrancou a porta com uma das mãos e me levou para dentro do apartamento que comprou para mim. Meus sapatos atingiram o chão, batendo contra o piso de madeira junto com seus passos pesados. Me levou para o quarto e me jogou nas cobertas. Ele puxou a camisa pela cabeça, em seguida, tirou as calças, movendo-se o mais rápido que podia porque não estava com humor para ir devagar. Mesmo se eu pedisse a ele para fazer amor comigo, ele provavelmente não faria isso. Sua boxer e jeans atingiram o chão, e ele ficou na escuridão, todo músculos, tinta e poder. Seus quadris estreitos levavam a um tórax largo que era flanqueado com definição

suficiente para fazê-lo parecer um soldado romano. A tinta preta contrastava com sua pele clara, um painel por todo o corpo. Seu abdômen tanquinho era duro como concreto e seus ombros tinham com tantos músculos que ele parecia esculpido em mármore.

Eu o encarei, minhas coxas doendo e minha boceta queimando. Seus joelhos bateram no colchão, fazendo toda a mudança de gravidade por causa de seu peso. Suas mãos se moveram pelo meu vestido curto, e ele agarrou a renda da minha calcinha antes de puxá-la pelas minhas longas pernas. Depois que tirou pelos meus pés, pressionou em seu nariz e respirou fundo, seus olhos fixos nos meus.

Oh Deus.

Ele jogou minha calcinha no chão, em seguida, empurrou meu vestido acima dos meus quadris. Normalmente, ele tirava cada peça de roupa calmamente, mas esta noite, ele não estava com humor para esperar mais trinta segundos.

Ele agarrou meus quadris, seus dedos passando pela minha bunda, e me levantou até que meu corpo ficasse no nível do dele. Me segurou no lugar enquanto se enfiava dentro de mim, colocando seu grande pau dentro de mim com um único impulso.

— Deus... — Meus quadris estavam no ar e meus ombros contra a cama. Eu agarrei seus pulsos e o observei bater em mim, tomando minha boceta como se ele a possuísse.

Ele me fodeu rápido, batendo com força a cada estocada. Todos os músculos de seu núcleo se contraíram e se moveram enquanto ele usava seu estômago, bunda e costas para se enfiar dentro de mim mais e mais.

— Griffin... — Minha cabeça rolou para trás e eu gostei desse homem, gostei de tudo que ele me deu.

Ele moveu uma mão para minha garganta, me segurando com uma única mão.

— Olhos em mim.

Virei meu olhar de volta para ele, sua mão ainda em volta do meu pescoço.

— Esta. Boceta. É. Minha.

— Griffin...

— Diz. — Ele me apertou um pouco mais forte, suas estocadas nunca vacilaram.

— Minha boceta é sua.

— Não. — Ele deixou cair meus quadris e se reposicionou, seus braços se movendo atrás dos meus joelhos. Ele se enterrou entre minhas pernas, indo até as bolas. Começou a me foder de novo, desta vez profundo e forte. — Não é sua, Vanessa. É minha agora. Diga de novo.

Eu sabia que gozaria algumas vezes naquela noite. Ele era perfeito entre as minhas pernas, tão grande e profundo que eu concordaria com qualquer coisa que ele me dissesse.

— Essa boceta é sua.

Ele inclinou a cabeça para baixo e me deu um beijo quente, cheio de língua e saudade.

— Sim. Sim, ela é.

Como todas as manhãs, às sete horas, acordei com Bones entre minhas pernas. Ele sempre me virava de costas, abria meus joelhos e enfiava seu pau

dentro de mim sem nem esperar que eu acordasse. Ele me balançou no colchão, forte o suficiente para fazer a cabeceira bater contra a parede, mas não tão agressivo quanto ele era à noite.

Meus olhos permaneceram fechados e o senti enterrar o rosto no meu pescoço, me fodendo de forma preguiçosa. Uma mão agarrou a parte de trás do meu cabelo e a outra apertou minha bunda enquanto se enterrava bem dentro de mim. Minha mão agarrou sua bunda apertada, abri minhas pernas ainda mais, mas ainda não acordando completamente.

Logo pela manhã, ele sempre queria gozar dentro de mim. Foi a única vez em que ele ficou egoísta na cama, usando-me para despejar seu gozo em algum lugar. Mas ele sempre me fez gozar de qualquer maneira, fosse isso intencional ou não. Seu corpo duro esfregou contra o meu clitóris, seu calor e cheiro me fizeram gozar ao redor dele. Ele geralmente vinha no mesmo momento, terminando cinco minutos depois de começar.

Ele se retirou e me deixou lá, meus olhos ainda fechados porque era muito cedo para acordar. Não importava a que horas Bones ia para a cama, ele sempre acordava insanamente cedo. E não importava o quão cedo eu fosse para a cama, eu nunca levantava antes das nove.

O colchão mexeu quando ele saiu da cama. Eu o ouvi andar, vestir a calça de moletom e depois sair.

Voltei a dormir antes que ele chegasse à cozinha.

Duas horas depois, acordei e peguei sua camisa abandonada ao pé da cama. Ele estava usando na noite anterior, então ainda cheirava a seu sabonete e colônia. O algodão era macio contra minha pele, indo até meus joelhos. Joguei uma água no rosto antes de caminhar pelo corredor até a sala de estar.

Ele estava sentado à mesa de jantar, seu laptop aberto com uma xícara de café ao lado dele. Estava sem camisa, os músculos de seu corpo eram cortados e definidos. Suas omoplatas moviam os músculos de suas costas toda

vez que ele respirava. A tinta cobriu suas cicatrizes de batalha, agindo como uma atadura artística para esconder suas velhas feridas. O cabelo de sua nuca estava cortado curto, fundindo-se aos fios curtos de sua cabeça. Seus joelhos estavam bem separados na cadeira, um homem grande ocupando cada centímetro do espaço.

Era uma visão para a qual eu poderia olhar todos os dias ao acordar. Uma vista da qual nunca me cansaria.

Eu vim por trás dele e descansei minha palma contra seus ombros, sentindo seus músculos rígidos sob sua pele escaldante. Minhas mãos deslizaram pelo seu peito quando me inclinei para abraçá-lo. Meus braços envolveram seus ombros e pressionei meu rosto em seu pescoço.

— Bom dia.

Seu braço cobriu o meu, do jeito que ele fazia todas as manhãs.

— Bom dia, querida.

Beijei seu pescoço antes de soltá-lo. Enquanto eu me afastava, ele me deu um tapa brincalhão na bunda.

Quando olhei para ele por cima do ombro, ele já estava olhando para seu laptop novamente.

— Você quer alguma coisa?

— Não.

— Você já comeu?

— Duas horas atrás.

Eu estreitei meus olhos enquanto olhava para a hora no relógio.

— Merda, são dez horas?

Ele riu, sem tirar os olhos a tela.

— Sim. — Esfreguei meus olhos antes de preparar uma tigela de cereal.
— Eu deveria começar a trabalhar lá embaixo, mas preciso ir até em casa. Faz um tempo que não vejo Conway e Sapphire está prestes a estourar.

— Eu ofereceria ajuda, mas acho que iria assustar todos os seus clientes.

Revirei os olhos porque ele não tinha ideia de como estava errado. Todas as mulheres se aglomerariam para olhar para ele, não para minha obra de arte.

— Eu quero que você venha comigo de qualquer maneira. — Levei meu cereal para a mesa e comecei a comer.

Bones não argumentou. Ele percorreu um documento em seu computador e digitou um e-mail. Eu não sabia no que ele estava trabalhando, mas provavelmente tinha algo a ver com Max e sua equipe.

— Você quer ir junto?

Ele bebeu seu café, seus olhos focados na tela. Era a única hora do dia em que ele não bebia uísque. E era a única hora do dia em que ele não me olhava com tanta frequência como de costume. Ele cuidou dos negócios pela manhã e não se distraiu.

— Se você me quiser lá.

Eu não esperava que Bones se desse imediatamente bem com minha família, mesmo depois de receber um longo pedido de desculpas, mas eu esperava que ele se aproximasse da minha família naturalmente. Meu pai esteve aqui alguns dias atrás, mas Bones não colaborou naquela tarde. Por ser um homem de poucas palavras, foi impossível fazê-lo dizer qualquer coisa.

— Eu sempre quero você lá. — Coloquei minha colher na tigela e continuei comendo.

O silêncio passou. A luz da manhã entrava pelas janelas do apartamento. As obras de arte nas paredes eram visíveis, lindas sob a luz natural. Havia

algumas imagens de Bones, imagens que capturavam a forma intensa como eu o amava.

— Tenho certeza que meu pai quer vê-lo novamente. Vocês dois ficaram fora por muito tempo outro dia.

Silêncio.

Esperei que ele dissesse algo e desisti quando as palavras nunca saíram.

— Então, vocês pegaram algo para beber e conversaram?

Ele suspirou e finalmente desviou o olhar da tela. Foi a primeira vez que ele realmente olhou para mim durante toda a manhã.

— Eu não terminei meu trabalho ainda, baby. Tenho trabalho a fazer. Podemos falar sobre isso mais tarde?

Ele nunca me incomodou quando eu estava pintando, então sabia que tinha que respeitar seu pedido.

— É claro.

Ele voltou para seu computador, dispensando-me.

Eu o encarei, apreciando meu café da manhã enquanto deixava meus olhos serem entretidos pelo homem à minha frente. Observei a maneira como sua cabeça mudava ligeiramente quando ele estava pensando, a maneira como seus olhos permaneciam imóveis e focados quando ele estava lendo. Às vezes, ele esfregava os dedos ao longo do queixo, em profunda contemplação.

Depois de quinze minutos disso, Bones ergueu os olhos e olhou para mim.

Eu segurei seu olhar, firme, apesar de ser o destinatário daquele olhar poderoso.

— Sim? — Perguntou, sua voz profunda.

BUTTONS
&
DECEIT
BEYOND BUTTONS, II

— Eu posso olhar para você o quanto eu quiser. Sem perguntas. — Seus olhos ficaram ligeiramente brincalhões antes de olhar para sua tela novamente.

— Sem perguntas...

CAPÍTULO 3

Bones

Observei-a terminar a maquiagem no espelho do banheiro, aplicando rímel nos longos cílios. Ela usava uma camiseta amarela com shorts jeans escuro que estava rasgado por todo o lugar. Eles eram excepcionalmente curtos, mostrando suas pernas lindas e terminando logo abaixo de sua bunda. Seu cabelo escuro estava liso hoje, grosso e emoldurando seu rosto.

Ela não tinha me notado ainda.

Encostei-me na parede com os braços cruzados sobre o peito. Assim que terminei de ler a declaração de missão que Max mandou para mim, voltei ao meu passatempo favorito - olhar para minha mulher. Eu já sabia que ela era deslumbrante, sabia que ela ficava ainda mais deslumbrante quando eu estava transando com ela, mas nunca me cansei de estudá-la, vendo a maneira como ela esfregava os lábios depois de passar o batom.

Eu teria que sair logo, e estava com medo disso. Eu não queria ficar longe dela de novo, não tão cedo, e não queria que ela ficasse com medo o tempo todo em que eu estivesse fora. Ela provavelmente ficaria no apartamento sozinha em vez de ir para a casa de seus pais. Ficar com seu pai era o último lugar que eu queria que ela estivesse.

Foi humilhante.

Eu queria ser o único a protegê-la todas as noites, não o homem que a criou.

Pelo menos isso não seria para sempre.

Ela colocou a maquiagem de volta na pequena bolsa antes de fechar o zíper. Seus olhos voltaram para o espelho e, desta vez, ela percebeu que eu estava à espreita no fundo, ainda como uma estátua na porta do quarto. Houve uma ligeira reação de surpresa em seus olhos antes de se recuperar do choque.

— Estou pronta.

— Bom. — Eu vim por trás dela e pressionei meu peito contra suas costas. Minhas mãos agarraram o balcão de cada lado dela, mantendo-a presa como uma presa assustada que pode fugir.

Sua respiração acelerou imediatamente. Sempre acontecia no segundo em que eu estava perto. Fiz seu coração disparar sem tocá-la, deixei-a com medo e excitada ao mesmo tempo.

Minha boca desceu para o seu pescoço e eu a beijei com força enquanto minha mão desabotoava a frente de seu short. Eu os empurrei para baixo com um puxão e eles caíram o resto do caminho. Respirei em seu ouvido antes de virar seu rosto para o meu e beijá-la, tirando aquele batom de sua boca com a minha língua. Minha mão deslizou por dentro de sua calcinha e segurei seu sexo, meus dedos sentindo a excitação que vazava de sua pequena fenda apertada.

— Porra, você está mesmo pronta. — puxei sua calcinha para baixo de sua bunda e coxas até que caíram no chão por conta própria. Continuei beijando-a, sentindo-a me beijar de volta com o mesmo entusiasmo.

Eu levantei suas pernas e a posicionei no balcão do banheiro antes de deixar cair minhas calças e me empurrar para dentro dela.

— Deus... — Ela respirou em minha boca, seus lábios imóveis após a forma violenta com que me forcei para dentro dela.

— Eu não sou seu deus. — assisti sua reação no espelho enquanto eu a fodia. — Eu sou seu homem.

Eu estava atrás do volante da caminhonete enquanto Vanessa se sentava ao meu lado. Suas longas pernas eram sensuais nos shorts que ela usava. Amarelo era uma cor perfeita nela, especialmente com aquela linda pele toscana. Minha mão agarrou a parte interna de sua coxa, sentindo o músculo tenso de sua perna esguia.

Nós dirigimos pelos campos da Toscana, nos aproximando da casa onde ela cresceu. A última vez que estive lá, gritei com o pai dela. Ele disse que levaria a memória para o túmulo - e acreditei nele. Eu sabia muita sujeira sobre ele, o tipo de sujeira que faria Vanessa olhar para o pai de uma maneira totalmente nova.

Eu não gostava dele, mas não queria que ela não gostasse dele também. Vanessa tinha os dois braços em volta dos meus, as mãos descansando na dobra do meu cotovelo. Um único braço meu era maior do que os dela juntos, mas sua magreza não minou sua força. Ela pode ser pequena, mas era engenhosa. Era uma das coisas que eu amava nela, sua combustão ardente.

— Então, sobre o que você e meu pai conversaram por duas horas? — Ela continuou pressionando este tópico, sua curiosidade impossível de suportar.

— Você.

— Seja mais específico.

Com uma mão no volante e o rádio tocando levemente ao fundo, mantive meus olhos na estrada.

— Não consigo me lembrar.

— Besteira. Por que você não me conta?

— Foi uma conversa entre dois homens, baby. Isso é tudo.

— Gosto da ideia de vocês dois terem seu próprio relacionamento, mas gostaria de saber o contexto.

— Ele disse que queria me conhecer melhor, para tentar ter algum tipo de relacionamento comigo.

— Mesmo? — ela disse, sua voz repentinamente baixa. — Isso foi gentil da parte dele.

Doce ou não, eu ainda não gostava dele.

— Significa muito para mim que ele esteja tentando... Realmente significa.

Uma parte de mim ficou tocada porque Crow Barsetti estava tentando seguir em frente comigo, e sozinho. Ele não estava usando Vanessa para isso. Ele teve a coragem de me encarar de frente e me olhar nos olhos enquanto me contava como se sentia. Foi honesto, nunca se desculpando pelo que fez, mas admitindo que queria que o futuro fosse diferente. A qualquer momento ele poderia ter saído daquele bar e abandonado a tentativa, especialmente com as coisas duras que eu disse, mas ele ficou.

Achei que não poderíamos seguir em frente e ter qualquer tipo de relacionamento.

Apenas nos tolerar.

Mas ele parecia querer mais.

Não queria contar a Vanessa como realmente me sentia, que não gostava do pai dela tanto agora quanto no início. Ele tirou-a de mim quando não tinha o direito e, como resultado, ela poderia ter acabado com aquele pintor perfeito. Como eu poderia perdoar um homem por interferir tanto em minha vida? Tinha sido mais de seis meses de brutalidade fria do clã Barsetti. Um simples pedido de desculpas e um copo de uísque não conseguiram apagar tudo isso.

Ela voltou seu olhar para mim, me observando por um momento.

— Agradeço que você também esteja tentando.

Eu mantive meus olhos na estrada, me recusando a deixar a culpa me sufocar. Ela não ficaria feliz se soubesse que invadi a propriedade de sua família e os insultei depois que a paz foi estabelecida. Poderia ter acendido a ira de seu pai novamente.

Mas eu não teria deixado que ele a tirasse de mim novamente. Eu a teria sequestrado se fosse necessário.

Entramos na garagem alguns minutos depois. Estacionei no cascalho da rotatória, pegando o mesmo lugar de sempre. Ainda me lembrava do dia em que apareci aqui e entreguei a espingarda totalmente carregada. Talvez para Crow, parecia uma vida atrás, mas para mim, isso aconteceu ontem.

Ontem ele me chamou de lixo. Ontem ele chamou minha mãe de prostituta.

Saímos do carro e caminhamos até a porta da frente, o calor sufocante aparente no segundo em que o motor foi desligado. Estava úmido em um dia claro, e a brisa de verão não era suficiente para combater as temperaturas escaldantes.

Vanessa nos levou para dentro e cumprimentamos seus pais na entrada.

Os olhos de Pearl suavizaram no segundo em que ela olhou para mim. Em vez de saudar primeiro a filha, todo o seu foco estava em mim. Ela me olhou de forma diferente de como costumava fazer, respeitando minha presença toda vez que eu entrava na sala. Ela costumava me olhar com uma expressão fria e cautelosa, antecipando um ataque a qualquer momento. Sempre estive presa entre o desdém e o desprezo. Mas agora, ela não olhou para mim dessa forma. A expressão dela era calorosa e convidativa, o mesmo olhar que ela deu quando via Vanessa ou Conway.

— Olá, Griffin. É tão bom ver você. — Ela estendeu os braços para mim e me abraçou, me segurando por um segundo extra como se eu fosse outro filho

para ela. Deu um tapinha nas minhas costas antes de se afastar, seus olhos azuis cheios de simpatia. — Você está gostando de Florença?

Eu ainda não estava acostumado com a mudança em nosso relacionamento. Antes de eu vê-la no hospital, ela foi implacável comigo. Mas agora, era uma pessoa totalmente diferente.

— Não estou acostumado com a umidade e o espaço menor, mas gosto. Onde quer que Vanessa esteja, essa é a minha casa. — Minha mulher era minha casa, meu tudo. Se eu estava enterrado profundamente dentro dela ou vendo-a comer seu cereal pela manhã, era onde eu deveria estar. Preferia estar no Lago de Garda ou em Milão, mas eu estaria morando nos dois lugares sozinho e, sem Vanessa, eles nunca mais seria a minha casa.

— Bom, — disse. — estou feliz que você esteja gostando. Crow e eu estamos muito felizes por vocês dois estarem tão próximos.

Percebi a maneira como ela escolhia as palavras, sempre me incluindo em tudo que dizia. Antes, ela não teria nenhum problema em me excluir, indiretamente me dizendo que gostaria que eu não estivesse por perto. Eu não sabia mais o que dizer a ela, então apenas acenei com a cabeça. Nunca fui bom com as palavras. Eu mal falei para Vanessa como era.

Pearl se virou para Vanessa em seguida e a abraçou por um longo tempo. Sua mão segurou a nuca de Vanessa, e ela a abraçou, apreciando a filha como se elas estivessem separadas por meses, em vez de semanas. Pearl fechou os olhos, a expressão dolorida de afeição maternal estampada em seu rosto.

Eu a observei, pensando em minha própria mãe. Não me lembrava dela muito bem, mas sempre me lembrava de como ela me fazia sentir. Ela me amou de todo o coração, teria feito qualquer sacrifício para cuidar de mim. Às vezes, era difícil acreditar que ela havia partido há mais de vinte anos.

Crow caminhou até mim, usando a mesma expressão severa que ele normalmente usava. A menos que estivesse emocionalmente comovido ou

particularmente zangado, ele sempre parecia o mesmo, exibindo uma expressão constante de indiferença.

— Griffin. — Ele estendeu a mão para apertar a minha.

Parei por um momento antes de pegá-la. Apertei a mão do meu maior inimigo, um homem que jurei matar a apenas um ano. Agora eu estava em sua casa, bem-vindo em sua família. Segurei seu olhar enquanto apertava sua mão.

Ele fez o mesmo.

— Posso pegar uma bebida para você?

— Scotch.

Ele acenou com a cabeça antes de se virar para a sala de jantar.

— Venha comigo.

Eu o segui e olhei para Vanessa por cima do ombro, onde ela estava sussurrando palavras com sua mãe. Só quando entrei na sala de jantar com Crow é que percebi que ele nem havia cumprimentado sua própria filha, dando-me toda a sua atenção.

Serviu dois copos e me entregou a bebida.

Trouxe aos meus lábios e deixei o álcool descer por minha garganta. Ele fez o mesmo antes de colocá-lo na mesa.

— Como foi a viagem?

— Boa. — Demorou vinte minutos para chegar lá. Não foi uma viagem longa.

Crow olhou para mim, parecendo confiante, mas obviamente pressionado para ter uma conversa comigo.

— O que você tem feito para se manter ocupado? Enquanto Vanessa pinta?

— Trabalho. Quando não estou fazendo isso, eu a observo trabalhar. — Ele se encostou na mesa enquanto segurava a bebida em sua mão.

Mesmo depois da conversa de duas horas que tivemos no outro dia, ainda era estranho entre nós. Embora fôssemos muito parecidos, não tínhamos nada em comum, exceto o passado brutal que ambos compartilhamos, junto com a única mulher que nos mantinha ligados um ao outro.

— Estou feliz que você esteja aqui. — disse para quebrar o silêncio. — Lars está fazendo um bom jantar. Você gosta de bife?

Eu mantive o sorriso no meu rosto, escondendo minha diversão com sua luta. Ele estava desesperado para me fazer sentir bem-vindo e claramente não sabia como fazer isso, não como sua esposa. Ele nunca saiu de seu caminho para falar com ninguém, nem mesmo com seu irmão, mas ele estava se curvando para se envolver comigo.

— Eu como qualquer coisa, exceto a comida de Vanessa.

Ele riu, um verdadeiro sorriso surgindo em seu rosto.

— Ela é uma garota inteligente... Mas nunca aprendeu isso.

— Está tudo bem. Eu costumo cozinhar.

— Você cozinha? — Ele perguntou surpreso.

— Sim. Frango, peixe, coisas assim. Fui praticamente obrigado a isso quando Vanessa e eu ficamos juntos. Era isso ou comer pizza todas as noites... E um homem como eu não pode comer pizza com muita frequência. — Vanessa comia o que queria, mas ainda tinha curvas que eu adorava agarrar. Para mim, eu não poderia ser tão musculoso sem comer muita proteína, e não poderia ser assim se comesse muita merda. Foi preciso muita disciplina. A única razão de termos cereal em casa era porque Vanessa os comprou.

Ele riu novamente.

— Minha esposa aprendeu ao longo do nosso casamento, mas quando nos conhecemos, ela também não era a melhor cozinheira. — *Quer dizer, quando você a manteve prisioneira.* Já que Vanessa estava por perto, guardei esse insulto para mim mesmo. Havia muitas coisas que eu queria deixar escapar, mas como queria fazê-la feliz, estava me comportando da melhor forma. Mas nunca haveria um momento em que eu olhasse para Crow sem sentir uma pontada de dor no meu ombro.

— Como está Conway?

Ele tomou outro gole antes de responder.

— Muito melhor. Ele está se movendo muito mais. Eles estão procurando uma casa antes do nascimento do bebê, mas como deve nascer em um mês, não tenho certeza da probabilidade de isso acontecer.

— Então, todos os Barsettis estão se reunindo aqui?

— Exceto Carter. Ele tem estado ocupado ultimamente com o trabalho, mas liga para Conway para fazer o check-in.

Isso era muito Barsettis para um código postal.

Ele olhou para mim por um tempo, provavelmente querendo dizer mais, mas incapaz de pensar em algo.

Recusei-me a tornar as coisas mais fáceis para ele. Eu tentei falar com ele muitas vezes, especialmente na vinícola, e sempre fui recebido com hostilidade. Eu deveria ser o melhor homem para Vanessa, mas isso era tão grande quanto eu estava disposto a ser. Ela deveria estar grata por eu estar naquela casa, quanto mais beber o uísque de seu pai.

Ele me estudou por mais um momento, suas feições relaxando em um olhar focado.

— Há algo que quero falar com você. Mas vou esperar até depois do jantar.

Eu não me importava com o que ele queria discutir. Não queria ficar naquela casa mais do que o necessário, especialmente por mais uma hora depois do jantar. Ficar sentado com os Barsettis por uma refeição inteira já parecia impossível.

Vanessa entrou na sala.

— Pai? Uh, obrigada por dizer oi...

— Desculpe, *tesoro*. — Ele pousou o copo e a envolveu com os braços. — Acabei de ser desviado. — Sua mão segurou a nuca dela enquanto a segurava, seus olhos suaves de uma forma especial só para ela. Seus braços cinzelados se apertaram visivelmente enquanto ele a agarrava, seu corpo endurecendo protetoramente para ela. Era como se ele não pudesse respirar, não pudesse apreciar o momento o suficiente. — Como você está? — Ele beijou sua testa antes de se afastar.

— Bem. Estou com fome.

Ele sorriu para ela, uma expressão de pura felicidade em seu rosto.

— Você sempre diz isso quando entra pela porta.

— Porque é verdade. Tudo que eu como são cereais o dia todo.

— Sim, Griffin mencionou isso. — ele brincou.

Ela se virou para mim.

— Você disse a ele que eu não sabia cozinhar?

Dei de ombros.

— Não é como se fosse um segredo, baby.

Ela bateu no meu braço de brincadeira.

— Você...

Eu agarrei seu pulso e puxei-a para mim, pressionando minha boca na dela. Dei um beijo nela, bem na frente de seu pai porque não dava a mínima. Eu me afastei e fixei meu olhar autoritário em seu rosto.

— Você o que...?

Ela derreteu bem diante dos meus olhos, não se importando com seu pai também.

— Você... Homem maravilhoso.

Eu a puxei para outro beijo.

— Boa resposta.

Eu puxei a cadeira para ela antes de nos sentarmos para jantar.

Vanessa ficou surpresa, chocada na verdade, com o que eu acabara de fazer. Nunca fui o tipo de homem que mostrava boas maneiras. Não abria a porta para ela, não puxava a cadeira antes do jantar e nunca lhe dei qualquer indicação de que era um cavalheiro.

Mas eu tinha isso em mim... De vez em quando. Ela sorriu antes de se sentar. Puxei outra cadeira e me sentei ao lado dela.

Seus pais se sentaram, junto com Conway e Sapphire. Conway conversou um pouco comigo sobre Florence e as obras de arte de sua irmã, mas não saiu do seu caminho como Crow fazia. Mas o comportamento de Conway foi definitivamente uma melhoria em relação à maneira hostil com que ele me tratou antes.

Sapphire era legal, como sempre.

As mulheres desta família eram muito mais compreensivas, com exceção de Pearl. Eles eram o tipo de Barsettis de que eu gostava, o tipo que era lógico o suficiente para deixar de lado seu ódio e me ver como um homem.

Eu estava sentado lá por menos de um minuto quando a memória me invadiu.

Esta foi a mesma cadeira em que sentei. A mesma cadeira que Vanessa me indicou para sentar. Reconheci pelos cortes na madeira, os cortes que o metal em minhas mãos fez. A espingarda havia sido colocada na mesa e Crow verificou o cano para ter certeza de que estava carregado. Os dois irmãos Barsetti me encararam com nojo absoluto. Eles me chamaram de lixo. Eles chamaram minha mãe de lixo. Eles disseram que eu não valia nada, então me mandaram sair da casa. Não deveria ter esperado que eles reagissem de outra forma, especialmente com a nossa história, mas havia algo que eu nunca esqueceria.

A maneira como ele insultou minha mãe. Minha mãe morta.

Fiquei olhando para o meu prato vazio enquanto os Barsettis conversavam entre si. Garrafas de vinho estavam sobre a mesa, junto com velas brancas acesas. Todos se serviram do pão recém-assado nas cestas, junto com o azeite de oliva extra virgem e a manteiga recém-batida. O cheiro do jantar vinha da cozinha.

Mas minha mente estava a um milhão de milhas de distância.

Eu não era uma pessoa inocente. Admiti que queria matar todas as pessoas nesta sala em um determinado momento. Mas abandonei essa vingança porque amava uma mulher muito especial. Crow nunca poderia abandonar essa vingança. Não foi até eu levar aquela bala por ele que ele começou a me ver como uma pessoa real.

Como algo mais do que lixo.

Tudo que eu tive que fazer foi ficar sentado em silêncio e deixar Vanessa visitar sua família. Não precisava falar a menos que falassem comigo. Quando a comida chegou, tudo que tive que fazer foi comer. Eu queria fazer Vanessa feliz por permitir que ela tivesse os dois, sua família e eu ao mesmo tempo.

Mas eu não estava pronto para isso. Era muito cedo.

Empurrei a cadeira para trás e me levantei. Todos assistiram meus movimentos, incluindo Vanessa.

— Eu estou indo para casa. Tenho certeza que seu pai pode te dar uma carona de volta quando você terminar, baby. — Joguei o guardanapo na mesa e me virei.

Crow parecia indiferente. Pearl não escondeu a surpresa em seus olhos. Sapphire olhou para seu prato, a intensidade era demais para ela lidar. Conway olhou para o pai, esperando que ele fizesse alguma coisa.

Vanessa não acreditou no que eu disse.

— O que aconteceu? Você estava bem há dez minutos.

— Eu não estava bem dez minutos atrás. Não posso sentar aqui com sua família e fingir que está tudo bem. Sua família inteira me tratou como lixo, até que recebi uma bala que quase me matou. Tudo que eu sempre quis foi você, mas meu amor não era bom o suficiente. Sei que deveria deixar o passado onde ele pertence... Mas é muito cedo. — Não queria olhar para Vanessa por mais tempo, então saí. Eu conhecia o caminho através do labirinto da mansão e saí. Estava escuro agora, mas o calor não tinha diminuído muito.

Vanessa surgiu um segundo depois, seus passos leves batendo no cascalho.

— Griffin...

Eu me virei.

— Não queria estragar o jantar. Apenas volte para dentro.

Ela marchou até mim, ainda linda, mesmo quando estava chateada.

— Você não estragou nada. Apenas volte...

— Não.

Sua boca se fechou.

— Você sabe que farei qualquer coisa por você. Já provei isso. Fico feliz por estarmos finalmente juntos e sua família não querer mais me matar. Estou feliz - realmente. Mas não posso sentar aí e fingir que nada dessa merda aconteceu. Eu arrisquei minha bunda por seis meses, mas sua família continuou a me insultar, continuou a chamar minha mãe de puta que merecia morrer. Eu entendo que eles desprezam meu pai e sempre irão. Nenhuma objeção a isso. Mas minha mãe era inocente. Eu era inocente. — Pressionei minha mão sobre o peito. — Só não estou pronto, Vanessa. Passe tempo com sua família o quanto quiser. Vou morar em Florença. Vou morar na mesma rua, se é isso que você quer... Mas não estou pronto para isso. Você sabe em que cadeira eu estava sentado hoje?

Ela cruzou os braços sobre o peito, mantendo vários metros entre nós.

— A cadeira que você me entregou, a cadeira onde seu pai apontou a espingarda para mim.

— Isso foi há muito tempo.

— Talvez para você. Não para mim. — Minhas narinas dilataram-se. — Você é minha agora, e eu nunca vou deixar ninguém te tirar de mim. Mas eles tiraram você de mim... Por um longo tempo. Eu não acredito em almas gêmeas ou qualquer dessas besteiras, mas algo me diz que devemos ficar juntos. Sei que isso não faz sentido, não com nossa história, mas não faz com que seja falsa. Você me curou de maneiras que não posso explicar.

Seus olhos começaram a lacrimejar.

— Griffin...

Eu odiava vê-la chorar. Isso me matou por dentro.

— Passei por um inferno durante esses três meses.

— Eu sei... Eu também.

— Não, você não sabe. — eu disse friamente. — Você não sabe o quão forte eu caí. Você não sabe o quão violento eu me tornei. Você foi a melhor coisa que já me aconteceu, e então você se foi. Não posso me sentar nessa cadeira e fingir que isso não aconteceu.

— Eu estou aqui agora. Estamos juntos agora.

— Só porque pulei na frente de seu pai e levei uma bala que o teria matado. Vanessa, aquela arma estava apontada para o rosto dele. Ele teria...

— Pare. — Ela fechou os olhos, as lágrimas descendo por seu rosto. — Por favor, não faça isso...

Eu sabia que sempre compartilharia seu coração com sua família, especialmente seu pai. Eles sempre teriam uma metade e eu teria a outra. Eu nunca teria tudo, nem mesmo depois do que passamos.

— Faz menos de um mês desde que estive no hospital. Eu preciso de mais tempo. Preciso de mais tempo para superar isso.

— Compreendo. — Ela abriu os olhos e olhou para mim novamente. — Eu nunca quis apressar você. Você não me disse nada disso...

— Porque eu quero te fazer feliz. Achei que poderia me proteger por algumas horas... Mas não posso. Não sentado naquela maldita cadeira naquela porra de mesa. — Eu odiava estar tão longe dela, odiava ver as lágrimas escorrendo pelo seu rosto sem fazer nada para detê-las. Eu era a razão pela qual isso estava acontecendo e me odiava por magoá-la. Os últimos dias foram passados fodendo e sendo felizes. No segundo em que chegamos aqui, a bem-aventurança acabou. — Eu entendo o que sua família significa para você, então vou te compartilhar com eles. Mas... Não espere que eu esteja sempre perto

deles. Não espere que eu seja o homem com quem você sempre sonhou, um homem que será outro filho para seu pai. Eu sei que isso é importante para você, mas terá que lidar com a realidade. Esse cara não sou eu.

Ela enxugou as lágrimas.

— Você é o homem dos meus sonhos, Griffin. Exatamente como você é, não importa o quão difícil seja. Quer você ame minha família ou os odeie... Você é o único homem que eu quero. Nunca quis te apressar. Quando você estiver pronto... Se você estiver pronto... Vamos tentar novamente.

Eu a encarei, aliviado por ela ter sido paciente comigo. Seria ridículo se ela não fosse. Seu pai estava fazendo um esforço para seguir em frente e sua mãe era gentil comigo. Mas não importa o que eles fizessem para recomeçar, isso nunca poderia apagar o passado. Não conseguia esquecer o que aconteceu... E também não os perdoei por isso.

Me aproximei de Vanessa e segurei seu rosto antes de beijá-la. Foi um beijo suave, cheio de remorso e autodepreciação. Enxuguei suas lágrimas com meus polegares, em seguida, beijei sua testa. Eu não disse uma palavra antes de me virar e caminhar até a caminhonete. Não precisava dizer a ela que a amava cada vez que dizia adeus.

Nosso amor era tão real que ela sempre soube.

— Griffin. — A voz profunda do Crow veio atrás de mim, suas botas esmagando o cascalho.

Eu estava tentando me afastar dos Barsettis, não me envolver com eles. Seria fácil entrar na caminhonete e sair dirigindo, ignorando-o como ele merecia. Mas algo me impediu. Algo me impediu de cruzar essa linha.

Então me virei, vendo que Vanessa havia voltado para a casa.

Crow se aproximou de mim, todo vestido de preto como de costume. Ele era um pouco mais baixo do que eu e, com olhos verdes como os de Vanessa, ele me lembrava os dela em alguns aspectos. Ambos eram destemidos e duros,

mas também amavam abertamente. Ele parou na minha frente e esfregou a nuca.

— Eu ouvi o que você disse a Vanessa.

— Claro que você ouviu. — Encostei-me na minha caminhonete e cruzei os braços sobre o peito.

Crow ignorou o insulto.

— Não posso me desculpar pela maneira como me comportei antes. Eu amo minha filha e...

— Você já disse tudo isso. Você fez o seu melhor, Crow. Dê-se um tapinha nas costas e vá embora. Eu não gosto de você - nunca gostarei.

Desta vez, ele realmente parecia triste com o que eu disse.

— Não queria arruinar sua noite. Honestamente. Passe o tempo com sua família. — Eu me virei.

O Crow agarrou meu ombro e me forçou a voltar para ele.

— Você é família, Griffin.

Eu empurrei sua mão para baixo.

— Não me toque novamente. A única razão pela qual não vou cruzar a linha e realmente socar você é por causa de Vanessa. Mas não me toque. — Recostei-me na caminhonete novamente.

Ele ignorou tudo o que eu disse.

— Você é família, Griffin. Você faz parte desta família e ficaria muito feliz se você voltasse e se juntasse a nós.

— Não me importo em te fazer feliz. — Voltei para a caminhonete e abri a porta.

Ele a fechou.

Então o encarei.

— Você não acha que vou quebrar seu nariz?

Crow não vacilou com a ameaça.

— Então me bata, Griffin. Nós dois sabemos que eu mereço. Se isso vai fazer você se sentir melhor, por todos os meios. — Ele deixou cair às mãos para os lados. — Faça isso. Estou falando sério.

Era tentador. Muito tentador. Mas isso quebraria o coração de Vanessa. Eu nunca faria nada que pudesse causar esse tipo de dor a ela. Quando falei sobre a arma na cara de seu pai, isso a levou às lágrimas.

— Não.

— Vamos. — Ele me incitou com as mãos.

— Bater em você é como bater em Vanessa. Eu não vou fazer isso. — Ele baixou as mãos.

— Então o que vamos fazer? Como vamos seguir em frente?

— Não podemos seguir em frente. — rebati. — Há muita dor aqui. Vanessa fará parte de nossas vidas para sempre e sempre irei cuidar dela. Mas sempre estará dividido. Eu não vou tirá-la de você e você não vai tirá-la de mim. Então, vamos ser felizes assim.

Ele deu um passo para trás e passou a mão pelos cabelos, suspirando com as narinas dilatadas.

— Você não entende. Quero que você faça parte desta família simplesmente porque é o que eu quero. Sim, posso ver minha filha sempre que quero e tenho um relacionamento próximo com ela. Mas tudo que me importa agora é ter um relacionamento com você. — Ele balançou a cabeça levemente enquanto olhava para mim. — Nós dois temos merdas que nos assombram. Nós dois fizemos coisas terríveis um ao outro. Ambos somos culpados de crimes horríveis. Nós dois precisamos deixar para lá.

— Eu concordo. Mas não estou pronto.

Ele moveu as mãos para os quadris, os ombros rígidos com frustração.

— Sinto muito pelo que disse sobre sua mãe. Isso foi desnecessário... Mesmo. Eu precisava te dizer isso.

Eu olhei para a casa, recusando-me a encontrar seu olhar.

— Você está certo. Ela era uma pessoa inocente. Foi baixo... Até para mim.

Minha mãe era a única família que eu tinha. Ela estava morta há quase tanto tempo quanto eu estava vivo, mas ela era tudo que eu tinha. Eu tive que defendê-la. Eu tive que defendê-la do jeito que Vanessa defendeu seu pai. Não deveria fazer diferença se ela estava viva ou morta.

— Ela é tudo que tenho. Não me lembro muito bem dela, mas foi a única vez que comemorei um feriado ou tive uma casa... Até Vanessa. Eu ouvi você insultá-la porque estava fazendo o que podia para manter Vanessa... Mas não esqueci.

Ele respirou fundo, seus olhos se enchendo de tristeza.

— Sinto muito, Griffin. Não quis dizer o que disse. Eu estava com raiva. Estava tentando afastar você da minha filha. Todos nós dizemos coisas que não queremos dizer.

— Sim, talvez. — Virei meu olhar de volta para ele.

Ele me encarou por um longo tempo, as mãos ainda nos quadris.

Eu não sabia mais o que dizer. O resto de sua família estava lá dentro, perguntando-se sobre como essa conversa acabaria.

— Eu sei que você ama minha filha. — Baixou as mãos antes de cruzar os braços sobre o peito. — Vejo isso escrito em seu rosto agora. Vejo isso na maneira como você chorou ao recuperá-la, um homem como você começou a chorar. Mas eu quero que você prove isso para mim uma última vez.

— Só pode estar brincando...

— Eu não estou. — ele disse sério. — Preciso que você faça isso por mim.

Mudei minhas mãos nos bolsos, incapaz de acreditar que esse idiota estava realmente me pedindo algo.

— Griffin?

Eu encarei os vinhedos ao fundo por um segundo, fazendo o meu melhor para diminuir a raiva em meu sangue. Eu precisava me concentrar na brisa, para limpar minha mente, antes de olhar para ele novamente.

— Quero que venha à vinícola três vezes por semana. Eu quero que você me ajude a administrar o lugar.

Essa era a última coisa que eu esperava que ele dissesse.

— Trabalho gratuito?

— Não. Não é trabalho gratuito. Eu te pagarei.

Fiquei tão enojado que cuspi no chão aos pés dele.

— Eu não quero ou preciso do seu dinheiro, Crow.

— Tudo bem. Então venha. Três dias por semana.

— Por quê?

— Sem perguntas. Faça isso por ela.

— O que isso tem a ver com Vanessa?

Ele levou muito tempo para articular sua próxima resposta, sua mandíbula cerrou com força antes de finalmente voltar a falar.

— Porque significaria o mundo para ela se você me desse uma chance. Por favor, dê-me uma chance.

— Eu já disse que era muito cedo. Há menos de um mês você ameaçou me matar.

BUTTONS
&
DECEIT
BEYOND BUTTONS, II

— Não estou pedindo que nosso relacionamento mude, Griffin. Só estou pedindo um pouco do seu tempo.

Se eu não pudesse sentar dentro daquela casa e comer o jantar, então não poderia ir para a vinícola e fingir que estaria tudo bem.

— Tudo que quero é não ver ou ouvir falar de você por muito tempo. Você quer uma chance de consertar isso? — Aproximei-me de seu rosto. — Então desapareça. Desaparece, porra!

CAPÍTULO 4

Vanessa

Sentei-me no sofá da sala com uma taça de vinho na mão. Minha mãe esfregou minhas costas e me consolou, entregando-me lenços de papel para que eu pudesse enxugar as lágrimas e consertar minha maquiagem.

Eu não era o tipo de pessoa que chorava, mas ver Bones com tanta dor me matou por dentro.

Me matou ver que nunca superaríamos isso.

Ele sempre seria um estranho. Ele nunca faria parte da minha família.

A pior parte é que não o culpei.

Meu pai voltou, sussurrou algo para minha mãe e sentou-se ao meu lado quando ela saiu. Éramos apenas nós dois na grande sala de estar com tetos abobadados e a lareira. Foi a mesma sala onde colocamos nossa árvore de Natal, onde abrimos os presentes na manhã de Natal.

Algo que Bones nunca experimentaria.

Meu pai sentou ao meu lado, seu joelho quase tocando o meu. Não perguntei como foi sua conversa. Baseado na hostilidade de Bones, ele não dava ouvidos a ninguém, nem mesmo a mim.

— *Tesoro*. — Ele colocou a mão nas minhas costas, descansando-a entre minhas omoplatas. — Vou encontrar uma maneira de fazer isso funcionar. — olhou para meu rosto, seu perfume me envolvendo. Segurou um copo de uísque na mão e colocou-o sobre a mesa.

— Sinto muito... Por tudo isso. — Fiquei olhando para a mesa de café, evitando o olhar de pena do meu pai.

— Você não precisa se desculpar, *Tesoro*.

— Ele não quis ser rude e estragar o jantar. Ele só...

— Sério, está tudo bem. Compreendo. Isso é difícil para ele... Eu não o culpo. — Ele baixou a mão das minhas costas e pousou-a na coxa. Sua aliança preta estava em sua mão esquerda, onde sempre permaneceu. Eu nunca o tinha visto sem ela, nem quando trabalhava ou estava na piscina.

— Sei que você queria que eu estivesse com alguém que pudesse ser um filho para você... Não acho que isso seja possível com Griffin.

— Vanessa, isso não importa. — Ele pousou a mão na minha. — Ele é o homem que você deseja e nós faremos isso funcionar. Não me importa o quão difícil ou complicado ele seja. Você o ama... Então nós o amamos.

Virei meu olhar para meu pai, meus olhos suaves.

— Obrigada... Isso significa muito para mim.

Ele apertou minha mão antes de se afastar.

— Ele nunca me disse o que vocês conversaram na semana passada. Ele disse algumas coisas... Mas não muito.

Ele deu um leve aceno de cabeça.

— Ele é um homem de poucas palavras.

— Sobre o que vocês falaram?

Ele encolheu os ombros.

— Em poucas palavras... Ele não gosta de mim. — Suspirei de decepção, mas não fiquei surpresa.

Ele esfregou as palmas das mãos, sua pele calejada. Seus olhos estavam em seus movimentos.

— Eu não percebi isso até que sua mãe me disse e agora que passei algum tempo sozinho com ele, é tudo o que posso ver. Tudo o que ele sempre quis é um lugar ao qual pertencer... Uma família. Ele não tem ninguém além de você e quando levei você embora, foi como perder sua mãe de novo. Sua ausência o machucou... Mas fui eu quem o matou. Não sou melhor do que o homem que assassinou sua mãe. Ele se ressentiu de mim pelo poder que tenho sobre ele. E ele está magoado com as coisas que eu disse sobre sua mãe. Ele é um homem poderoso, perfeitamente capaz de cuidar de si mesmo e de você... Mas precisa de mais. Ele precisa de uma família.

Eu balancei a cabeça, sabendo que ele estava certo.

— Ele sempre se ressentiu por tudo o que eu tenho, pelo lindo lar e pela família maravilhosa que me ama. Ele diz que a vida dele deveria ter sido assim... Mas você a tirou dele.

— E então eu fiz de novo... Quando levei você embora. — Ele manteve o olhar para suas mãos. — Estou tentando *consertar* isso, *Tesoro*. Estou tentando me conectar com ele, seguir em frente com um pé diferente. Nunca me desculpei por protegê-la. Eu ainda mantenho minha decisão. Mas quero que as coisas sejam diferentes conforme avançamos para o futuro. Mas ele não está disposto a me encontrar no meio do caminho, não mais.

— Ele é muito teimoso. — Ele era o homem mais teimoso que eu já conheci.

— E está com raiva.

— Sim... Isso também.

— Seria fácil se eu deixar para lá. Griffin disse que é o que ele quer, fazer um show para você e fingir está tudo bem. Podemos fingir que gostamos um do outro quando nos vemos, mas não precisamos ficar na mesma sala por mais tempo do que o necessário. Isso me pouparia tempo e trabalho. Mas depois do que ele fez por nós... Não consigo me contentar com esse tipo de

relacionamento. Ele não precisava se juntar à luta e salvar a todos nós. Ele poderia facilmente ter olhado para o outro lado e deixado todos nós morrermos... E levado você quando estávamos fora do caminho. — Ele esfregou a nuca, os olhos ainda na mesa. — Então eu tenho que consertar isso.

Mudei minha mão para seu ombro e esfreguei minha palma no algodão de sua camisa.

— Obrigada... Eu quero que ele seja parte de nós. Eu quero que ele seja feliz.

— Eu também, *Tesoro*. Então, preciso que você me ajude.

— Como?

— Você precisa pedir a ele para me encontrar no meio do caminho. Você precisa pedir a ele para vir à vinícola três dias por semana. Vamos trabalhar juntos, passar um tempo juntos e, talvez, com o tempo, algum tipo de relacionamento se formará.

Eu tinha muito poder sobre Griffin, o poder de obrigá-lo a fazer quase qualquer coisa. Ele era implacável e mandão, mas eu poderia conseguir o que queria se pedisse.

— Ele não concordou quando pedi. Mas ele vai se você fizer isso. — Se virou para mim, suas mãos se juntando.

Seria a solução mais fácil para o problema. Mesmo que Griffin não quisesse, ele faria porque eu pedi. Ele me amava, me daria o mundo se eu pedisse.

— Por mais que eu queira fazer isso... Não posso.

Suas sobrancelhas se franziram.

— Ele fez muito por mim. Ele me disse que precisava de tempo e não posso apressá-lo. Depois de tudo que ele fez por mim, quão leal ele tem sido comigo, não posso pedir a ele para continuar tentando. Eu entendo sua dor.

Entendo sua raiva. Seria egoísmo pedir mais alguma coisa. Sinto muito... Mas não posso. — Eu pedi a ele para tentar conquistar minha família no início, e ele aguentava as besteiras do meu pai e do meu tio todos os dias. Ele entregou uma arma carregada para seu inimigo enquanto concordava em ser acorrentado a uma cadeira. Ele trabalhava na vinícola todos os dias, movimentando caixas pesadas e sendo insultado ao mesmo tempo, só para chamar um pouco a atenção do meu pai. E então ele levou uma bala por meu pai... Quase morreu por causa disso. — Você tem que fazer isso sozinho. Não posso escolher lados. Tenho que respeitar o que ele quer. Não vou usar meu poder sobre ele, mesmo se conseguir o que quero.

Meu pai não escondeu sua decepção, mas também não discutiu comigo.

— Eu entendo, *Tesoro*.

Envolvi meu braço no dele e descansei minha bochecha em seu ombro.

— Por favor, não pare de tentar. Eu te conheço - você pode fazer qualquer coisa. Se alguém pode fazer isso acontecer, é você. — Queria que meu pai e Bones se dessem bem. Queria que eles gostassem um do outro, que confiassem um no outro. Eu queria que todos nós fôssemos uma família... Mais do que qualquer outra coisa.

— Em muitos aspectos, isso é verdade. — ele sussurrou. — Mas eu nunca estive nesse tipo de situação antes. Você sabe que não sou bom com palavras. Até mesmo ter conversas profundas com sua mãe é um desafio para mim.

— Sei que você pode fazer isso, pai.

— Você tem uma opinião elevada sobre mim...

— Sim. Mas também sei o quanto o senhor me ama... E fará de tudo para me fazer feliz.

Ele suspirou antes de olhar para mim, seus olhos suaves de uma forma especial. Foi um olhar que ele só dava a mim, sua única filha. Eu tinha um controle especial sobre seu coração, um controle que nem minha mãe tinha.

— Sim, qualquer coisa.

Meu pai me levou de carro para casa e estacionou na rua. Apesar de minha insistência de que poderia entrar sozinha, ele me acompanhou até a porta.

— Obrigada por me trazer.

— Eu não me importei nem um pouco. — Ele me puxou para seu peito e me abraçou, dando um beijo na minha testa. — Boa noite.

— Boa noite, pai.

Me deu outro olhar suave antes de descer as escadas e entrar em seu carro. Ele esperou lá, sem ligar o motor até que me viu entrar no apartamento. Destranquei a porta e entrei.

Coloquei minha bolsa na mesa da entrada e entrei na sala de estar. Era quase dez horas, a hora em que geralmente íamos para a cama. A TV estava desligada e Bones estava deitado no sofá, vestindo nada além que sua boxer. Do tamanho de um cavalo, ele ocupou cada centímetro do sofá, os pés balançando na beirada. Pegou alguns travesseiros do quarto e descansava sobre eles agora.

Parei perto da mesa de café, vendo a garrafa de uísque aberta e o copo vazio ao lado. Havia algumas gotas no fundo do copo, o líquido âmbar que ele bebeu nas últimas horas.

Eu sabia que ele não estava dormindo, então fiquei lá e esperei que dissesse algo.

Ele continuou olhando para o teto, confortável com o silêncio sem fim.

Fui até o sofá e fiquei ao lado dele, vendo todos os seus músculos e tatuagens. Quando olhei para seu rosto, vi seus olhos encontrarem os meus na escuridão. A luz do poste de fora inundou o apartamento, lançando sombras nos cantos.

Ele sustentou meu olhar, seu olhar indiferente. Ele era teimoso demais para pronunciar uma única palavra.

Então eu desisti.

— O que você está fazendo?

— Dormindo.

— Você parece bem acordado para mim.

— Bem, este sofá não foi feito para um homem como eu.

— Então por que você não está dormindo no quarto? — Presumi que ele tinha bebido até desmaiar na frente da TV. Mas agora que notei os travesseiros e sua sobriedade, eu sabia que essa escolha tinha sido proposital.

— Não é isso que os casais fazem? O homem faz algo errado, então ele dorme no sofá? — Se sentou e passou a mão pelos cabelos, os olhos sonolentos, embora não tivesse dormido nem por um minuto. Seu cabelo estava bagunçado de tanto passar as mãos nas últimas horas. Ele se recostou no sofá, um homem feito de um poder infinito. Olhou para a garrafa de uísque na mesa, mas não se serviu de outro copo. Ele olhou para frente, sem olhar para mim.

Encarei seu contorno rígido, desde a forma ampla de seus ombros até seu peito enorme. Ele era mais uma fera do que um homem, suas tatuagens apenas aumentavam sua presença intimidante.

A tinta preta escondia um pouco de sua bela pele, mas também escondia as cicatrizes de batalha que ele carregava nos últimos dez anos. Sua mandíbula estava dura, lançando uma sombra em seu pescoço com a luz suave que entrava pela janela. Ele não se barbeava há alguns dias, então sua barba estava

começando a ficar espessa. Seus olhos azuis eram o único traço gentil que ele possuía. O resto dele era todo bruto.

Agarrei seu ombro, em seguida, montei seus quadris, sentando nele enquanto ele encostava-se ao sofá. Meus braços engancharam em volta do seu pescoço, e eu olhei em seus olhos, vendo-o suavizar lentamente agora que eu estava em cima dele.

Ele olhou para meus lábios antes de me olhar nos olhos. Suas mãos se moveram automaticamente para minha cintura, seus dedos deslizando por baixo da minha camisa para que ele pudesse sentir minha pele macia com as pontas dos dedos.

Pressionei minha boca na dele e dei-lhe um beijo suave, apenas nossos lábios se tocando. Foi longo, nossa respiração ficou mais profunda no segundo em que nos tocamos. Senti o mesmo choque elétrico que sentia quando ele estava dentro de mim. Um simples toque desse homem era tudo que eu precisava. Me afastei e olhei em seus olhos.

— Enquanto vivermos, você nunca vai dormir neste sofá. — Puxei minha camisa sobre a cabeça e desabotoei meu sutiã, que caiu na almofada, revelando meus seios nus.

Seus olhos se moveram para meu corpo nu, a excitação instantaneamente evidente em seu olhar. No estalar de um dedo, seu pau endureceu sob meu short, pressionando diretamente contra meu clitóris. Seus dedos cravaram em mim com mais força antes de ele mover o rosto em meu pescoço. Como um animal, ele me beijou com força, arrastando seus lábios contra minha pele quente enquanto se levantava do sofá e me carregava com ele.

— Baby. — Sua boca se moveu sobre a minha, e ele me esmagou com seu abraço, levando-me rapidamente pelo corredor para o nosso quarto. — Eu te amo demais.

No dia seguinte, levantei cedo e fui para a galeria.

Não tinha trabalhado muito nas últimas semanas. Às vezes, minha galeria ficava dias sem abrir. De propósito, deixei a porta da frente aberta, assim os pedestres saberiam que eu estava aberta para negócios.

Tinha uma pilha de e-mails para colocar em dia. Meus clientes regulares perguntavam sobre novos trabalhos, especialmente depois de me recomendar a seus amigos e familiares. Tirei várias fotos das artes que tinha em estoque, fiz o upload e enviei para cada cliente que achei que gostaria. Levou quase toda a manhã e, quando terminei, já passava do meio-dia.

Eu nem tinha começado a pintar.

Passos pesados soaram da entrada, e eu olhei para cima para ver Bones entrar. Em jeans e uma camiseta que se ajustava confortavelmente em seu peito e braços, ele era um homem gigante. Era tão agressivo comparado com a suavidade da minha arte. Seus olhos percorreram as imagens enquanto ele entrava, cada passo um eco alto por causa de seu peso imenso.

Então ele voltou seu olhar para mim.

E assim, tudo parou. Nenhum homem jamais olhou para mim do jeito que ele olhava, para fazer meus pulmões pararem de precisar de ar, para fazer meu coração parar de precisar de sangue. Ele era tudo de que eu precisava.

Levantei-me de trás da mesa branca. Esta foi a primeira vez que ele esteve no meu espaço, pelo menos comigo ao mesmo tempo. Eu deixei o apartamento cedo naquela manhã, então não tinha compartilhado nossa rotina regular de comer cereal enquanto ele trabalhava em seu laptop.

— Ei.

Ele não falou, apenas me olhando em vez de palavras.

Dei a volta na mesa e me segurei em seu peito. Fiquei na ponta dos pés e beijei-o na boca.

Ele me beijou de volta, segurando a curva profunda nas minhas costas com suas mãos grandes.

— Baby.

Minhas mãos deslizaram pelo seu peito enquanto eu me afastava, amando a maneira como ele me chamava. Nenhum outro homem poderia fazer do jeito que ele faz.

Ele baixou as mãos e deu uma olhada ao redor da galeria, examinando minhas peças com óbvio interesse. Parou na frente de cada uma, sem pressa enquanto observava as cores e linhas.

Encarei suas costas, observando a força de seu corpo enquanto ele se movia. O jantar na casa dos meus pais tinha sido terrível, e não tínhamos falado sobre esse incidente desde ontem. Voltei para casa e fomos direto para a cama.

Pode não haver muito a dizer de qualquer maneira.

Meu pai me disse que não desistiria, que continuaria tentando até que ele e Bones pudessem ter um novo começo. Tudo que queria era que todos que eu amava estivessem sob o mesmo teto. Eu queria que Bones passasse um tempo com meu irmão e meu pai, para se tornar outro Barsetti com um sobrenome diferente. Queria que ele visse meu pai como uma figura paterna e, se não, pelo menos um amigo. Mas essas coisas demoram. E com Bones, levaria muito tempo.

Ele terminou de olhar as pinturas antes de voltar para mim.

— Eu gosto delas.

— Obrigada.

Sua mão se moveu para a minha nuca e ele me beijou na testa.

Fechei meus olhos, apreciando sua afeição. Eu nunca poderia ter o suficiente disso, obter amor o suficiente deste homem.

— Vou deixar você voltar ao trabalho. Só queria te ver um pouco.

— O que você está fazendo? — Minhas mãos se moveram para cima e para baixo em seus braços musculosos.

— Só estou trabalhando em algumas coisas.

Eu sabia que ele iria embora em breve. Sempre que ele trabalhava em seu laptop, significava que estava fazendo pesquisas. Sua partida geralmente acontecia logo depois disso. Eu estava com medo, temendo antes mesmo que ele mencionasse. Tive que me lembrar que logo acabaria, que ele se aposentaria para viver uma vida tranquila comigo. Ele se casaria comigo e iniciariamos uma família. Adoraria ter um filho que se parecesse com ele, para herdar aqueles lindos olhos azuis e seu poder natural.

— Bem. — Ele agarrou meu queixo e ergueu meu olhar, me encarando e lendo minhas emoções, então me beijou na boca. — Te amo.

— Eu te amo.

Me soltou e saiu.

Eu encarei seu corpo poderoso quando saiu, seguindo-o com meus olhos até que ele passou pelas janelas e desapareceu de vista.

Nós mal terminamos o jantar antes de ele me jogar na mesa e fazer amor comigo. Ele derrubou minha taça de vinho e ela se espatifou no chão de madeira. A garrafa rolou pela mesa e teve o mesmo destino, mas isso não o

impediu de se enfiar dentro de mim, sua mão agarrada em meu cabelo e seu olhar possessivo.

Eu não dei a mínima para a bagunça.

Ele entrou em mim e então me carregou para o nosso quarto, ignorando os pratos sujos e o vinho derramado com que nos preocuparíamos pela manhã. Fomos para a cama, lado a lado, com os rostos unidos. Minha perna estava enganchada em seu quadril e sua grande mão agarrou a parte de trás da minha coxa. Ele havia se barbeado naquela manhã, então seu rosto estava limpo. Eu podia ver melhor sua mandíbula dura, estudar a linha proeminente que separava o queixo do pescoço.

Podia sentir seu gozo dentro de mim, sentir seu peso e calor. A qualquer momento, tinha sua essência dentro de mim. Quando estava no trabalho, podia sentir isso. Quando eu dormia à noite, podia sentir isso. Apenas raras vezes no meio do dia eu não sentia isso.

Ele me observou, seu peito ainda suado pelo esforço que fizemos. Seus olhos estavam em mim como se o último sexo não tivesse sido suficiente. Ele sempre pareceu me querer, não importa quantas vezes fizéssemos sexo. Esta vida não era suficiente. Mil vidas não seriam suficientes.

Meus dedos se moveram sobre seu peito, deslizando pelo suor e pelos músculos. A tinta preta era vibrante em contraste com sua pele clara. Eu era escura em comparação, meu sangue italiano dando-me uma aparência exótica. Meus dedos esfregaram a tinta preta, tocando uma data que ele havia pintado ao longo de suas costelas.

— O que isto significa? — Eu nunca perguntei a ele sobre suas tatuagens. As estudei toda vez que estávamos na cama juntos, olhando para as diferentes obras de arte que formavam um afresco sobre seu corpo. Ele nunca usou tinta colorida, sempre aderindo ao preto. Havia uma caveira em um lugar, uma cobra do outro lado de seu estômago, uma lápide acima de seu coração. As imagens foram separadas por símbolos vagos. Eu me perguntei se cada

imagem significava algo para ele, ou se o único propósito era esconder sua pele quebrada por baixo.

Ele não olhou para minha mão para ver o que eu estava apontando.

— O dia em que minha mãe foi morta.

Meus dedos tremeram contra sua pele, a pontada de dor batendo em meu coração.

— Noite de Natal.

— Sim.

Meus dedos moveram-se sobre seu coração, sentindo a batida constante.

— Sinto muito, Griffin.

Seus olhos mudaram ligeiramente para frente e para trás enquanto ele olhava para mim. Ele me estudou com a mesma intensidade com que sempre me considerou, me reivindicando e me observando ao mesmo tempo.

— Eu sei, Baby. Ela era uma boa mulher.

— Sim, ela era. O que você lembra sobre ela? — Ele fez uma pausa enquanto considerava minha pergunta.

— Não muito. Eu lembrava vagamente de como ela cheirava, a maneira como ela sussurrava quando estava realmente com raiva. Lembro-me de como ela me fazia sentir... Como se eu fosse amado, não importa o quê. Quando me tornei adulto, aprendi mais sobre meus pais. Minha mãe não amava meu pai. Ela era uma concubina que ele reivindicou como sua. Ele a engravidou, mas não tinha ideia que ela estava grávida. Minha mãe me amava mesmo assim, não se importava que eu fosse o resultado de uma noite horrível. Perdemos tudo, mas isso não a fez desistir. Ela continuou... Fazendo o melhor que podia. Eu faria qualquer coisa para tê-la aqui agora, para cuidar dela, para que ela nunca mais tivesse que se preocupar com nada novamente.

Meu coração bateu mais uma vez, ouvindo o arrependimento em sua voz.

— Ela ficaria orgulhosa de você.

— Orgulhosa do que exatamente? — ele sussurrou. — Eu mato pessoas para viver.

— Você nunca se importou que ela fosse uma prostituta. Por que ela se importaria que você matasse pessoas?

Ele me observou em silêncio.

— Ela ficaria orgulhosa de você por causa do que acabou de me dizer... Que você gostaria de poder cuidar dela. Você cuida de mim. Você me ama com tudo o que tem. Durmo bem à noite porque você está ao meu lado. Nunca precisei de um homem para nada, mas preciso de você para tudo. — Mudei meu rosto em seu peito e beijei a pele de seu coração, sentindo-o bater contra minha boca. Quando me afastei, ele ainda estava olhando para mim, seus olhos ainda mais focados do que antes.

— Não há nada que me excita mais do que ouvir você dizer isso.

— Que eu preciso de você? — Sussurrei, meus dedos descendo em seu estômago duro.

— Sim.

— Quero dizer, — beijei seu coração novamente. — eu sempre vou precisar.

Sua mão deslizou pela minha coxa até chegar à minha bunda. Ele deu um aperto firme.

— Baby. — Pressionou seu rosto no meu e me beijou, um beijo quente com língua, paixão e respiração pesada. Puxou meu lábio inferior em sua boca e deu uma mordidela suave antes de soltá-lo. — Eu sempre farei você precisar de mim.

— Bom... Porque eu gosto. — Passei três meses sem ele e precisava dele a cada segundo que estivemos separados. Ele era minha felicidade, toda minha

alegria. Minha mão se moveu para seu ombro, sentindo os músculos tensos que mudaram com o meu toque. — Você nunca me contou sobre suas tatuagens.

— Porque não há nada para contar.

— Discordo. Qual foi a sua primeira?

Ele apontou para o lado direito, indicando o crânio.

— E você tem conseguido desde então? — Eu não o tinha visto comprar uma tatuagem nova desde que estávamos juntos. A tinta da tatuagem estava manchada nos lugares onde ele havia sido baleado, de quando eu coloquei uma bala nele, bem como aquela destinada ao meu pai. Ele teria que retocá-los eventualmente.

— Sim.

— Elas são apenas para cobrir suas feridas? Porque você as tem em todos os lugares.

— Fiz a maioria delas em meus vinte e poucos anos. Eu não tinha mais nada melhor para fazer.

— Então, elas não significam nada para você?

— Algumas sim. Algumas não. — Sua mão percorreu meus quadris até que ele segurou meu peito direito. — Eu acho que você ficaria sexy com um pouco de tinta. — Ele mudou-se para o meu quadril direito. — Bem aqui. — Arrastou as costas dos dedos sobre a pele, seus olhos seguindo seus movimentos.

— E o que devo colocar aí?

Ele encolheu os ombros.

— Deixe-me adivinhar... Seu nome?

Ele não esboçou um sorriso com o meu comentário.

— Eu não preciso marcar você com meu nome para provar que você é minha. Qualquer idiota com olhos pode ver que você é minha mulher. Porque meus olhos estão sempre em você e seus olhos estão sempre em mim.

Era verdade. Sempre que eu saía em público, os homens nunca olhavam para mim. Bones sempre ficava em segundo plano, agindo como o repelente de insetos mais forte que uma garota precisava. Nem precisei usar um grande anel de diamante para manter os mosquitos longe.

— Um homem marca sua mulher no quarto. Um homem não precisa segurar sua mão ou envolver seu braço em volta de sua cintura em público, não quando seu gozo está dentro dela o tempo todo. Você nunca esquece que pertence a mim, não quando você sempre pode me sentir entre suas pernas. — Sua mão desceu pelo meu estômago até chegar ao ápice das minhas coxas. Ele brincou com meu clitóris um pouco antes de seus dedos se moverem para dentro da minha fenda, sentindo seu gozo escorrendo na entrada. Ele manteve os olhos fixos em mim, seu olhar possessivo queimando minha pele. — Você gosta de me sentir entre suas pernas. Ajuda você a dormir à noite.

— Sim. — Eu amei sua vinda. Nunca deixei um homem gozar dentro de mim antes. Sempre usei camisinha. Ele teve a primeira honra, e fiquei feliz por ter esperado até conhecê-lo. — Mas acho que preciso de mais...

Seus dedos congelaram contra a minha entrada, o seu próprio veio na ponta dos dedos. Ele se acalmou enquanto olhava para mim, suas narinas inflando ligeiramente em excitação. Não havia nada que ele gostava mais do que me ouvir pedir mais sexo. Ele se animou com isso.

— Quero que faça algo por mim primeiro.

— Sim?

Agarrou minha mão e a colocou contra meu clitóris.

— Você se masturbou quando eu fui embora?

Durante o primeiro mês, fiquei deprimida demais para ficar excitada, mas, com o passar do tempo, minha boceta doeu pelo sexo que eu costumava ter diariamente.

— Sim. — Engoli o nó na garganta e me recusei a ter vergonha disso. Uma mulher era tão sexual quanto um homem. Eu precisava de sexo tanto quanto ele. Depois do relacionamento explosivo e apaixonado que tivemos, eu não conseguia sobreviver sem nada.

— Você pensou em mim. — Ele não fez uma pergunta, já sabendo qual seria a minha resposta.

— Sempre.

— Mostre-me.

— Não. — Eu mantive meus dedos entre minhas pernas, mas não esfreguei meu clitóris. — Eu não quero fingir, não quando posso ter a coisa real.

Ele repetiu o comando.

— Mostre-me e eu mostrarei a você. — Imaginei ele se tocando e minha pele imediatamente inflamou com o calor. Com sua mão e pau grande, seria sexy ver a veia em seu pescoço quase estourar enquanto ele se agradava, ver sua respiração acelerar enquanto suas bolas se apertavam contra seu corpo.

— Ok. — Virei de costas e deixei meus joelhos desmoronarem antes de esfregar meus dedos contra meu clitóris em um movimento circular. Eu podia sentir seu gozo ainda dentro de mim, então me tocar imediatamente me fez gemer.

Ele lambeu a palma da mão antes de circundar os dedos em torno de seu pau. Então começou a se movimentar com força, movendo sua mão da cabeça até as bolas.

O observei, vendo o fluido escorrer do topo de sua cabeça. Meus dedos trabalharam no clitóris com mais força e minhas costas arquearam de prazer. Meus mamilos duros apontaram para o teto, e puxei meus joelhos contra minha cintura, alargando minhas pernas enquanto imaginava seu pau se movendo dentro de mim.

Ele se sacudiu com mais força, sua respiração preenchendo o silêncio da sala.

— Griffin... — Eu não ia durar muito mais tempo assim, não assistindo ele se masturbar. Tudo o que ele fazia era sexy, mas vê-lo se tocar era ainda mais sexy. — Eu vou gozar. Mas quero fazer isso ao redor do seu pau.

Ele se moveu para cima de mim imediatamente, empurrando seu pau grosso na minha boceta encharcada.

— Porra. — Ele prendeu os braços atrás dos meus joelhos e empurrou com força, suas bolas batendo contra minha bunda. Depois de algumas bombas, me levou ao clímax.

— Sim... — Meus dedos do pé se enrolaram e arrastei minhas unhas em suas costas. — Agora dê para mim. — Adorei ter um orgasmo quando o senti pulsar dentro de mim ao mesmo tempo. Eu adorava receber seu gozo enquanto cavalgava alto, sentindo sua semente preencher toda a minha cavidade.

Ele veio na hora, enchendo-me com seu gozo. Me reivindicou do jeito que prometeu, enchendo-me de tanto gozo que sempre o sentiria dentro de mim. No decorrer do meu dia, sempre tive pena das moças que encontrava, sabendo que elas não tinham o que eu tinha. Eles não tinham um homem poderoso transando com elas como se fosse a primeira vez, todas as vezes. Bones sempre me levou como se fosse uma nova experiência, uma da qual ele não se cansava. Sempre me senti a mulher mais sexy que ele já tinha visto, como se não houvesse outra mulher no mundo com quem ele preferisse estar.

BUTTONS
&
DECEIT
BEYOND BUTTONS, II

Ele falou em meu ouvido quando terminou.

— Já chega, baby? — Seu pau começou a amolecer dentro de mim, mas eu ainda estava esticada por causa do tamanho dele. Havia muito gozo dentro de mim, muito de sua semente que duraria a noite toda.

Segurei seus ombros e preendi meus tornozelos em volta de sua cintura.

— Não. Nem mesmo perto.

CAPÍTULO 5

Crow

Cane bebeu seu scotch e revirou os olhos ao mesmo tempo.

— Apenas o deixe ir. O cara não gosta de nós e não vai mudar de ideia. Sua família e os Barsettis são como óleo e água - eles não se misturam. — Colocou o copo na mesa entre nós, sua mandíbula tensa de aborrecimento. — Deixe isso pra lá.

Button sentou-se ao meu lado, as pernas cruzadas por baixo do vestido. Ela usava um vestido azul profundo que terminava acima do joelho. Com o cabelo puxado para trás e os brincos de diamante expostos, ela tinha a graça de uma rainha.

Minha rainha.

Ela envelheceu como um bom vinho, tornando-se mais graciosa e potente com o passar dos anos. Sua confiança apenas aumentava sua beleza, e aqueles penetrantes olhos azuis nunca desapareceram, apesar das décadas de estresse que ambos suportamos.

Ela voltou seu olhar para mim, silenciosamente me chamando para abordar o que meu irmão acabou de dizer.

Seria fácil desistir - mas não para mim.

— Eu não vou parar. Não até que a água e o óleo finalmente se misturem.

— Mas eles *não podem* se misturar. — cuspiu Cane. — Eles sempre se separam.

— Bem, vou fazer acontecer.

Ele balançou a cabeça enquanto enchia o copo.

— A coisa mais idiota que já ouvi você dizer. E você disse muitas coisas idiotas nas últimas décadas...

Button estreitou os olhos, os lábios pressionados com força.

— Não tanto quanto você.

Não consegui esconder o leve sorriso que se formou no meu rosto. Ela era minha esposa, a pessoa ao meu lado para sempre. Sempre me defendeu, embora eu não precisasse dela para fazer isso. Mas ela também fazia parte desse relacionamento, uma irmã de Cane que se encaixava perfeitamente. Nós derrotamos Bones Sr. juntos, salvamos o traseiro um do outro mais vezes do que eu poderia contar. Era o tipo de vínculo que permitia que os insultos voassem o tempo todo.

Ele girou seu copo antes de encolher os ombros.

— Verdade. Mas isso ainda é estúpido. Você fez sua tentativa. Precisamos seguir em frente. Se ele não quiser ser o homem maior, então, tanto faz.

— Ser o homem maior? — Eu coloquei meu copo na mesa, minhas mãos se juntando. — Ele sempre foi o homem maior. Apesar da merda a qual o colocamos, ele me avisou sobre Conway. Além disso, ele colocou seu pescoço em risco e salvou todos nós. — Eu apontei entre ele e eu. — Estaríamos mortos agora se não fosse por ele. Teria sido fácil para ele ignorar essa informação. Aposto que ele considerou isso por um momento. Tudo o que ele teria que fazer seria esperar que morrêssemos antes de levar Vanessa. Estaríamos fora do caminho para sempre e ele conseguiria exatamente o que queria - Vanessa e o resto de nós mortos.

Meu irmão sustentou meu olhar, ainda girando ligeiramente sua bebida.

— Ele já era o homem maior. — Meus olhos se moveram para a mesa entre nós. — Ele provou isso um milhão de vezes. Concordo que devo a ele pelo resto da minha vida. Eu nem dou a mínima para a minha vida, não comparada ao meu único filho.

— E meu? — ele perguntou ofensivamente.

— Você sabe o que quero dizer. — eu cuspi. — Ele salvou meu filho. Ele salvou minha nora. Ele salvou meu neto. É a minha vez de ser o homem maior. É a minha vez de tolerar suas besteiras até finalmente ganhar seu respeito.

Cane se recostou na cadeira de couro, a bebida pousada em sua coxa. Um suspiro saiu de seus lábios e encheu a sala.

Button assentiu.

— Crow está certo. Temos que continuar tentando até consertar.

— Mas ele não quer nada conosco. — disse Cane. — Essa é a parte que você não entende. Tudo o que ele quer é Vanessa. Ele quer ficar sozinho. Você tentar consertar isso só está irritando ele. Se você realmente quer respeitá-lo, pare de incomodá-lo.

Eu balancei minha cabeça.

— Não. Percebo que ele está com raiva de nós, principalmente de mim, mas isso precisa ser consertado. Ele é um cara forte, mas precisa de mais na vida. Ele precisa de um lugar ao qual pertence. Nunca pensei que tentaria ser uma figura paterna para ele... Mas é disso que ele precisa. Isso é o que Vanessa quer que eu seja para ele.

— Um pai? — ele perguntou incrédulo. — O cara tem trinta anos. Ele não precisa de um pai.

— Meu filho precisa de mim. — rebati. — Quando ele foi levado, eu dei um passo a céu aberto e me preparei para morrer para salvar sua vida, apenas pela pequena chance de que ele pudesse escapar. Quando ele não sabia o que

fazer com Sapphire, ele veio me pedir um conselho. Quando ele criar seus filhos, ele virá até mim. Ele precisa de mim tanto agora quanto fazia quando era criança, apenas de maneiras diferentes. Carter e Carmen precisam de você também.

Cane ficou em silêncio e bebeu seu uísque.

— Às vezes acho que faço algum progresso com Griffin, mas então damos dez passos para trás. — Quando conversamos no bar, parecia que ele estava se abrindo lentamente para mim. Parecia que suas paredes estavam caindo. Mas então ele veio jantar e o gatilho disparou e o empurrou de novo. — Pedi a Vanessa que pedisse a ele para me encontrar no meio do caminho, mas ela recusou. Ela disse que não pode pedir mais nada dele, o que eu entendo. Então, estou sozinho.

Carter olhou para seu copo, engolindo seu aborrecimento.

— Espero não passar por nada assim com Carmen. Eu sempre faço piadas sobre colocá-la em um convento, mas Jesus, estou falando sério agora.

Minha única filha namorando meu maior inimigo foi a pior dor de cabeça que eu já experimentei. Havia tanto ódio em minhas veias, tanta frustração. Teria sido muito mais fácil se ela simplesmente tivesse se estabelecido com Matteo ou Antonio, dois cavalheiros excelentes, qualquer um dos quais a teria deixado feliz. Mas ela escolheu outra pessoa, um homem duro como eu.

— Não é tão ruim, Cane. Eu sei que ele faria qualquer coisa por ela, e isso é o suficiente para mim.

— Se Carmen namorar alguém como ele... — Cane balançou a cabeça. — Nem quero pensar sobre isso.

— Por mais que eu odeie admitir, ela encontrou alguém como eu. — Griffin e eu não nos parecíamos em nada, mas éramos semelhantes em nossa hostilidade e maneirismos. Ele era destemido, forte e apaixonado. Com muito pouco a dizer, ele anunciou sua presença em silêncio. Depois que Button

apontou as semelhanças, eu não conseguia parar de vê-los. — Carmen pode encontrar alguém como você.

Cane zombou.

— Por cima do meu cadáver.

Button olhou para ele.

— Por mais que não queiramos admitir, o nome Barsetti está manchado de sangue e violência. Temos um gosto específico quando se trata de nossos parceiros. Não queremos uma pessoa média. Precisamos de alguém como nós. Carmen provavelmente não ficaria feliz com um homem comum. Ela provavelmente vai querer um extraordinário.

— É por isso que o convento é uma ideia tão boa. — Ele bebeu o conteúdo de seu copo antes de colocá-lo na mesa. — Porque minha filha é tão bonita. Ela se parece com Adelina, mas com olhos e altura dos Barsetti. — Ele balançou sua cabeça. — Eu queria que ela fosse feia...

Button riu.

— Não, você não queria.

— Sim, ele queria. — eu disse. — Eu estive lá. Mas agora que sei que Vanessa vai passar a vida com Griffin, não estou preocupado com ela. Ela tem o homem perfeito para protegê-la. Não preciso mais me preocupar com ela... E isso é tudo que eu queria.

Cane encolheu os ombros.

— Não acho que nenhum homem lá fora será bom o suficiente para minha filha.

Eu concordei.

— Eu sei o que você quer dizer.

Cane tornou a encher o copo antes de mudar de assunto.

— Sei que você está tentando beijar a bunda de Griffin agora, mas temos que fazer algo sobre os Skull Kings. Não ouvi mais nada sobre eles, mas depois de pedir uma batida dessas, não acho que vai acabar silenciosamente. Se eles são como eu me lembro, são insanamente implacáveis. Tenho certeza de que matar toda a equipe que eles enviaram os fez perceber que nos subestimaram... Mas não acho que acabou.

Isso esteve na minha cabeça nas últimas semanas. Sua rendição silenciosa parecia boa demais para ser verdade. Coisas assim nunca se dissolvem no nada.

— Nem eu. — Agora que meu filho seria pai em apenas algumas semanas, essa guerra precisava estar morta e enterrada para sempre. Eu não queria que meu neto viesse ao mundo no meio de uma batalha. Eles deveriam apenas conhecer a paz.

— Griffin tem algum tipo de relacionamento com os Skull Kings. — disse Cane. — Com base no que Conway disse sobre o Underground. Ele estava lá uma noite, quer estivesse comprando uma mulher ou vigiando o lugar. Ele pode ser capaz de nos ajudar.

— Talvez ele possa conversar com eles sobre o fim dessa rivalidade. — disse Button. — Não temos certeza do que começou essa provocação em primeiro lugar. Conway parece não saber qual é o problema.

— Eles devem ter percebido que Conway estava comprando e libertando os escravos. — eu disse. — Talvez alguém o delatou. Essa é a única coisa que faz sentido. Eles provavelmente não apreciam o fato de que Conway estava fazendo fortuna com seus produtos.

Cane assentiu.

— Provavelmente. E não acho que isso seja algo que possamos discutir com calma. Os Skull Kings não estão calmos. Eles são psicopatas.

— Griffin pode ter algo que possa ajudar. — Ele era um homem poderoso com muitas conexões. Talvez ele tivesse um relacionamento especial com eles e pudesse arranjar uma negociação pacífica. — Atacar completamente os Skull Kings é a única outra escolha e é uma escolha terrível. Estaremos lutando essa guerra por mais três gerações.

— Também não gosto dessa ideia. — disse Button. — Não quando queremos apenas paz.

— Griffin vai ajudar se você perguntar, certo? — Cane perguntou.

Eu me senti patético pedindo ajuda a ele depois do que fez por minha família. Ele não nos devia nada, não mais. Odiava admitir que precisava dele, mas com certeza precisava.

— Já que isso diz respeito a Vanessa, sim. Prefiro esperar até que Griffin e eu tenhamos estabelecido um relacionamento melhor, porque não quero que ele pense que só estou me comportando assim porque quero algo...

— Bem, você vai ter que superar isso. — Cane retrucou. — Porque não temos tempo para essa merda. Precisamos puxá-lo agora. — Ele bateu o punho contra a mesa. — Já perdemos muito tempo.

— Eu concordo. — emendou Button. — Griffin é um homem inteligente. Tenho certeza de que ele entende que essas são duas questões distintas. Já que ele ama Vanessa, tenho certeza de que quer encerrar isso tanto quanto nós. Ele anseia pela mesma vida tranquila que nós... Com nossa filha.

Eu esperava poder progredir com Griffin antes de pedir um favor, mas isso não parecia possível. No momento, proteger minha família era a coisa mais importante. Eu não tinha apenas Vanessa, mas um filho, uma nora, uma sobrinha e um sobrinho... E muito mais.

— Eu vou falar com ele.

— Quando? — Cane pressionou.

BUTTONS
&
DECEIT
BEYOND BUTTONS, II

— Vou tentar amanhã. — respondi. — Pagar a ele uma cerveja ou algo assim.

— Devo ir junto também? — Cane perguntou. — Para que possamos começar a trabalhar imediatamente?

— Não. — Fui eu que estraguei tudo com Griffin em primeiro lugar. Era o pai da mulher que ele amava. Tinha que ser eu. — Eu deveria ir sozinho.

CAPÍTULO 6

Bones

Minha vida foi sempre a mesma, em variações de repetição.

Foi simples. Previsível. Contida.

Mas eu amei cada segundo disso.

Costumava trabalhar constantemente, pegar mulheres em um bar de três maneiras sujas e sair com os cadáveres que jogaria no lago. Minha vida nunca mais foi a mesma, cheia de adrenalina e do desconhecido.

Troquei tudo isso por Vanessa. Sem arrependimentos.

Eu acordava às sete horas todos os dias porque gostava de terminar meu treino antes de Vanessa acordar. Ela geralmente ficava aninhada ao meu lado, seu cabelo por todo o lugar e seu braço envolto em meu peito. Era fácil rolá-la de costas, mover-me entre suas pernas e transar com ela rapidamente antes de começar meu dia. Ela se movia comigo um pouco, seus olhos mal abertos e as unhas enterradas no meu cabelo. Todas as manhãs, acordava com uma ereção e gostava de cuidar disso antes de continuar meu dia. Antes dela, eu me masturbaria antes de pegar os pesos. Mas agora, eu a preferia, quer ela estivesse realmente consciente para se divertir ou não. Ela chegava ao clímax na maioria das vezes, então seu corpo estava obviamente ciente do que estava acontecendo, mesmo que sua mente não estivesse. Colocava meu gozo onde ele pertencia, bem no fundo daquela fenda que paguei com meu sangue, então a deixava lá e continuava meu dia.

Havia um ginásio que eu frequentava na rua do apartamento. Não gostava de dividir meu espaço com o público, por isso tinha uma academia particular em cada uma de minhas casas. Mas, por enquanto, serviria. Vanessa estava obcecada com meu corpo, excitada pela maneira como eu ganhei músculos nos últimos três meses, então aumentei o peso para manter meu tamanho. Não precisava disso para uma batalha. Eu só gostava de fazê-la esquecer que alguma vez se preocupou com aquele pintor.

Voltei para casa, tomei banho e me sentei à mesa de jantar com meu laptop. Era mais um dia ensolarado em Florença, e a luz do sol filtrava-se pelo apartamento. Quando investiguei este imóvel, pensei que seria o lugar perfeito para ela. O comprei presumindo que ela nunca dividiria seu espaço com ninguém, nem mesmo comigo. Então era menor do que eu preferia.

Finalmente terminei a declaração de missão que Max enviou para mim. Concluí todos os estudos de caso de que precisava para obter sucesso. Eu estaria indo para o Egito em alguns dias, algo que não mencionei a Vanessa. Ela sabia que isso ia acontecer. Ela sempre soube.

Vanessa acordou trinta minutos depois, desfilando com a minha camiseta. Ela ficava sexy com a lingerie que escolhi para ela, mas nunca tão sexy quanto nas minhas roupas. Ela se inclinou sobre mim com os braços em volta dos meus ombros e me beijou no pescoço, da mesma forma que sempre me cumprimentava pela manhã.

— Bom dia.

— Bom dia, baby. — Quando se afastou, bati em sua bunda como um relógio.

Ela se serviu na cozinha, fazendo uma tigela de cereal. Suas pernas longas e bronzeadas apareciam por baixo da minha camisa, duas pernas que pareciam sexo puro. Ela passou os dedos pelos cabelos antes de levar a tigela para a mesa.

Meus olhos estavam colados nela, focados na única mulher que capturou meu foco completo no segundo em que a conheci. Ela era a mulher que me fez, um homem incapaz de amar, apaixonar-me tão profundamente que sacrifiquei tudo para mantê-la. Desisti da promiscuidade pela monogamia. Eu desisti da morte pela vida. Já fui homem por muito tempo, mas nunca conheci uma mulher que se igualasse a mim, uma senhora tão forte e feroz que me lembrava eu mesmo. Assim que ela colocou a bala no meu ombro, eu me perdi. A observei atirar em mim com determinação e no segundo que ela puxou o gatilho, eu estava mais duro do que jamais estive em toda a minha vida.

Todos os dias, não conseguia parar de olhar para ela assim, como se fosse a primeira vez que eu colocasse os olhos nela. Ela estava acostumada com meus olhares constantes que beiravam a hostilidade, mas não tinha ideia do que eu estava pensando. Ela não tinha ideia de que eu estava pensando no quanto a amava a cada segundo daqueles olhares. Às vezes, queria transar com ela. Às vezes, queria agarrá-la pelo pescoço e prendê-la no colchão, apenas para lembrá-la de que ela me pertencia - embora eu nunca a deixasse esquecer. Meu amor às vezes era tão possessivo, era violento. Meu amor era tão físico que eu queria foder sua bunda e boca tanto quanto sua boceta. Meu amor tão intenso que fez com que todos em nossa vizinhança se sentissem desconfortáveis. Mas ela era uma mulher tão extraordinária que podia lidar com isso.

Desde o momento em que a conheci, eu poderia dizer honestamente, que nenhuma outra mulher chamou minha atenção do jeito que ela chamou. Não fantasiei com outras mulheres. Não senti falta dos trios, das algemas e das strippers.

Nunca duvidei do que tínhamos.

Que foi a melhor coisa que já me aconteceu. Ela comeu seu cereal enquanto esses pensamentos passavam em minha cabeça, o canto de sua boca

erguido em um sorriso. Ela podia sentir meu olhar e, embora já devesse estar acostumada a isso, ainda assim a distraiu. Ela virou o rosto para mim.

— O que?

Não perdi meu tempo dizendo a ela cada pensamento que tive. Não descrevi como ela me fazia sentir, como me transformou em um homem mais forte e mais fraco ao mesmo tempo. Todas aquelas palavras pareciam muito trabalhosas, os sentimentos impossíveis de traduzir em uma linguagem falada. Então eu segurei seu olhar, meus olhos transmitindo tudo que eu não tinha a dizer.

— Você já sabe.

Vanessa estava lá embaixo na galeria durante o dia, então fiquei no apartamento e assisti TV no sofá. Era tentador descer e vê-la trabalhar, mas eu sabia que minha presença hostil deixava as pessoas desconfortáveis. Ela precisava de mais clientes, não menos, então fiquei fora de seu negócio. Ela subiu no meio da tarde e ficou na minha frente, bloqueando a TV com seu corpo pequeno.

Seus olhos se fixaram nos meus antes que ela desabotoasse o short jeans e o empurrasse por suas longas pernas. Sua calcinha veio em seguida, pousando em cima do jeans no tapete.

Meus braços descansaram ao longo do encosto do sofá, e não me movi, apesar do jeito que ela silenciosamente desfilou no apartamento e exigiu sexo de mim. Em vez de olhar para a área entre suas pernas, mantive meu olhar fixo no dela, vendo o jeito que ela me queria.

Ela empurrou para baixo a frente da minha calça de moletom, revelando meu pau que tinha endurecido apenas trinta segundos atrás. Ela se abaixou em cima de mim, ofegando quando me senti esticá-la profundamente até o fim. Quando ela estava sentada em minhas bolas, agarrou meus ombros e soprou em meu rosto.

— Oh sim. — Pressionou os pés contra as almofadas e se manteve agachada.

Minhas mãos se moveram por baixo de suas coxas, carregando a maior parte de seu peso para que ela pudesse montar meu pau com facilidade. Eu a ajudei para cima e para baixo, fazendo-a engolir meu pau uma e outra vez. O creme branco se formou na base do meu pau. Eu podia praticamente cheirar seus hormônios no ar, sentir sua excitação entre as pernas.

Meus pés descalços empurraram contra o tapete enquanto eu empurrava dentro dela, batendo com força como ela queria. Eu apertava as bochechas de sua bunda sexy e a empurrei para cima e para baixo em um ritmo mais rápido, fazendo-a montar meu pau rápido.

Seus olhos verdes estavam focados nos meus, seus lábios sensuais separados pelos gemidos sensuais que fazia. Seus dedos pressionaram meu ombro, cavando em meu antigo ferimento. Mesmo que isso me causasse dor, ainda não mencionaria isso.

Eu amava beijá-la, mas também amava transar com ela sem beijá-la. Gostei da conexão entre os nossos olhos, a maneira como ambos ardíamos e ardíamos em paixão mútua. Fizemos amor, mas também fodemos como duas pessoas apaixonadas - e essa era a minha favorita. Não transamos um com o outro porque era necessário. Nós fodemos um ao outro com força, como se fosse a noite mais quente de nossas vidas.

Eu bati em sua bunda.

— Bata em mim.

Ela continuou se movendo para cima e para baixo, sua boceta fazendo os barulhos mais sexys enquanto cavalgava meu pau.

Eu bati em sua bunda novamente.

— Bata em mim.

Ela ouviu desta vez, batendo-me no rosto com a palma da mão. Ela não me deu um golpe de maricas como a maioria das mulheres. Ela me deu um tapa com sinceridade, batendo na lateral do meu rosto com a palma da mão dura. Colocou seu peso nisso, usando os músculos sensuais de seu braço.

Sua mão doeu quando colidiu com meu rosto, fazendo a superfície da minha pele queimar e o sangue ferver. Eu amei a dor que ela me causou, a maneira como ela deu o golpe sem hesitação. Ela sabia que eu era um homem que podia lidar com qualquer coisa, então me bateu com o tipo de brutalidade que eu ansiava.

Meu pau latejava dentro dela, minhas bolas apertando porque eu queria gozar. Amei sua coragem. Amei o impulso que ela poderia desencadear com aquele braço. Uma mulher forte como Vanessa provavelmente intimidava a maioria dos homens, mas ela me excitou como uma louca.

— Me bata de novo quando você gozar. Forte. Duro pra caralho, baby.

Ela saltou no meu pau por mais trinta segundos, sua boceta lentamente apertando em torno de mim enquanto ela se preparava para explodir em torno do meu pau latejante. Sua respiração se aprofundou, ela mordeu o lábio inferior enquanto apreciava o prazer preliminar, o acúmulo antes do golpe. Ela fechou os olhos por um segundo antes da explosão. Então ela gritou na minha cara, sua boceta apertando meu pau com um aperto de ferro.

Como pedi, ela bateu a mão no meu rosto o mais forte que pôde, me acertando com força suficiente que quase fez minha cabeça virar. Com pontaria precisa e força poderosa, ela atingiu minha bochecha com a força de sacudir uma montanha.

Eu amei isso pra caralho.

Eu gozei dentro dela instantaneamente, bombeando-a com mais gozo do que normalmente fazia. Puxei seus quadris e a mantive bem no meu colo, certificando-me de dar a ela cada gota de gozo o mais profundo possível.

Terminamos juntos, nossos corpos se contraindo e apertando juntos. Sua boceta absorveu cada grama de gozo que eu dei a ela, inalando como um aspirador. Meus olhos observaram a performance sexy que os dela me deram, e ela estava tão linda que pensei que poderia gozar novamente.

Quando terminou, ela saiu do meu colo sem me dar um beijo. Não perguntou se minha bochecha estava bem, embora provavelmente estivesse vermelha brilhante e ligeiramente inchada. Ela se virou e se abaixou para pegar a calcinha do chão.

Meus olhos foram imediatamente para sua boceta, vendo um pouco do meu gozo vazar de sua fenda lisa.

Ela puxou a calcinha pelas pernas longas, em seguida, vestiu o short jeans. Então, como se nada tivesse acontecido, saiu do apartamento sem se despedir. Nem uma única palavra foi trocada entre nós. Ela só me queria para uma coisa, para uma foda ao meio-dia porque ela estava com tesão pensando sobre mim lá embaixo. A porta se fechou atrás dela, apenas o som da TV permaneceu, minha calça de moletom ainda abaixada e meu pau molhado contra meu estômago.

Vanessa queria o que queria e, quando conseguiu, desapareceu. Sem desculpas e sem explicação, ela fez o que diabos ela queria.

— Essa é minha baby.

Eu estava prestes a descer as escadas e verificar Vanessa quando alguém bate na porta.

Obviamente não era Vanessa, especialmente porque ela marchou lá apenas algumas horas atrás e me fodeu sem preâmbulos, então era outra pessoa passando para uma visita. Se fosse uma amiga de Vanessa, elas teriam notado que ela estava lá embaixo na galeria.

Isso significava que eles estavam aqui para me ver.

E o culpado só poderia ser uma pessoa.

Crow Barsetti.

Eu abri a porta de mau humor, não querendo gastar nenhum tempo extra com o pai. Eu disse a ele que precisava de tempo. Ele mal me deu uma pausa antes de fazer outro movimento.

Quando abri a porta, fiquei cara a cara com ele. Em jeans escuros e um decote em V cinza, ele estava com as mãos nos bolsos. Ele costumava me olhar com uma expressão inatamente hostil. A frieza se foi, mas o calor não a substituiu. Ele olhou para mim com uma expressão contida, um olhar cheio de remorso.

Cerrei minha mandíbula enquanto mantive uma mão na porta. Fiquei tentado a bater na cara dele. Algo me impediu de fazer isso, não tinha certeza se era Vanessa.

— Vanessa está lá embaixo.

— Eu a vi.

Minhas narinas dilataram-se.

— É melhor você não estar aqui por mim.

— Você sabe que eu estou.

Inclinei meu braço contra o batente da porta, sem camisa, com minhas tatuagens óbvias na luz. Ele sabia que eu estava marcado com tinta antes porque meus braços estavam cobertos com ela, mas agora ele sabia que eu tinha tatuagens em todos os lugares, do peito aos meus quadris estreitos.

— Foi há menos de uma semana, quando eu disse que precisava de espaço.

— Eu lembro. Mas não acho que o espaço vai ajudar muito.

Por que os Barsettis eram tão chatos?

— Você é um idiota. Você sabe disso?

Ele encolheu os ombros.

— Foi o que me disseram. Você vai me convidar para entrar?

— Não. — Mantive meu corpo no caminho, não deixando este homem pisar em minha propriedade pessoal. Tecnicamente, Vanessa a possuía porque assinei os papéis em seu nome, mas foi comprado com meu dinheiro, então era meu.

Crow não pareceu ofendido com a resposta fria.

— Então vamos tomar uma bebida.

— Não. — Eu não devia nada a ele. Saí com ele uma vez e falei com ele do lado de fora de sua casa. Já tinha dado a ele muito do meu tempo. — Saia. Não me faça falar de novo.

Crow manteve sua posição, parado na minha porta, sem intenção de ir a lugar nenhum. Ele foi um dos únicos homens que nunca se intimidou por mim. Eu tinha feito homens cagar nas calças, mas o Crow era feito de algo mais forte do que todos os outros.

— Isso não vai parar, Griffin. Você também pode me dar uma chance.

— Eu não devo nada a você. Eu ganhei Vanessa salvando sua bunda. Estamos quites.

— Nós nunca estaremos quites. — ele disse calmamente. — Eu nunca vou ser capaz de retribuir o que você fez.

— Você quer me retribuir pelo que eu fiz? — Eu exigi. — Então desapareça.

Ele ficou na porta, os braços cruzados sobre o peito.

Quer Crow Barsetti me odiasse ou gostasse de mim, ele era igualmente irritante.

Passos soaram ao fundo e então Vanessa apareceu subindo as escadas. Com os mesmos shorts jeans e camiseta, estava tão fofa quanto antes. Ela ainda usava a mesma calcinha de antes, meu gozo provavelmente estava dentro dela agora.

Ela parou ao lado do pai e seu olhar desapontado me disse que ela viu a animosidade em nossos rostos. Não disse uma palavra enquanto passava por nós e se dirigia para dentro. Ela se moveu para trás de mim e colocou o braço em volta da minha cintura. Seus lábios quentes pressionaram contra minhas costas, bem entre minhas omoplatas. Suave como uma pétala de rosa e cheia de amor que ela não precisava falar em voz alta, seu beijo foi um invólucro para minha raiva. Seu toque trouxe meu inferno a um ferver. Ela puxou o braço e desapareceu no apartamento.

E assim, toda a raiva que eu sentia se foi.

Ela nunca me pediu para falar com seu pai. Quando saí do jantar, ela não me implorou para voltar. Quando pedi espaço, ela disse que eu poderia ficar o quanto quisesse. Ela amava o pai e queria que tivéssemos um relacionamento próximo, mas nunca me obrigou a fazer nada que eu não quisesse. Tudo o que ela precisava fazer era me pedir para tomar uma bebida com ele e eu ouviria - mas ela também não fez isso.

Crow me encarou com a mesma expressão, sem reagir ao jeito afetuoso com que Vanessa me cumprimentou quando voltou para casa. Seus olhos ainda estavam em mim, como se ele não se importasse com a filha.

Eu era a única coisa que importava.

— Só uma bebida.

Nós retornamos ao bar que visitamos na semana anterior. Pedimos exatamente a mesma coisa. Scotch - puro. O bar estava mais ocupado do que da última vez, já que era mais perto da noite, mas conseguimos uma mesa no canto - longe de ouvidos hostis.

Como todas as outras vezes em que interagimos, foi tenso no início. Nenhum de nós tinha certeza de por onde começar desde que recomeçamos tantas vezes. Não importa quais palavras foram trocadas, isso não mudou o contexto de nossa situação.

O Crow girou sua bebida antes de levá-la aos lábios.

— O que aconteceu com o seu rosto?

Minha bochecha esquerda ainda estava vermelha e marcada de onde Vanessa tinha me dado um tapa algumas horas atrás. Pensei em lhe dizer a verdade, para lhe ensinar uma lição sobre como fazer perguntas. Mas imaginei que isso iria deixá-lo com uma cicatriz, então guardei para mim.

— Estou bem. Obrigado por perguntar.

Crow não pressionou.

— Pearl queria que eu te dissesse que ela diz olá.

O encarei e apreciei minha bebida. Eu estava começando a perceber que estar com Vanessa significava que teria que ficar com os pais dela também. Essas pessoas nunca desapareceriam. Crow constantemente tentava se conectar comigo, fosse para ele mesmo ou para Vanessa. Esta seria uma batalha difícil e, quanto mais eu lutasse, mais ela iria crescer.

— Como você está? — Crow Barsetti não era muito falante, mas forçou uma conversa comigo mesmo assim.

— Melhor do que nunca. — Acordava com Vanessa ao meu lado todas as manhãs. Também ia para a cama com ela. Não precisava de mais nada. — E você?

Ele encolheu os ombros.

— Já estive melhor.

— O que está deixando você para baixo? — Soltei a pergunta antes que pudesse me conter. Sua família estava segura, então não havia nada que pudesse impedi-lo.

— Há algo que preciso falar com você, mas espero que entenda que é separado do relacionamento que estou tentando estabelecer com você.

Levantei uma sobrancelha.

— Eu não quero te pedir nada. Você já fez o suficiente pela minha família. Mas você é a melhor pessoa a quem recorrer e, uma vez que envolve a segurança da minha família, não posso mantê-lo fora disso.

Coloquei o copo na mesa e me inclinei para frente, o sangue latejando em meus ouvidos.

— Estou ouvindo.

— Preciso de sua ajuda com os Skull Kings.

Os Skull Kings eram um grupo de bandidos que fez fortuna de várias maneiras. Eles mantiveram seu poder por causa de sua imprevisibilidade.

Mesmo seus seguidores mais leais podem ser eliminados sem aviso prévio. Igualmente emocionais e lógicos, eles se equilibravam na ponta de uma faca. Eles não eram os melhores homens para fazer negócios porque você não tinha ideia de como eles se sentiriam na manhã seguinte.

— Por que eles?

— Foram eles que ordenaram o ataque a Conway.

— Estou ciente.

— Tem estado quieto no último mês. — disse Crow. — Mas não acho que vai ficar assim para sempre. Preciso encerrar as hostilidades antes que cresçam novamente. Meu filho finalmente está de pé novamente, não quero que outra guerra comece. Tudo o que minha família deseja é paz.

— E o que isso tem a ver comigo? — Já havia salvado Conway uma vez. Agora minha única preocupação era a mulher me esperando no meu apartamento.

— Eu sei que você tem um relacionamento com os Skull Kings.

— Todo criminoso tem.

— O seu é diferente? — ele perguntou, sua cabeça inclinada para o lado.
— Existe alguma informação que você possa me dar que possa ajudar? Devo abordá-los de frente? Não devo fazer nada? Não tenho ideia do que fazer.

Visitei o Underground para me divertir. Nunca comprei uma mulher, mas gostei dos drinks do bar e das ligações com os demais homens que participaram da licitação. Tive um relacionamento com Tony, um dos principais Skull Kings. Eles me contrataram para trabalhar no passado.

— Eu os conheço bem o suficiente. Eles me contrataram para matar alguns de seus inimigos.

— Bom saber. — Ele bebeu de seu scotch. — Se tiver que bater neles com força, eu o farei. Se tiver que reunir tantos homens quanto puder encontrar e

bater neles quando eles não estão esperando, eu o farei. Mas a última coisa que quero é uma guerra. Eu não quero derramamento de sangue. Tudo que eu quero é paz. Se houver uma maneira de estabelecer isso, eu prefiro.

— Você sabe que os Skull Kings não gostam de paz.

— Infelizmente.

— Meu palpite é que eles descobriram o que Conway estava fazendo com os escravos. — Os Skull Kings se preocupavam com dinheiro acima de todas as coisas. O fato de que Conway estava tendo um lucro maior com seu trabalho árduo deve tê-los enfurecido. — Além disso, pode ter irritado os seus compradores. Essas mulheres foram tomadas por vingança, mas a vingança nunca aconteceu. Se você se encontrar com os Skull Kings e se oferecer para compensar a diferença que Conway lucrou, essa seria uma ótima maneira de começar a reunião. Mas quanto à segunda parte... Não tenho certeza de como você pode reparar isso.

— Nem eu sei. — Agora que estávamos conversando profundamente, Crow ficou amargo e azedo. O estresse gravado em suas feições enquanto pensava na situação à sua frente, o problema olhando-o diretamente no rosto. Nada disso era culpa dele, especialmente porque Conway era um homem adulto, mas ele amava o filho demais para não se envolver. Ele tinha que proteger sua família como patriarca. — Porra, eu não sei como lidar com isso. — Ele esfregou a mão ao longo do queixo, os olhos escuros de tristeza.

Foi um daqueles momentos que me fez gostar de Crow de novo, a maneira como ele sacrificava qualquer coisa por sua família. Sua preocupação vinha do amor, da devoção avassaladora que ele tinha por sua família. Seu amor por Vanessa foi o motivo pelo qual ele se livrou de mim. Ele sujava as mãos quando não queria, porque sua família era mais importante do que seu desconforto. Isso me lembrou de mim mesmo. Eu estava determinado a derrubar o assassino de minha mãe a qualquer custo - embora ela já estivesse morta e desaparecida. Isso não me impediu - e não pararia Crow.

— Você acha que é possível conseguir uma reunião com eles?

— Posso perguntar. Mas não sei se terei sucesso. Pelo que sei, eles não têm ideia de como estamos conectados. Sou muito reservado sobre minha vida pessoal, então eles podem não saber que estou saindo com Vanessa.

— Espero que não.

— Se eles perguntarem, devemos dizer que fizemos negócios juntos.

— Concordo. — ele disse rapidamente. — Agora vem minha próxima pergunta... Você está disposto a fazer isso?

Os Skull Kings eram conhecidos por serem erráticos. Não tinha ideia de como eles reagiriam quando eu abordasse o assunto. Estava me envolvendo em uma confusão potencial, uma confusão que não era problema meu. Mas, quando imaginei Vanessa como minha esposa, usando meu anel na mão todos os dias pelo resto de sua vida, eu sabia que sua família sempre seria meu problema. Teria que proteger todos os membros de sua família pelo resto da minha vida.

Mas era um preço que eu estava disposto a pagar, por ela.

— Você sabe minha resposta, Crow. — O encarei, minha mão segurando o copo. — Meu amor por sua filha me tornou leal à sua família. Vou derramar meu próprio sangue por um Barsetti, todas as vezes.

Ele inclinou a cabeça para baixo, cortando o contato visual. Ele engoliu o nó na garganta antes de beber do copo.

— Eu estava errado pra caralho sobre você. — Ergueu o olhar novamente para olhar para mim. Ele esfregou a mão na nuca, seus olhos endurecendo de frustração. — Tão errado.

Crow saiu sem se despedir de Vanessa e caminhei para dentro de casa para sentir o cheiro do jantar queimado.

Havia fumaça na cozinha e ela estava com as janelas abertas para arejá-la.

Eu chutei meus sapatos e puxei minha camisa sobre a minha cabeça.

— Precisa de ajuda?

— Não. — Ela colocou as panelas na pia e ligou a torneira. Não havia comida dentro, então presumi que ela já tinha jogado na lata de lixo. — A menos que você queira escolher o lugar de onde vamos fazer o pedido.

Eu não a provoquei por sua incapacidade de preparar uma refeição. Era a única coisa em que ela não era boa. Mas se você colocar uma arma na mão dela, ela pode acertar o alvo com uma mira perfeita. Entrei na cozinha, vim por trás dela e dei um beijo em seu pescoço.

— Que tal eu te levar para sair?

Ela desligou a água e olhou para mim por cima do ombro.

— Por melhor que pareça, prefiro ficar em casa.

— Por quê?

— Porque podemos fazer sexo na mesa no meio do jantar.

Eu pressionei outro beijo em sua orelha.

— Muita verdade, baby. Você me convenceu.

Ela se virou e arqueou as costas contra a pia enquanto seus seios inchados esfregavam contra meu peito nu. Seus dedos molhados subiram pelos meus ombros e ela ergueu o queixo para me ver pairando sobre ela.

— Como foi? — Apesar de quanta dor essa situação causava a ela, ela continuou a parecer indiferente sobre isso, fazendo o seu melhor para não

colocar qualquer pressão sobre mim. Mas o desespero estava profundo em seus olhos, a esperança imorredoura.

— Tudo bem. — Minhas mãos agarraram sua cintura esguia e meus polegares cravaram em seu estômago. Sempre que olhava para essa linda mulher, tudo que eu queria era fazê-la feliz. Ela era minha mulher e isso nunca pareceu mais real do que quando ela estava em meus braços, minhas mãos sobre suas costelas.

— Tudo bem? — ela sussurrou.

— Eu não atirei nele.

Seus olhos se estreitaram e ela me deu um tapa brincalhão no braço.

— Não diga coisas assim.

Esfreguei meu nariz contra o dela, me desculpando pela coisa grosseira que acabei de dizer.

— Nós apenas conversamos. Mesmo quando passamos horas juntos, quando me afasto, sinto que nada foi realizado. O homem e eu somos muito diferentes.

— Vocês são exatamente o mesmo. — ela sussurrou. — Idênticos.

Inclinei minha cabeça enquanto olhava para ela, vendo a tristeza em seus olhos.

— Por que você acha que eu te amo tanto? — Ela moveu seus braços em volta do meu pescoço e pressionou seu rosto mais perto do meu. — Meu pai é muito teimoso, assim como você. Ele não estaria fazendo esse esforço se eu pedisse. Mesmo se minha mãe pedisse a ele, ele ainda não faria isso. Ele está fazendo isso porque é o que ele quer. Portanto, da próxima vez que ele tentar falar com você, tenha isso em mente. O homem está do seu lado. Ele é leal a você para sempre. Você tem alguém que está disposto a ser rejeitado e insultado repetidamente apenas para tomar uma bebida com você. — Ela me

deu um beijo simples, seus olhos ainda arregalados e fixos nos meus. — Eu entendo que você está com raiva... Mas lembre-se de que você tem alguém que se preocupa com você.

— Preocupa...

— Sim. — Ela me lançou um olhar feroz, recusando-se a me deixar substituí-la. — Ele se preocupa muito com você.

Eu não contei a Vanessa o que Crow e eu discutimos. Pareceu como algo que só iria perturbá-la. Ela ficava calma nas situações mais estressantes, mas eu queria deixá-la acreditar que a paz continuava a reinar em nossas vidas.

Então, quando ela estava no trabalho, dirigi até Florença e me aproximei da mansão Barsetti, a mansão de três andares com vista para os acres de terra que estiveram em sua família por gerações. Hera¹ cresceu nas paredes e as oliveiras cercaram a propriedade, dando frutos.

Bati na porta da frente, me sentindo estranho por estar na soleira da porta sem Vanessa. Quando estive aqui há alguns dias, saí e dirigi para casa sem comer a refeição que prepararam para mim. Esta casa atíçou minha raiva, me fez sentir ressentimento e raiva. Enquanto Vanessa e Conway cresceram em uma mansão com um mordomo, minha mãe e eu estávamos apenas tentando sobreviver.

Eu sabia que não deveria culpar o Barsettis por isso. Meu pai não era um bom homem e ele teve o que merecia. Se ele pensava que poderia estuprar a esposa de Crow e se safar, estava enganado. Admirei Pearl por matá-lo ela mesma. Depois do que ela passou, ela merecia a honra.

¹ De nome científico **Hedera helix**, é no geral uma planta trepadeira, que gosta de escalar.

Mas minha mãe e eu éramos espectadores inocentes. Não merecíamos ficar sem teto por causa de seus pecados. Ela e eu éramos boas pessoas. Pessoas boas não mereciam o que passamos.

Sapphire apareceu, sua barriga ainda maior do que da última vez que a vi.

— Ei, Griffin. — Se virou para o lado para que pudesse se mover em meu peito e me abraçar.

Era estranho abraçar uma mulher além de Vanessa, então dei um tapinha nas costas dela e esperei que saísse do caminho. Ela era da mesma altura de Vanessa, pequena apesar do peso que ganhou durante a gravidez.

Ela se afastou, ainda sorrindo.

— Por favor, entre.

Entrei, sentindo-me ansioso no segundo em que entrei na casa dos Barsettis.

Ela se virou para mim, com a mão apoiada na barriga.

— Eles estão na sala de jantar.

— Você está bem? — Eu perguntei, olhando para a barriga dela.

— Um pouco desconfortável. — disse com uma risada. — Meus dedos estão tão inchados que não consigo mais usar minha aliança de casamento. Mas a qualquer momento, nosso pequeno estará aqui.

— Você não sabe se é menino ou menina?

— Conway e eu decidimos pela surpresa.

Essa foi a extensão da conversa que eu poderia oferecer. O único outro Barsetti com quem eu me sentia realmente confortável era Carmen, mas era improvável que ela estivesse lá. Ela me lembrava Vanessa de várias maneiras. Era impetuosa, atrevida e sincera. Não havia besteira quando se tratava dela.

Após uma pausa constrangedora, Sapphire me guiou até a sala de jantar.

Não que eu não soubesse exatamente onde ficava.

— Obrigado.

Entrei, vendo Crow sentado ao lado de sua esposa ao lado das janelas. Cane estava em frente a ele, junto com Conway. A última vez que estive aqui, fugi e fiz uma cena. Na vez anterior, eu estava com uma espingarda carregada apontada para o meu peito a cinco metros de distância. Este lugar era como uma cela de prisão para mim.

Os olhos de Crow dispararam para os meus no segundo em que entrei na sala.

— Griffin, obrigado por ter vindo. — Se levantou instantaneamente e deu a volta na mesa para apertar minha mão. Ele se moveu rapidamente, não querendo que eu esperasse um segundo a mais do que o necessário. Seu aperto era firme e ele me deu o respeito do contato visual. — Posso pegar alguma coisa para você?

— Só um copo de uísque.

— Já estou esperando por você. — Ele assentiu e deu um passo para o lado para que Pearl pudesse chegar até mim.

Ela me abraçou, sua bochecha pressionando contra meu peito enquanto colocava seus braços em volta do meu torso.

Eu me sentia desconfortável em tocá-la, especialmente depois do que meu pai fez com ela. Parecia inatamente errado que estivéssemos tão próximos, mas não detectei um sinal de desconforto nela. Seu toque era maternal e amoroso, o mesmo tipo de afeto que ela dava aos filhos.

— Obrigada por vir, Griffin. Estamos todos muito gratos por você estar aqui. — Quando ela se afastou, me lançou um olhar afetuoso. Eu era o objeto

de sua expressão cativante, e ela me lançou o mesmo olhar que às vezes dava para Conway, como se tivesse orgulho de mim.

Pearl me lembrava Vanessa, mas ela também me lembrava minha mãe em alguns aspectos. O som suave de sua voz era semelhante ao de minha mãe. Às vezes, a memória das feições de minha mãe desaparecia, mas nunca esqueci o som de sua voz. Ambas eram mulheres fortes e vítimas da crueldade de meu pai. Mas nenhuma das mulheres jamais sucumbiu à sua brutalidade. Elas nunca pararam de lutar. Elas nunca desistiram. Eu a respeitava de uma forma que não respeitava Crow e Cane. Definitivamente, havia um ponto fraco por ela em meu coração.

— Obrigado, Sra. Barsetti. — Nunca me dirigi a Crow por outra coisa que não seu primeiro nome - porque ele não merecia meu respeito. Pearl era diferente.

Como se ela entendesse o significado de minhas palavras, ela sorriu.

— Como está minha filha?

— Bem. — respondi. — Ela está na galeria hoje. — Ela deu um tapinha no meu braço antes de se afastar.

Conway veio em seguida, parecendo quase como novo. O hematoma havia desaparecido de seu rosto, revelando belos traços visíveis. Com uma mandíbula dura como a de seu pai e maçãs do rosto masculinas, ele possuía aparência distinta de um Barsetti. Ele me olhou com gentileza e apertou minha mão.

— E aí cara. Como você está?

— Bem. Você?

— Cada vez melhor. As costelas estão praticamente de volta ao normal e minha esposa está prestes a começar nossa família. Com exceção do contexto de nossa conversa, a vida me tratou bem. — Ele ficou perto de mim, falando comigo como se eu fosse um amigo em vez de um conhecido infeliz. — Estive

em seu apartamento em Florença. É legal. No segundo que vi, achei que era perfeito para minha irmã.

— É por isso que comprei. — Os Barsettis estavam se esforçando para me deixar confortável. Foi uma experiência interessante depois que eles foram tão frios comigo. Mas apreciei o gesto porque tudo parecia genuíno. — Estaremos nos mudando para o campo em breve. É muito apertado para alguém como eu.

— Sim. — concordou com uma risada. — Eu posso imaginar. — Quando ele saiu do caminho, Cane veio em seguida.

Cane e eu nunca tínhamos tido uma experiência positiva. Ele não me visitou no quarto do hospital. Ele tinha sido ainda mais cruel comigo do que seu irmão. Eu via as diferenças marcantes entre os dois irmãos. Enquanto Crow era pragmático na maior parte do tempo, Cane era apaixonado e emocional. Ele podia ser impulsivo, tomando decisões precipitadas em um piscar de olhos. Suspirou antes de estender a mão para apertar a minha.

— Eu sei que isso está muito atrasado... Mas eu sou um pouco idiota.

Eu não peguei sua mão.

— Já reparei.

Suas narinas dilataram-se de aborrecimento quando eu não retribuí.

— Sei que fui um idiota com você antes. É difícil para mim, confiar nas pessoas, essas coisas.

— Mesma coisa comigo. — Essas pessoas esperavam que eu os perdoasse pelo que fizeram, que confiasse neles quando nunca confiaram em mim. Eu não queria que eles esquecessem isso.

Foi uma prova da sinceridade de Cane quando ele não explodiu.

— Não consigo pensar direito quando se trata de minha filha. Meu filho é um homem poderoso que pode se controlar, mas minha filha... Ela é minha

garotinha. Eu sei que não deveria ter feito uma grande cena quando você falou com ela, mas não pude evitar. Se eu pudesse prendê-la em um convento, eu o faria. Quando você for pai, vai entender.

Eu passei algum tempo com Carmen e ela certamente não era uma donzela em perigo.

— Carmen é uma mulher forte como Vanessa. Ela não é ingênua. É altamente intuitiva e instintiva. Você não precisa se preocupar com ela o tempo todo. Ela pode cuidar de si mesma.

Cane abaixou a mão, seus olhos se concentrando no meu rosto.

— Isso é um grande elogio.

— Eu gosto da sua filha. Passei um tempo com ela e Vanessa em Florença. É difícil acreditar que ela é sua filha porque ela é pragmática e fácil de lidar.

Crow riu.

— Ai.

— Sempre que estamos juntos, eu cuido dela. — Não disse a ele que estou com medo dos meninos que não eram bons o suficiente para ela. Nenhum pai queria imaginar sua filha sendo perseguida em um bar. — Eu sempre a acompanho até a porta e me certifico de que ela entre. Daria minha vida para protegê-la, porque eu a respeito. — Cane havia ameaçado me matar se eu me aproximasse de sua filha novamente, mas eu era a melhor pessoa para ficar de olho nela. Poderia chegar até ela em dois minutos se ela precisasse de alguma coisa. Isso foi muito mais do que Cane poderia dizer.

Pela primeira vez, Cane ficou sem palavras. Ele me olhou em silêncio, sem saber o que dizer.

Segurei seu olhar, querendo que ele se sentisse uma merda pela maneira como me tratou. Tudo o que ele me disse foi hipócrita. Crow me disse que Pearl era uma prisioneira quando se apaixonou por ela. Imaginei que a

história de Cane com Adelina não fosse muito diferente. Esses homens eram hipócritas, sem contato com a realidade. Eles apenas confiavam um no outro - e em mais ninguém. Mas eles estavam errados sobre mim.

Cane pigarreou e estendeu a mão novamente.

— Eu não espero que você goste de mim. Poucas pessoas o fazem...

— Incluindo eu. — Crow disse.

— E eu. — acrescentou Pearl.

Cane revirou os olhos enquanto mantinha a mão estendida.

— Mas eu cuido de você, Griffin. Você tem minha lealdade e minha confiança. Se você estiver em apuros, lutarei ao seu lado até que seus inimigos morram. Você tem minha palavra.

Eu não precisava de sua promessa de lealdade. Não precisava de nada dele ou do resto do clã Barsetti. Mas apertei sua mão de qualquer maneira, sabendo que precisava seguir em frente em vez de viver no passado.

— Não quero nada de você. A única coisa que quero agora já é minha. — Assim que o aperto de mão foi concluído, deixei cair minha palma.

Cane deu um leve aceno de cabeça.

— Eu respeito isso. E admiro um homem que usa seu coração. — Ele voltou para a mesa.

Agora que as saudações acabaram, nós nos sentamos à grande mesa de madeira. Os homens bebiam uísque, enquanto Pearl saboreava uma taça de vinho. Sentei-me do outro lado de Conway, recostado na prancha de madeira da cadeira. Lembrei-me da sensação do material frio contra a minha pele quando fui algemado lá.

Crow iniciou a conversa.

— Griffin me disse que já trabalhou para os Reis Skulls antes. Ele tem um relacionamento mais próximo com eles do que qualquer um de nós. Acho que devemos fazer com que ele tente estabelecer um encontro com eles. Nenhum de nós está procurando por mais hostilidades. Mesmo que tenhamos que nos desculpar e pagar por tudo que Conway fez, estou bem com isso.

— Se isso fosse trinta anos atrás, eu diria que devemos eliminá-los. — disse Cane. — Mas você está certo. Se essas hostilidades continuarem, nossos filhos vão lutar esta guerra muito depois de nossa partida.

Conway ficou sentado em silêncio, os braços cruzados sobre o peito.

— Então, como devemos fazer isso? — Perguntou Pearl. — Talvez nós devêssemos tentar ligar em vez disso. Menos invasivo.

Eu balancei minha cabeça.

— Não. Isso é uma merda de boceta. — Os homens voltaram seus olhares para mim. — Eles não respeitam a covardia. — continuei. — Isso só vai deixá-los ainda mais agitados.

— Um telefonema não é covarde. — disse Pearl.

— Sim, é. — eu disse. — Se você realmente quer que eles o levem a sério, precisa ser cara a cara. Se um homem é realmente poderoso, ele não tem problemas em entrar em seu território. Se você está com muito medo de fazer isso, eles pensam que podem atropelar você.

— Derrotamos toda a equipe. — disse Cane. — Acho que temos mais credenciais do que isso.

— Você pediu minha ajuda. — eu rebati. — Eu estou dando para você. Não seja estúpido e aceite.

Cane não se incomodou com o comentário.

— Então o que você sugere?

— Eu entro no Underground primeiro e falo com Tony. Digo a ele que você quer que eu negocie um tratado de paz. Vou ouvir o que ele diz. Se eles concordarem, ligo para você e então você irá. Se não concordarem, precisaremos de um plano reserva. Teremos que ameaçá-los.

— Não. — Crow pousou o copo. — Não quero agravar a situação.

— Se eles não cooperarem, você não tem outra escolha. — Mostrar medo não era uma opção. — Você precisa provar que sua oferta de paz é de conveniência. Você está fazendo isso porque é do seu interesse, como se pudesse querer fazer negócios com eles no futuro. Se você disser que está apenas procurando uma vida tranquila no campo, eles não respeitarão isso. E se eles escolherem ser hostis, você precisa dar a eles uma ameaça que os faça hesitar. Então, eles verão que a paz é mais conveniente e irão atrás dela.

— Já estive envolvido com os Skull Kings no passado. — disse Cane. — Confie em mim, você não quer ameaçá-los.

— E se você realmente os conhece, então saberá que ameaçá-los é a única opção. — rebati. — Manter o seu respeito na conversa é vital. Recuar é tão ruim quanto puxar o gatilho.

Depois de uma pausa, Cane assentiu.

— Ele tem razão.

— Que tipo de ameaça? — Crow perguntou. — Trinta anos atrás, nós poderíamos fazer algo espetacular, mas agora, não temos muitos truques na manga.

— Eles se preocupam com o leilão mais do que com qualquer outra coisa. — disse Cane. — É a sua maior fonte de receita e é fácil de gerenciar. Se perturbarmos essa conveniência, pode atingi-los onde dói.

— Sim. — concordei. — Podemos ameaçar contar a seus inimigos exatamente o que estão fazendo e onde encontrar as meninas. Se eles pegarem a filha de um diplomata, tudo o que temos a fazer é avisar aquele diplomata e

o governo onde a garota está detida. Se fizermos isso várias vezes, eles terão mais inimigos do que podem controlar. O governo italiano não será mais capaz de olhar para o outro lado, não quando a guerra potencial está à sua porta. Eles podem nos ameaçar em troca, dizendo que vão matar todos que já amamos, mas essa ameaça não será cumprida, não quando perturbamos algo com o qual eles se importam tanto.

— Parece arriscado. — disse Pearl. — Não tenho certeza de como me sinto sobre isso.

— E eu não quero arrastar você para isso. — disse Crow. — Você não tem nada a ver com isso. Você não deve se arriscar e se envolver.

Eu também não queria me envolver com os Skull Kings, mas queria erradicar essa ameaça. Essa situação afetava Vanessa e, para mantê-la segura, eu precisava consertar o problema que Conway causou.

— Esta situação afeta diretamente Vanessa. Tenho que ter certeza de que está ocorrendo corretamente. Como você eliminou toda a equipe que deveria executar Conway, eles já o reconhecem como uma ameaça séria. Se você entrar lá comigo, eles saberão que você tem mais aliados do que eles imaginam. Eles me respeitam imensamente. Ter-me ao seu lado só vai te ajudar a consertar essa bagunça.

— Você tem certeza de que quer fazer isso? — Cane perguntou. — Você não é obrigado.

— Sim. — Eu queria ter certeza de que isso foi feito da maneira certa. Não queria que nada jamais tirasse Vanessa de mim novamente. — Então, eu vou primeiro. Assim que conseguir o acordo, trarei a próxima etapa. Nem todos podem entrar nessa reunião. Será considerado agressivo se trouxermos todo o clã. — Se todos os Barsettis marchassem lá, seria claustrofóbico demais. E certamente não poderia haver nenhuma mulher.

— Eu irei. — Crow se ofereceu instantaneamente, assumindo o posto de patriarca da família. — Vou esperar lá fora e você me chama. Vou cuidar dos Skulls Kings, entregar o dinheiro e torcer pelo melhor.

— Eu também. — disse Cane. — Nós três.

— Não. — Crow voltou seu olhar enérgico para o irmão. — Você não pode vir e sabe exatamente por quê.

Uma conversa silenciosa se passou entre eles e Cane não insistiu em seu argumento.

— Então eu irei. — disse Conway. — Sou o único...

— Não. — Crow não olhou para seu filho, como se a ideia de trazê-lo consigo o perturbava. — Fora de questão. Você tem uma esposa grávida que precisa de você.

— Pai! — pressionou Conway. — Esta é minha bagunça e...

— Você não vem. — Crow finalmente olhou para ele. — Isso já está decidido, Conway. — Ele silenciou o filho com sua autoridade, seus olhos escurecidos adicionando à sua personalidade volátil.

Conway cerrou os maxilares com força, claramente chateado de ele não estar conseguindo o que queria.

— Seu pai está certo, Con. — Pearl levou a mão à coxa de Crow por baixo da mesa. — Você precisa ficar aqui com Sapphire.

— Isso é perigoso. — Conway não conseguiu conter a raiva, embora seu pai apenas o tivesse silenciado.

— Sou o único que fodeu tudo. Eu é que devo pagar o preço. Não deveria ser meu Pai...

— É assim que vai ser. — Crow ficou furioso novamente, sua raiva preenchendo toda a sala. — Eu disse a vocês como é importante viver uma vida tranquila e pacífica, ganhar uma vida honesta e não provocar os demônios que

nos cercam. Mas você não me ouviu. Agora, estamos nessa bagunça e não vou deixar nada acontecer com você. Você é meu filho e prefiro morrer a enterrá-lo no cemitério ao lado de minha mãe e de meu pai. Você será pai amanhã ou no dia seguinte ou no dia seguinte... E é quando você vai entender isso. — Ele agarrou o copo e deu um longo gole, como se precisasse da bebida para acalmar sua mão trêmula. — Essa será a sua punição. Ver seu pai arriscar a vida por você, de novo.

Os olhos de Pearl pousaram no rosto do marido.

— Crow...

Eu vi este homem se desfazer bem diante dos meus olhos, vi o amor e a raiva dançarem na superfície de seus olhos. Ele era abnegado, amando tanto sua família que se meteria no inferno para mantê-los unidos. Seus filhos eram a coisa mais importante para ele, tão importante que ele sempre ficava no meio do tiroteio e sacrificava ele mesmo vezes sem conta.

Por mais que eu odiasse admitir, eu o respeitava.

E eu entendi por que ele trabalhou tanto para me manter longe de sua filha.

Conway baixou o olhar, magoado com as palavras do pai.

Deixei o silêncio penetrar em minha carne, senti a tensão infiltrar-se em meus ossos. Os Barsettis não eram tão complicados de entender. Os dois irmãos trabalharam juntos constantemente para proteger suas famílias. Crow não permitiria que Cane o ajudasse com isso, sabendo que precisava de um irmão para sobreviver e proteger o resto da família.

Agora eu queria fazer isso sozinho. Queria proteger a família Barsetti - e não apenas porque amava Vanessa.

— Nada vai acontecer com você, Crow. Eu te prometo isso.

Crow voltou seu olhar para mim.

— Essa é uma promessa que você não pode fazer, Griffin.

— Na verdade, eu posso.

Eu tinha acabado de sair e seguia para a minha caminhonete quando Pearl chamou meu nome.

— Griffin.

Me virei, meus sapatos cavando no cascalho sob meus pés.

Ela me alcançou, seu vestido longo quase tocando o chão. Seu cabelo estava puxado para trás em um coque frouxo, revelando os ângulos agudos de seu rosto, bem como seus lindos olhos. Ela usava uma aliança de casamento na mão esquerda, um botão simples moldado no metal.

Agora que eu conhecia a história deles, o botão fazia todo o sentido.

— Sim?

Ela caminhou comigo até a caminhonete, me fazendo sentir seu perfume no segundo em que se aproximou.

— Você disse que pode garantir a segurança do meu marido... Você poderia explicar melhor? — Ela normalmente ficava confiante quando falava comigo, mas falar sobre o Crow sacudiu a base sob seus pés.

Parei na caminhonete, o sol da tarde minguante começando a ficar menos brilhante.

— Eu conheço muitas pessoas, Sra. Barsetti. Fui contratado pelos homens mais poderosos do mundo. Fiz favores em troca de lealdade em vez de dinheiro. Eu conheço todo mundo no submundo. Deixei esses homens em dívida comigo para sempre. Se eu precisar de ajuda, eles estarão lá. No

Underground, estarei cercado por homens que intervirão se for o caso. E eu mesmo fiz favores para os Skull Kings, guardei segredos que jurei levar para o túmulo. Sou a última pessoa que eles querem cruzar - e estou disposto a usar tudo isso, se necessário.

O alívio passou por seus olhos quando respirou fundo. Ela colocou as mãos sobre o rosto, cobrindo sua expressão por um segundo, então eu não pude ver sua reação. Na frente de seu marido e filhos, ela estava sempre equilibrada e forte, mas no segundo que eles se foram, ela mostrou sua verdadeira angústia. Vanessa era do mesmo jeito, só tirando a máscara quando estávamos sozinhos.

— Eu sou o rei silencioso. Governo usando a lealdade e o medo. Os Skull Kings me respeitam, e se eu pedir a eles para largar isso, eles vão. Mas ficará muito mais fácil se Crow apresentar alguma oferta de paz, como o dinheiro que deveria ter sido deles. Então seus egos são deixados intactos e eles não vão sentir que perderam nada. Não troco meus favores com frequência, mas farei isso desta vez. É do meu interesse garantir que seu marido volte aqui inteiro.

Ela baixou as mãos, mostrando os olhos úmidos e os lábios trêmulos.

— Sinto muito pelo que fiz com você, Griffin...

Eu não esperava um pedido de desculpas. Eu esperava gratidão, especialmente porque ela já havia dito essas palavras para mim.

— Sinto muito por ter levado minha filha embora. Sinto não ter confiado em você. Sinto muito por te machucado tanto... — Ela levou os dedos sob os olhos para remover as lágrimas e consertar a maquiagem borrada. — Você é tão maravilhoso e eu deveria ter te amado desde o início, não banido você. Eu o julguei pelos pecados de seu pai em vez de conhecer o homem que você realmente é. Fui injusta e cruel. Você fez muito pela minha família quando não precisava. Você ama minha filha tanto quanto eu... Tanto quanto Crow... E isso me deixa muito feliz. — Ela se moveu para o meu peito e me abraçou, suas lágrimas manchando minha camiseta.

Eu a deixei se segurar em mim por um momento antes de descansar minha mão contra suas costas. Me senti estranho em tocá-la, me senti estranho em tocar alguém que não fosse Vanessa. Uma vez que Vanessa era minha, eu nem sequer apertei a mão de outra mulher. Meu corpo era dela e só dela.

Quando ela se afastou, seus olhos não estavam mais inchados de lágrimas.

— Eu não espero que você me perdoe

— Eu perdoo.

Seus olhos se moveram para os meus, cheios de surpresa.

Não sabia por que deixei escapar essas palavras, não quando estava abrigando raiva por tanto tempo. Mas algo em Pearl me suavizou. Talvez fossem as semelhanças que ela compartilhava com Vanessa. Talvez fosse porque ela era uma mulher. Ou talvez fosse porque ela me lembrava minha mãe. Sempre tive um fraquinho por mulheres fortes, por mulheres que só começam a chorar por amor a outra pessoa, não por auto piedade.

— Você vai jantar comigo? Há um lugarzinho fofo logo adiante. — Olhou para mim com hesitação, como se ela não tivesse certeza se eu concordaria com algo tão pouco ortodoxo.

— Só você e eu?

— Sim.

— Não quero deixar Crow com raiva. — Nunca houve um momento em que ele me permitiu ficar sozinho com sua esposa. Quando cheguei à vinícola, ele se certificou de que eu nunca tivesse acesso direto a ela. Ele estava sempre por perto, cuidando dela como um guarda vigiando um prisioneiro.

— Não irá. — disse ela. — Ele confia em você, Griffin.

Eu dirigi até um pequeno restaurante a dez minutos de distância. Ficava numa pequena vila, tão pequena que eu não tinha certeza de qual era o nome. Sentamos dentro do prédio construído de paralelepípedos e tinha uma mesa no canto. A cadeira era um pouco pequena para o meu tamanho e esperava que as pernas não cedessem comigo.

Pearl pediu uma garrafa de vinho e olhou o cardápio.

— Crow me trouxe aqui quando estávamos nos conhecendo. A garçonete estava fazendo movimentos sutis para ele e eu fiquei com muito ciúme. — Ela sorriu com a memória, ainda examinando o cardápio.

Ela ainda era uma prisioneira na época? Olhei o cardápio e escolhi a primeira coisa que parecia boa. Nunca me sentei em frente à mãe de Vanessa assim, apenas nós dois sem outro Barsetti por perto.

Era estranho.

A garçonete voltou e nós dois pedimos.

Estava feliz que a garçonete estava sendo rápida com nosso serviço. Eu não odiava Pearl, mas essa situação era íntima demais para mim. Nunca jantei com ninguém além de Vanessa. Mesmo que eu tivesse uma mulher na minha vida, não saíamos para jantar. Ia direto para o negócio, foder. Pearl era a única mulher com quem eu tinha saído, além de Vanessa.

Ela me encarou, com um leve sorriso nos lábios e afeto nos olhos.

— Deixe-me pagar pelo jantar esta noite. É o mínimo que posso fazer ...

Isso era ainda mais estranho, mas não argumentei contra isso.

Meu telefone começou a vibrar no meu bolso. O peguei e vi o nome de Vanessa na tela. Eu saí enquanto ela estava no trabalho, então não tinha ideia

de onde eu estava. Se fosse outra pessoa, eu teria ignorado a ligação. Mas atendi.

— Olá, Baby.

— Onde você está? Foi buscar o jantar? — Gostei da leve raiva em sua voz, da decepção que ela sentiu quando não me viu no sofá quando entrou pela porta. Possessiva como era, ela me queria o tempo todo. Como isso não aconteceu, ela ficou com raiva.

— Mais ou menos.

— Significado? — ela perguntou, ficando mais furiosa.

Eu não pude evitar que o sorriso se espalhasse pelos meus lábios.

— Eu gosto quando você fica brava. — Ao falar com Vanessa, esqueci completamente da mãe dela, que estava ouvindo a conversa.

— Não estou brava. — disse defensivamente. — Só quero saber onde você está. Você não me disse que estava indo a algum lugar.

— Você não me diz para onde está indo e eu nunca pergunto. — lembrei-a. Vanessa fazia o que queria sem pedir minha aprovação ou permissão. Se ela quisesse ver Carmen na floricultura, ela não me dizia nada. Se ela queria sair, ela também o fazia.

Vanessa ficou quieta, sabendo que eu a tinha encurralado.

— Apenas admita que você odeia quando não estou em casa. — Recostei-me na cadeira, apreciando a raiva que fervia em seu silêncio.

— Eu só queria saber onde você estava... Isso é tudo.

— Claro, Baby.

Ela suspirou ao telefone.

— Então, você vai me dizer onde está?

— Você vai admitir que estou certo? — Eu rebati. Mais silêncio.

Pearl sorriu ao ouvir a conversa. Vanessa cedeu.

— Tudo bem. Eu não gosto quando você não está em casa...

— Aí está minha mulher. Possessiva. Obsessiva. — Ela não discordou da afirmação.

Agora que ela cumpriu sua parte do acordo, eu cumpri a minha.

— Estou jantando com sua mãe.

— O que? — ela deixou escapar. — Você está com minha mãe? Como isso aconteceu?

— Vou te dizer quando chegar em casa.

— Tudo bem. — disse. — Quando você acha que será...?

Eu não conseguia parar de sorrir, amando o quão pegajosa ela era. Vanessa costumava ser o oposto, tentando provar a si mesma que não precisava de mim. Mas agora ela colocou todas as suas cartas na mesa, precisando de mim como ela precisava de ar.

— Duas horas.

— Ok. Eu te amo.

Normalmente eu dizia isso primeiro, quando desligamos o telefone, mas ela foi rápida para saltar antes de mim, sentindo minha falta porque estava naquele apartamento sozinha. Ela me dava por garantido e, no segundo em que eu não estava lá, ela foi pega fora de equilíbrio.

— Também te amo.

Ela desligou.

Coloquei meu telefone de volta no bolso.

Pearl ainda estava sorrindo.

— Vanessa é uma pessoa diferente com você.

— Sim, ela é um pouco pegajosa.

— Mas você gosta disso, claramente.

Dei de ombros.

— Ela não era assim no começo. Mas agora ela é um pouco mandona e fica brava quando não consegue o que quer. Quando seu homem não está por perto... Ela fica maldosa. Por muito tempo, ela se recusou a se permitir precisar de mim, a confiar em mim para sua felicidade. Mas ela interrompeu a produção e agora usa o coração como eu. É divertido assistir.

— Eu aposto que sim. Você conquistou uma mulher invencível.

— Conquistei ela? — Perguntei. — Não. Eu a reivindiquei. — agarrei meu uísque e tomei um gole, recusando-me a me sentir culpado por minha franqueza. Vanessa era irrevogavelmente minha agora, então eu poderia dizer o que quisesse.

— Crow é da mesma forma. Acho que ser casado por quase trinta anos o deixou pior, na verdade. Achei que ele ficaria menos intenso depois que nossos filhos mudassem meu corpo, mas isso também o fez piorar. Ele admirou minhas cicatrizes e a dor que meu corpo teve de suportar para dar à luz seu filho e filha.

— Porque é assim que um homem deve ser. Ele deveria amar sua mulher mais a cada dia, não menos. Ele deveria admirar o sacrifício que ela fez para continuar sua linhagem. Ele deveria ser transformado por suas cicatrizes, assim como uma mulher fica excitada pelas cicatrizes de batalha de um homem. É exatamente a mesma coisa.

Ela sorriu.

— Você tem um ponto. Isso significa que as crianças estão no seu futuro?

Vanessa não me deu muita escolha. Se fosse do meu jeito, a resposta seria não. Mas ela pisou firme e me deu um ultimato. Era a única coisa que ela queria mais do que eu, então eu faria isso.

— Sim. Vanessa deixou claro que não poderíamos ficar juntos a menos que eu tivesse uma família com ela.

— Você não queria uma antes?

— Não. — Eu não cresci com uma família, então não tinha ideia de como ter uma própria.

— Crow era da mesma forma. Não tinha interesse em crianças. Mas quando ele me engravidou por acidente, tudo mudou. Ele se tornou pai no minuto em que lhe contei sobre Conway. Vejo o quanto ele ama seus filhos todos os dias e é difícil acreditar que ele não queria uma família no início.

— Você está sugerindo que serei igual?

— Sim.

Nunca pensei que pudesse amar uma mulher do jeito que amava Vanessa, então tudo era possível.

— Veremos.

A garçonete trouxe nossos pratos e começamos a comer. Pearl comia com educação perfeita, como Vanessa fazia. Crow compartilhava o mesmo tipo de graça. Cane, por outro lado, comia como um porco.

Com a comida à nossa frente, havia menos pressão para preencher o silêncio com uma conversa sem sentido. Quando passei um tempo com Crow, ele sempre preenchia o silêncio com alguma coisa. Pearl não fazia muito isso.

— Quando vocês vão para Milão? — ela perguntou, mudando a conversa de volta para o assunto em questão.

— Depois que eu voltar da minha próxima missão. Eu parto amanhã.

Ela terminou de mastigar o macarrão antes de levantar a sobrancelha.

— Não sabia que você iria embora tão cedo. Vanessa não mencionou isso para mim.

— Porque eu não disse a ela. — No segundo que eu dissesse a ela que estava indo embora, ela ficaria em um estado de preocupação constante até que eu voltasse para casa. Fazia sentido contar a ela no último minuto, para poupá-la da dor o máximo possível.

Seus olhos se encheram de decepção.

— Entendo...

— Eu só tenho mais dois e então tudo estará acabado. Mas não posso sair agora. Seria uma traição aos meus rapazes.

— Eu entendo. — disse. — Mas ela não vai aceitar isso bem.

— Não, ela não vai. — Haveria lágrimas.

Eu odiava as lágrimas. Foi a pior sensação do mundo, ver minha mulher chorar por minha causa. Odiava fazê-la passar pela dor, odiava ser a razão pela qual ela estava com dor. Eu deveria ser o único a consertá-la, não a machucá-la.

— Ela vai ficar no apartamento?

— Não sei. Isso é com ela.

— Bem, ela é sempre bem-vinda conosco.

Eu não queria mandar minha mulher ficar com seus pais. Isso me fazia sentir menos homem. Mas não podia dizer a ela o que fazer. Nunca fui esse tipo de cara e não ia começar agora.

— Estou muito feliz por você estar deixando essa linha de trabalho. Não apenas por Vanessa, mas por mim.

Eu podia ver a sinceridade em seus olhos, ver a maneira como ela se importava comigo. Ela estava sozinha comigo a dez minutos de casa e não estava nem um pouco assustada. Meu pai a estuprou e espancou, mas não me via da mesma maneira. Para ela, eu era um homem completamente diferente.

— Crow está feliz também. Tudo o que ele quer é que todos nós vivamos uma vida tranquila.

— Minha vida nunca foi tranquila. Eu me pergunto como vou me ajustar.

— Contanto que você tenha Vanessa, você ficará bem.

Nunca esqueceria como era não estar com ela. Aqueles três meses me mudaram, me quebraram de maneiras que ainda não estavam totalmente curadas.

— Eu entendo que seja difícil para você enterrar a rixa com Crow, mas ele está tentando muito acertar as coisas com você. Ele passou a respeitar você imensamente e adoraria ter seu próprio relacionamento contigo.

Eu deveria saber que isso iria acontecer.

Pearl esperou que eu dissesse alguma coisa e, como não disse, continuou.

— É preciso muito para mudar a opinião do meu marido sobre qualquer coisa. Ele é teimoso e intenso. Não sabe aceitar uma piada. Mas ele o vê sob uma luz completamente diferente agora. Ele veio a admirar você... Algo que nenhum de nós pensava ser possível.

— Sim, ele disse isso para mim.

Seus olhos caíram de tristeza.

— Não estou tentando pressioná-lo. Só estou tentando... Não sei. Meu marido sofre todos os dias por causa disso. Sempre que ele chega em casa depois de visitar você, ele fica cada vez pior.

— Ele deveria ter me visto durante aqueles três meses. — eu disse.

Ela mexeu na comida e deu mais algumas mordidas.

Eu fiz o mesmo, tentando descartar a conversa tensa.

— Griffin, meu marido é o melhor homem que eu conheço. Eu sei você está com raiva, mas espero que você possa ver isso eventualmente.

Às vezes, Crow dizia coisas que mudavam minha opinião sobre ele, como assumir o lugar de seu filho, duas vezes. Ele amava seus filhos mais do que a si mesmo. Ele mostrou um nível de abnegação que eu não conseguia igualar.

— Ele tem muitas qualidades excelentes. Vejo a maneira como ele fala com Vanessa, a maneira como seus olhos se suavizam exclusivamente para ela. Ele não mostra aquele olhar com você. Eu ouço sua mudança de tom, dirigindo-se a ela de uma forma que ele não faz com ninguém. Eu vi a maneira como ele entrou em combate, sabendo que seria abatido apenas pela pequena possibilidade de salvar seu filho. Vejo a maneira especial como ele olha para você, a maneira como ele constantemente se coloca na sua frente sempre que se sente ameaçado. Você está certa. Ele é um homem abnegado que sempre coloca sua família antes de si mesmo. E sempre que sua família é ameaçada... Ele se transforma em uma pessoa diferente. Ele me via como uma ameaça para sua filha e, no segundo que isso aconteceu, toda a sua vida foi dedicada à proteção dela. Compreendo.

— Então você poderia deixar isso para trás? — ela perguntou baixinho. — Deixar isso no passado?

Não faz muito tempo que eu estava em agonia mortal. Foi há apenas alguns meses, quando eu estava bebendo até ficar estupefato. Nunca tinha conhecido esse tipo de depressão, nem mesmo quando morava nas ruas, ainda menino.

— Ela quase acabou com outra pessoa. Se ele fosse apenas um cara que ela estava fodendo para parar de pensar em mim, eu não teria me importado. — Eu não me importava em me censurar. Quando me apresentei pela primeira

vez para os Barsettis, fui transparente sobre quem eu era. Eu era eu mesmo, completamente. — Mas ela tinha uma conexão com aquele cara. Eles compartilharam obras de arte. Eles compraram as pinturas um do outro. Esse cara foi a maior ameaça que já encontrei. Isso não teria acontecido se Crow não tivesse tirado Vanessa de mim. — Eu encarei minha comida e continuei comendo.

Ela pousou o garfo.

— Eu entendo isso, Griffin. Mas mesmo que ela ficasse com ele, isso não mudaria seus sentimentos por você. Você poderia ter voltado para a vida dela a qualquer momento e ela o teria deixado por você.

— Ou pior ainda, eu poderia nunca ter voltado para a vida dela. Se Conway não tivesse irritado os Skull Kings, nada disso teria acontecido. Eu não teria levado aquela bala no ombro e não estaríamos sentados aqui agora. Se a oportunidade de provar meu valor não tivesse surgido, nada disso seria possível.

Pearl não disse nada, sabendo que não havia nada a acrescentar.

— Eu ia à vinícola todos os dias, dei ao seu marido uma espingarda carregada com as mãos algemadas a uma cadeira e aguentei sua besteira durante meses tentando provar meu valor a ele. Mas nós dois sabemos que ele nunca me deu uma chance. Não importava o que eu fizesse, Crow teria a mesma resposta. Só quando eu estava disposto a morrer pelos Barsettis ele achou que isso era bom o suficiente. Isso forçou sua mão. E acredite em mim, não acredito em almas gêmeas ou qualquer dessas merdas. Mas sei que Vanessa é a única mulher que eu poderia amar. Ela é isso. — Coloquei minha mão sobre meu coração. — Quão fácil poderia ter sido para mim perdê-la para sempre? É por isso que não o perdoo. É por isso que não gosto dele.

Pearl me observou, seus olhos azuis revelando sua tristeza. Ela não me desafiou ou tentou mudar minha mente. Depois do discurso que eu acabei de fazer, havia pouco que ela pudesse fazer para mudar isso.

— Se for esse o caso, por que você me perdoou? Eu estava cega pelo meu ódio tanto quanto ele.

Crow era o operador da família, o homem que tomava todas as decisões finais. Ele tinha muito mais poder, controle sobre tudo. Mas se ela realmente quisesse, ela poderia ter mudado de ideia antes que as coisas ficassem tão ruins. Ela não me insultou como o Crow, mas também não me defendeu. Eu fui mais gentil com ela por um motivo.

— Porque você me lembra minha mãe.

No segundo que entrei pela porta, Vanessa estava em cima de mim.

Ela pulou em meus braços sem me avisar, completamente nua e pronta para mim. Seus braços envolveram meu pescoço e seus tornozelos travaram juntos em volta da minha cintura enquanto ela selava sua boca sobre a minha.

Porra, isso era bom.

Meus braços cavaram sob suas coxas e bunda, e eu a segurei na porta, chupando sua língua sexy e dando a ela a minha.

— Jesus Cristo, você sentiu minha falta.

— Sim. — Ela respirou contra minha boca, seus olhos selvagens. — E estou chateada.

— Bom. Eu adoro quando você está chateada. — a carreguei pelo corredor, para o nosso quarto.

Ela me deu um tapa no rosto e me beijou novamente.

Merda, ela estava me deixando louco.

A coloquei na cama e tirei meus jeans e boxers. Meu pau saltou livre, já duro desde o segundo em que ela pulou em meus braços.

Ela se virou sobre as mãos e os joelhos e olhou para mim por cima do ombro, sua boceta escorregadia olhando para mim também.

Não me incomodei em tirar minha camisa antes de meus joelhos caírem e baterem no colchão. A cabeça do meu pau apontou diretamente para sua abertura por conta própria, e deslizei dentro dela, sentindo a excitação que ela liberou antes de eu entrar pela porta. Avancei pelo seu interior até que minhas bolas estivessem pressionadas contra seu corpo.

Eu agarrei os dois pulsos dela e os puxei para debaixo de seu corpo, fazendo seu rosto se deslocar para frente e bater nos lençóis. Sua bunda se moveu mais alto no ar e eu agarrei sua nuca para que pudesse mantê-la no lugar. Minha outra mão prendeu seus pulsos juntos contra a parte inferior das costas, tratando-a como uma prisioneira ao invés da mulher que eu amava.

— Ainda está chateada comigo, baby? — Empurrei com força, batendo nela com estocadas profundas balançando todo seu corpo.

Ela gemeu enquanto se movia para frente.

— Deus...

— Eu lhe fiz uma pergunta. — A comi mais forte, batendo em sua boceta.

Ela respirou contra os lençóis, seu cabelo espalhado ao redor.

— Não...

— Foi o que eu pensei.

CAPÍTULO 7

Carter

Minha.

Ela era oficialmente minha.

Eu dei a ela uma saída para evitar essa situação. Tudo o que ela precisava fazer era ser uma prisioneira cooperativa e isso não estaria acontecendo. Mas ela arrancou o rastreador do tornozelo, descobriu a senha do sistema de alarme e tentou roubar um dos meus carros de um milhão de dólares.

Ela merecia ser punida.

Meu quarto já estava preparado. Eu tinha as algemas enganchadas na cabeceira da cama e o chicote na mesa de cabeceira. Nunca quis tanto machucar uma mulher e agora eu não podia esperar para tornar sua pele um vermelho brilhante. Queria apagar seu fogo com minha autoridade. Queria que ela gritasse de dor e prazer. Queria essa fantasia, uma fantasia que nunca soube que tinha até que ela apareceu.

Eu a arrastei de volta para dentro de casa e subi as escadas. Ela lutou contra mim durante todo o caminho, usando todos os músculos de seu corpo para se libertar. Pegou um impulso no chão e tentou jogar meu corpo contra a parede, mas não era páreo para o meu tamanho.

— Carter, você é melhor do que isso. — Ela tentou torcer os pulsos do meu aperto, mas era muito forte. — Vamos. Por favor...

Eu apertei sua garganta, parando as palavras antes que pudessem sair de sua boca.

— Implorar e suplicar não fará nada, querida. Isso só me faz querer mais você. Se você não queria isso, deveria apenas ter ido para a cama dormir. — A arrastei pelo corredor e cheguei ao meu quarto.

Ela continuou lutando contra mim, empurrando os quadris e tentando me chutar.

A empurrei para a cama, em seguida, coloquei seus pulsos no punho. Depois que o aço foi fechado no lugar, não havia para onde ir. Eu teria feito uma pausa para tirar sua camisa, mas seria capaz de apenas puxá-la sobre seu corpo.

— Carter, não faça isso. — Ela tentou puxar a cabeceira da cama, mas a madeira era muito forte para balançar.

Minha camisa já estava fora e minha calça jeans atingiu o chão. Meu pau latejava de angústia, já que eu queria transar com ela há semanas. Não tinha escolhido outra mulher nesse período de tempo, então é claro, eu estava perdendo minha cabeça. Não queria outra mulher quando eu poderia ter esta. Soltei minha boxer em seguida.

Mia ficou quieta, seus olhos indo para a visão do meu pau duro. Suas sobrancelhas se ergueram quando ela olhou para ele, surpresa estampada em seu rosto. Foi o suficiente para fazê-la parar de lutar, por pelo menos alguns segundos.

Quando peguei o preservativo da minha mesa de cabeceira, ela começou a ficar agitada novamente.

— Você não é esse cara, Carter. — ela disse. — Eu sei que você não é.

— Você não me conhece, querida. — Rasguei o pacote e rolei, meu pau estremecendo em minhas mãos porque eu estava animado por tê-la.

— Você é melhor do que isso.

— Não. — Peguei o chicote da mesa de cabeceira. Meus dedos agarraram a alça, ansiosos para adicionar mais cicatrizes à superfície de sua pele. A lógica se foi quando o desejo assumiu o controle. Eu queria fazê-la chorar, levá-la às lágrimas para que pudesse vê-la soluçar enquanto eu a fodia.

Quando ela viu o chicote em minha mão, seus protestos só aumentaram.

— Não...

Desabotoei sua calça jeans e puxei para baixo em suas belas pernas. Ela chutou forte como um cavalo, jogando seus quadris contra mim.

A luta foi inútil, mas ela não desistiu.

— Não. Não faça isso comigo.

— Se você nunca tivesse tentado escapar, isso não estaria acontecendo.
— Agarrei seu fio dental em seguida e puxei para baixo. No segundo que vi sua fenda, meu pau se contraiu novamente. Eu não via uma boceta há semanas e a dela era excepcional.

Ela chutou de novo, mas uma vez que sua calcinha foi retirada, ela finalmente desistiu.

— Eu teria me odiado mais se não tentasse. Mereço mais do que isso, Carter. Mereço ser livre. Mereço dizer não. Não seja esse cara. Você pode não se importar agora, mas algum dia, você irá. Algum dia, você se lembrará disso e se odiará por isso.

Eu me movi em cima dela, aproximando nossos rostos. A olhei nos olhos, não sentindo nem um pinga de vergonha pelo que estava prestes a fazer.

— Pode ser. Mas esse dia não será hoje. — Me afastei dela, agarrei seus quadris, e a virei.

— Carter!

Prendi seus tornozelos nas correntes, em seguida, agarrei o chicote novamente, meu pau embainhado dentro da camisinha de látex.

— Chore se quiser. Quanto mais alto você gritar, mais eu vou gostar.

Ela tinha folga suficiente na corrente para se sustentar nos cotovelos. Ela ficou quieta de repente. Talvez o silêncio dela fosse uma forma de protesto. Mas depois de dez tapas nas costas, ela começava a choramingar. Quando eu terminasse com ela, ela estaria gritando.

Arrastei a ponta do chicote de seu ombro esquerdo pelas costas, deixando o couro roçar em sua pele. Eu tinha feito algumas coisas pervertidas com as mulheres com quem me deitei, mas nunca isso. Saboreei o momento, saboreei a violência e a excitação em meu sangue. Eu nunca soube o quanto poderia gostar disso. O estilo de vida BDSM era algo que eu nunca tinha pensado. Mas assim que ela entrou na minha vida, fiquei obcecado por isso.

— Já faz um tempo, vamos começar com vinte. — Bati em sua bunda antes de recuar e preparar o chicote.

Ela estava parada, sua bunda empinada redonda como uma nectarina. A pele ao longo de sua bunda e pernas era perfeita e imaculada. Ela tinha uma curva sexy na parte inferior das costas, tão profunda e proeminente que uma bola de basquete se encaixava perfeitamente no vão.

Agarrei o chicote com tanta força que meus dedos ficaram brancos. Seu silêncio foi um desafio e esse desafio só me excitou mais. Eu a faria chorar antes de terminar. Assistiria as lágrimas escorrendo pelo seu rosto enquanto a fodia.

Mas então ela disse algo que mudou tudo.

— Você sabe o que é triste? Eu queria dormir com você. Você é o primeiro homem que molha minha calcinha em... Anos. Depois de tudo que passei, não achei que seria possível para eu sequer pensar em sexo novamente. Mas com você, pensei sobre isso. Se tivéssemos nos conhecido em circunstâncias

diferentes, eu teria deixado você me foder. Eu provavelmente teria feito isso de bom grado, porque isso te excita. Mas em vez disso, é assim que é...

Minha mão afrouxou no chicote. Encarei seu corpo nu com um pouco menos de desejo. Em vez de desejá-la violentamente, imaginei um resultado diferente para nosso relacionamento. Lembrei-me da maneira como ela me deixou tocá-la, me deixou chegar perto dela. Lembrei-me de como ela olhava para mim quando pensava que eu não estava olhando. Havia química entre nós. Estava lá desde o dia em que nos conhecemos. Eu sabia que ela não estava mentindo, algum jogo de manipulação para entrar na minha cabeça.

Segurei o chicote entre os dedos, mas minha determinação estava lentamente se esvaindo. Queria essa mulher tanto que não me importava como a teria. Justifiquei meu comportamento criando um conjunto arbitrário de regras para ela quebrar... E então a enganei para quebrá-las. Em vez de ser um homem de verdade que seduz uma mulher, tirei vantagem da situação dela e do poder que tinha sobre ela. Em vez de perder tempo para ficar entre suas pernas, fiquei com preguiça e peguei um atalho.

Ela estava certa. Eu fui um idiota.

Joguei o chicote no chão e destravei os punhos em torno de seus tornozelos.

— O que você está fazendo? — ela sussurrou.

Andei ao redor da cama e destravei as algemas que prendiam seus pulsos à cabeceira da cama. Assim que as correntes foram soltas, joguei a chave no chão ao lado do chicote.

— Você está certa, Mia. É triste. — Sentei-me na beira da cama, a camisinha ainda no meu pau amolecido. Me mantive de costas para ela e descansei meus braços sobre os joelhos. — Você pode ir. — Encarei a lareira através do quarto. As toras eram velhas porque fazia meses desde que acendi um fogo. Olhei para a TV desligada na parede e esperei ela sair. Quando ela

fosse embora, eu me levantaria e tomaria banho. Estava com um humor tão azedo que nem queria me masturbar.

Ela se sentou atrás de mim, mas não saiu da cama. Em vez disso, permaneceu lá, nem mesmo colocando as roupas de volta.

Eu podia ver vagamente seus movimentos no reflexo da TV, mas não conseguia distinguir suas feições. Minha cabeça se inclinou para baixo e olhei para minhas mãos.

Ela se aproximou de mim antes de pressionar as mãos nas minhas costas. Provavelmente estava sem palavras, grata por eu ter mudado de ideia. Mas provavelmente também pensou que eu era fraco. Se eu fizesse outra ameaça, ela não levaria a sério. Seus dedos exploraram minhas costas, fazendo-me uma massagem suave com um toque feminino. Suas mãos se moveram novamente e seus dedos deslizaram pelo meu cabelo.

O toque foi tão bom que fechei os olhos.

Suas coxas se moveram para os lados dos meus quadris e ela colocou os braços em volta dos meus ombros. Seus lábios macios pressionaram contra meu pescoço, dando-me um beijo com um leve toque de língua.

Eu mantive meus olhos fechados, saboreando a forma como seus seios roliços tocavam minhas costas. Seus mamilos se arrastaram contra mim, pontudos e redondos. Achei que seria um único beijo, uma forma sexy de ela mostrar sua gratidão.

Mas os beijos continuaram.

Os abraços foram suaves no início, mas depois ela me beijou com mais força, passando a língua pela veia em meu pescoço. Seus dedos cravaram em mim suavemente, mostrando sua excitação e seu desespero. Sua respiração quente entrou em meu ouvido, os ruídos sensuais enchendo meu cérebro e deixando meu pau duro novamente. Se ela não me queria, ela deveria parar. Porque eu estava a segundos de me virar e prendê-la contra o colchão.

Seus dedos agarraram meu queixo e ela virou meu rosto em direção ao dela. Seus olhos cor de café olharam nos meus com desejo mútuo. Sem piscar, ela pressionou seus lábios macios diretamente contra os meus e me beijou.

Me beijou devagar. Me beijou suavemente. Me beijou deliciosamente.

Minha mão se moveu para a parte de trás de sua cabeça e eu a embalei lá, minha boca se movendo com a dela em um ritmo perfeito. Sua língua parecia perfeita contra a minha. Sua respiração encheu meus pulmões, incitando-me a devorá-la. Suas unhas continuaram a me arranhar enquanto ela me puxava para mais perto dela.

— Me fode.

Eu respirei fundo entre os dentes e meu pau se contraiu ao mesmo tempo. Meus dedos cravaram mais fundo em seu cabelo e a puxei para perto de mim. As palavras eram ainda mais sexys porque eu não esperava ouvi-las. Eu tinha acabado de acorrentá-la à cama com a intenção de fazê-la sangrar. Agora ela me queria dentro dela, mas em seus termos.

E eu faria.

Me virei e a guiei de volta para a cama, nosso beijo lento ainda continuando. Minhas mãos a exploraram, desde tocar suavemente seu pescoço até agarrar um de seus seios firmes em minha palma. Meu polegar sacudiu sobre seu mamilo e exalei em sua boca porque parecia tão erótico quanto eu imaginava.

Sua mão segurou minha bochecha, em seguida, deslizou em meu cabelo, pegando os fios curtos enquanto ela passeava uma perna em volta do meu quadril.

Minha mão deslizou por sua perna e explorou sua coxa, movendo-se todo o caminho até que agarrei seus quadris. Eu gostava desses beijos lentos e intensos, mas minha boca naturalmente começou a se acelerar. A beijei com mais força, dando-lhe mais língua enquanto meu pau engrossava. Beijá-la foi

melhor do que eu imaginava que seria. Era melhor do que beijar qualquer mulher. Talvez fosse porque a queria por muito tempo ou porque eu era celibatário há semanas. Não sabia qual era a explicação, mas sabia que queria beijá-la e nunca parar.

Suas mãos exploraram meu corpo do jeito que eu acabei de explorar o dela. Ela sentiu os músculos sólidos do meu peito, seus dedos delinearam meu corpo, sentindo o leito do rio entre meu abdômen e as linhas de sexo sobre meus quadris. Ela tocou a pequena trilha de pelos abaixo do meu umbigo, em seguida, alcançou minhas bolas. Ela dedilhou suavemente, seus dedos macios incríveis contra meu saco sensível.

Eu gemi em sua boca, amando suas mãos gentis. Ela não tocou no meu pau, provavelmente porque estava embainhado dentro de uma luva de látex. Mas ela explorou minhas bolas por mais alguns momentos antes de agarrar minha bunda, apertando em seguida, seus dedos cravando no músculo.

Minha mão se moveu entre suas pernas e meus dedos encontraram seu clitóris. Esfreguei suavemente, tratando sua boceta com a mesma delicadeza que ela tratou minhas bolas. Meus dedos se moveram em movimentos circulares, estimulando-a levemente.

Ela gemeu em minha boca no segundo em que a toquei, como um homem nunca a havia tocado naquele lugar especial antes. Respirou em minha boca antes de me beijar com mais força, unhas sendo mais agressivas do que eram antes.

— Foda-me suavemente. — Ela falou em minha boca entre um beijo e outro. — Já faz um tempo... E você tem um pau grande.

Meu pau estremeceu enquanto ouvia suas instruções, ouvia suas preferências. Isso realmente iria acontecer. Finalmente consegui foder essa mulher. Eu não precisava amarrá-la para apreciá-la. Ela estava se entregando a mim, abrindo as pernas para que eu pudesse apreciá-la. Parecia que eu tinha merecido e isso a tornou mais sexy.

— Sim, Mia. — Quando disse o nome dela, todos os músculos do meu corpo se contraíram.

Ela dobrou a outra perna, dando-me espaço para mover entre suas coxas. Sua mão agarrou minha bunda enquanto ela me guiava.

Minha mão se afastou de seu clitóris e senti sua fenda com meus dedos, verificando se ela estava pronta para mim. Antes mesmo que meu dedo se movesse dentro dela, senti a poça de umidade que vazava de sua boceta.

Porra, ela me queria. Ela me queria muito.

Ela não estava apenas me fodendo em gratidão. Sua boceta queria meu pau. Meus dedos se moveram dentro dela porque queria sentir sua umidade até o fim. Vários centímetros de profundidade, eu podia sentir o resíduo pegajoso que revestia suas paredes.

Lentamente, tirei meu dedo, minha respiração instável contra seus lábios. Meu pau latejava tanto que realmente doía. Eu estava ansioso para estar dentro dela, mais ansioso do que em toda a minha vida. Mesmo com essa camisinha no meu pau, eu estava animado.

Meu braço enganchado na parte de trás de seu joelho enquanto a posicionava debaixo de mim. Meus lábios ficaram imóveis por um momento, querendo me concentrar em sua expressão enquanto deslizava para dentro.

A cabeça do meu pau encontrou sua abertura e empurrei por sua fenda apertada. Ser escrava por anos não mudou sua anatomia perfeita. Eu afundei dentro dela, movendo-me centímetros de cada vez quando entrei. Eu podia sentir o aperto de sua boceta, sentir a umidade me cercando por toda parte. Afundei mais fundo até não ter mais para onde ir.

Seus olhos brilhavam visivelmente e em vez de mostrar aquele olhar constante de ódio, sua expressão era suave. Seus dedos acariciaram meu cabelo e ela respirou contra minha boca, suas pernas eram suaves e sensuais. Sua mão agarrou meu quadril e ela mordeu o lábio inferior quando me sentiu

completamente. Não havia mais comentários espertos de seus lábios, não havia mais promessas de hostilidade. Agora ela era apenas uma mulher, cedendo à sua atração por mim.

Beije seu lábio inferior e delicadamente o coloquei em minha boca.

— Você é mais bonita do que eu imaginava. — Poderia sair de casa agora e encontrar uma bela mulher em Milão. Ela não seria vítima de tráfico ou abuso. Ela seria normal. Mas estar com Mia me mostrou que eu não queria normal, pelo menos, não agora. Eu queria uma mulher feita de algo mais forte, uma mulher com cicatrizes de batalha que destruíam sua pele, mas não sua mente. Sempre fui atraído por todos os tipos de mulheres, de loiras a ruivas. Mas eu nunca me senti tão atraído por ninguém além dela. Havia algo sobre ela... E eu sabia que tinha a ver com seu passado. Eu não queria apenas machucá-la.

Eu queria me curvar a ela.

Dei golpes fortes e regulares, meu corpo batendo profundamente e batendo contra seu clitóris ao mesmo tempo. Ao invés de beijá-la, mantive meu rosto acima do dela, observando a reação sexy que ela tinha.

Seus dedos exploraram meu peito, cavando os músculos sob minha pele bronzeada. Ela começou a gemer no segundo em que começamos, incapaz de manter os lábios fechados porque os gemidos continuaram indefinidamente. Seus seios tremeram com minhas estocadas, seus mamilos endurecendo até ficarem mais afiados do que as lâminas.

Eu podia sentir sua boceta mudar em volta do meu pau, sentir as paredes se contraírem. Eu podia sentir o aumento da umidade, a maneira como seu corpo se preparava para o clímax que ela estava prestes a receber. Seus lábios começaram a tremer e ela não conseguiu esconder o breve momento de surpresa em seu rosto.

— Eu prometi que faria você gozar. — Às vezes, eu trabalhava muito para satisfazer uma mulher. Às vezes, não me importava com o prazer dela. Mas desta vez, era meu foco principal. Mia me disse que não achava possível querer um homem, não depois do que aconteceu com ela, mas ela me queria... Me queria desde a primeira vez que olhou para mim. Eu não deveria me preocupar com o sofrimento dela, não quando eu iria devolvê-la em um curto período de tempo, mas queria que ela se sentisse bem, se sentisse bem por minha causa.

— Eu só... — Ela respirou com mais força e mordeu o lábio inferior quando sentiu o clímax se aproximar. — Eu simplesmente não pensei que isso fosse acontecer tão rápido.

Minha mão se moveu para a parte de trás de seu cabelo e segurei os fios com força. Meu olhar se fixou no dela, vendo esta linda mulher se desfazer por mim. Ela pegou meu pau tão profundamente quanto eu dei a ela, curtindo como todas as mulheres antes dela.

— Vou tornar mais rápido da próxima vez. — Esfreguei meu nariz contra o dela antes de beijá-la novamente, desta vez fodendo-a um pouco mais forte. Eu bati nela, levando-a a um orgasmo que ela não esperava.

— Deus... — Parou de me beijar para poder gritar na minha boca. — Carter...

Nunca amei tanto ouvir meu nome nos lábios de uma mulher, não como agora.

— Carter.

Eu a fodi com mais força, fazendo-a gritar mais alto. Ela apertou tanto em torno de mim que parecia que meu pau poderia quebrar ao meio. Pressionei minha testa contra a dela e me concentrei, garantindo que ela aproveitasse cada segundo do longo clímax. Eu queria que ela vivesse o momento, cavalgasse o mais alto que pudesse. Concentrei-me nela, mantendo meu corpo alinhado para não terminar tão cedo. Manter-me sob controle

nunca foi difícil, não quando eu tinha uma boceta regularmente, mas tinha passado semanas sem ação. Foi a coisa mais difícil que eu já tive que fazer... Ser um cavalheiro e esperar ela terminar.

Quando ela parou de gritar na minha cara, eu sabia que ela tinha terminado. Sua boceta liberou meu pau depois que terminou de machucá-lo e então ela me beijou novamente. Me beijou com força, me dando uma afeição mais profunda do que antes. Desta vez, foi cheio de gratidão, me agradecendo por fazê-la sentir uma onda de prazer tão incrível.

— Carter... Sua vez. — Seus lábios pararam enquanto ela me olhava nos olhos. Ela focou seu olhar em mim, seus seios ainda tremendo com minhas estocadas. Ela agarrou meus quadris e me direcionou para dentro dela, me puxando o mais longe que podia antes de estremecer de dor.

Com meus olhos fixos nos dela, empurrei até meu pau explodir. Enfiei meu pau o mais fundo que pude enquanto liberava o preservativo, observando a satisfação em seus olhos quando atingi meu limite. Eu joguei meu gozo na ponta do preservativo, fingindo que não estava lá e eu estava inserindo minha semente dentro dela.

O clímax foi bom, tão bom que eu nunca iria esquecer. Adorava sentir suas coxas em volta dos meus quadris, sentir seus seios arrastando contra meu peito quando eu me movia. Amei estar enterrado bem no fundo dela, apenas um homem e uma mulher. Eu tive sexo mais aventureiro com mulheres mais desinibidas, mas pura baunilha com esta mulher era muito mais satisfatório. Era exatamente o que eu queria, o final perfeito para minha obsessão.

Quando terminei, fiquei em cima dela, deixando meu pau amolecer dentro dela.

A excitação ainda estava em seus olhos, apesar da satisfação que acabei de lhe dar. Seus dedos deslizaram ao longo da minha nuca e ela olhou para mim com nada menos que afeto. Ela puxou meus lábios para os dela e me beijou novamente, seus tornozelos se juntando nas minhas costas.

Depois de terminar, geralmente desisto e entro imediatamente no chuveiro. Mas o beijo dela era exatamente o que eu queria. Vê-la me querer inflou meu ego, deu-me outro impulso de confiança de que achava que não precisava. Conquistar essa mulher me fez sentir um rei.

Ela me deu um pouco de sua língua antes de se afastar, seus lábios a apenas alguns centímetros dos meus.

— Você poderia fazer isso de novo? — Ela implorou com os olhos, me pedindo para satisfazê-la assim mais uma vez.

Todos os músculos do meu corpo se contraíram a seu pedido. Eu nunca tinha ouvido uma mulher dizer algo tão sexy, me pedir para agradá-la de novo porque ela gostou muito da primeira vez. Esta mulher me odiava, mas esse ódio não afetou nossa atração mútua. Havia uma linha distinta desenhada, separando os dois. Ambos entendemos a diferença.

— Querida, vou fazer quantas vezes você quiser.

CAPÍTULO 8

Mia

Eu deitei ao lado de Carter em sua cama, o sol começando a entrar pelas janelas porque o amanhecer havia chegado. A noite tinha sido cheia de terror e prazer, e o tempo passou tão rápido que não percebi que a noite tinha acabado até o raiar da manhã.

Com calor e suados, nos deitamos a vários metros de distância. Seu peito brilhava com a umidade que revestia sua pele. Com os olhos fechados, ele respirou fundo enquanto seu corpo voltava à calma. Os lençóis foram chutados para longe, então a maior parte de seu corpo nu foi revelado, de seu torso cinzelado às coxas musculosas. Seu pau estava em seu estômago, menor do que antes, mas ainda de tamanho impressionante. Sua guarda estava baixa, criando uma oportunidade perfeita para eu atacar.

Mas eu continuei deitada lá.

Quando comecei a falar de Carter, não estava pensando em minhas ações. Eu estava vivendo o momento, minhas emoções e empatia ditando minhas ações. Meus membros estavam presos em correntes e a excitação hostil de Carter encheu seu quarto. Ele queria tanto me machucar, queria realizar as fantasias sombrias que todo homem tinha, quer eles admitissem ou não. Eu tinha absolutamente nenhum poder na situação. Perdi todos os meus direitos quando tentei escapar.

Mas minhas palavras mudaram sua mente. De alguma forma.

Eles o fizeram repensar suas ações, o fizeram se perguntar que tipo de homem ele queria ser. Saber que eu sempre o quis o fez questionar seu comportamento. Que tipo de homem força uma mulher a se submeter? Um homem de verdade a convence a se submeter. Essa verdade o atingiu com força e o fez reexaminar tudo o que queria.

Então ele me soltou. Não pude acreditar.

Ele destrancou todas as correntes e me libertou. Então ele se sentou na beira da cama, sua raiva e desejo controlados.

Eu poderia simplesmente ter saído e voltado para o meu quarto, mas não o fiz. Eu admirei sua decisão. Eu o admirei por me ouvir. Egor nunca ligou para minhas súplicas ou lágrimas. Ele nunca se importou comigo como ser humano. Carter pode ter aspectos mais sombrios, pode não ser um cavalheiro, mas ele certamente teve compaixão.

Ele tinha um coração.

Ele era um bom homem... À sua maneira.

Não fui tratada com qualquer tipo de respeito por anos, mas Carter foi bom para mim. Seu coração era puro e facilmente balançava. Ele não tinha sede de sangue em suas veias, não como outros homens. Ele não era mau.

De jeito nenhum.

E isso me fez desejá-lo, me fez querer dar algo a ele. Sexo estava em meus termos, e isso me fez querer senti-lo entre minhas pernas, para desfrutá-lo quando nunca me permiti.

Eu gostei - imensamente.

Este foi um novo começo para nós. Quer ele me deixasse ir na manhã seguinte ou não, tínhamos uma conexão agora. Se eu simplesmente deixasse para lá, ele me deixaria ser livre eventualmente. Se eu perguntasse várias vezes, ele faria.

Não havia uma única dúvida em minha mente.

Carter Barsetti era um bom homem.

Então eu deitei ao lado dele na escuridão, sem interesse em cortar sua garganta enquanto ele dormia. Ele foi gentil comigo e agora eu queria ser gentil com ele. Ele me agradou de uma maneira que eu não sentia há muito tempo. Na verdade, eu nunca fiquei satisfeita assim. Nunca estive com um homem que tivesse a masculinidade furiosa de Carter, que tivesse seu nível de confiança. Vê-lo me querer tanto, apesar de eu ter sido vítima de estupro e tortura, fez com que eu me sentisse bonita pela primeira vez em anos. Ele não se importava onde eu estava, sobre os homens que me levaram antes de colocar os olhos em mim. A maioria dos homens ficaria enojada com isso, me julgaria pelas coisas horríveis que já tive que fazer. Não Carter.

Já que ele tinha um ponto fraco dentro do peito, eu sabia que seria capaz de escapar eventualmente. Se continuássemos a dormir juntos e seu coração se suavizasse ainda mais, ele não seria capaz de resistir ao meu pedido. Assim como minhas palavras anteriores o fizeram largar o chicote, ele faria de novo.

Eu poderia tentar escapar, mas isso poderia provocar sua raiva.

Agora, ele era gentil, gentil até me fodendo de uma maneira que Egor nunca fez. Se eu deixasse a paz continuar, acabaria conseguindo o que queria. Carter não era psicopata como os outros. Ele tinha um coração sob aquele bloco de concreto. Cheio de compaixão, compreensão e empatia. Ele me deixaria ir.

Eu sabia que ele iria.

Nenhum de nós cruzou a linha divisória entre nós, não aninhados juntos como amantes depois de fazer amor. Eu assisti sua respiração voltar ao normal enquanto ele escorregava para dormir. Sua mão descansou em seu estômago, subindo e descendo lentamente com suas respirações profundas. Quando ele estava inconsciente, a dureza de seu rosto relaxou e sua mandíbula suavizou

ligeiramente. Ele parecia bonito de qualquer maneira, mas com a guarda baixa, sua verdadeira natureza parecia ser mais visível.

Eu não pude deixar de me considerar com sorte por apreciar o homem ao meu lado. Depois de dormir acorrentada e ser chicoteada até sangrar, Carter foi uma dádiva de Deus. Ele era bonito, charmoso e compassivo. Ainda me manteve contra a minha vontade, então não deveria gostar muito dele, mas eu gostava. Senti meu coração amolecer como o dele fez por mim.

Na verdade, gostei dele.

E gostei da maneira como ele me agradou, preocupando-se com nosso prazer mútuo em vez do dele exclusivamente. Ele me deu o melhor sexo da minha vida, sexo tão bom que eu não pensei que fosse possível. Quando meus tornozelos estavam travados em sua cintura, não pensei nos últimos três anos da minha vida. Tudo o que eu pensava era em nós dois, um homem e uma mulher, fazendo algo natural e bonito.

Eu não achava que o sexo poderia ser bonito. Sabia que ele não iria querer dormir comigo, então manobrei até a beira da cama e me sentei. Minha pele cheirava a suor e sexo, meu cabelo estava emaranhado de uma maneira como ele o detonou. Ele me fodeu como se eu fosse a única mulher que ele queria para o resto de sua vida. Ele fodia todas as mulheres assim?

Quando meus pés tocaram o tapete, levantei-me, fazendo o possível para me mover furtivamente para não o perturbar. Quando dei meu primeiro passo, ele me ouviu.

Com uma voz profunda que parecia perfeitamente acordada, ele ordenou.

— Volte aqui.

— Estou indo para a cama.

— Então deite-se. — Ele abriu os olhos e virou a cabeça na minha direção. Com lindos olhos castanhos que complementavam a profundidade de sua

alma, ele olhou para mim com poderosa hostilidade. Ele deu um tapinha na cama ao lado dele.

— Achei que você gostaria de dormir sozinho.

— Não. — Deu um tapinha na cama novamente, desta vez com mais força.

— Quando eu acordar, a primeira coisa que vou fazer é te foder. Então, volte aqui.

Uma onda de desejo passou por mim, fazendo-me sentir bonita novamente quando eu não pensei que fosse possível. Ele não se cansou de mim depois que me teve. Ele queria continuar me fodendo. Voltei para a cama e me enfiei sob seus lençóis.

Ele voltou o olhar para o teto e fechou os olhos.

— Você não tem medo de que eu te mate? — Devia haver uma arma aqui em algum lugar. Tudo o que eu precisava fazer era apontar para seu rosto enquanto ele dormia e sua vida estaria acabada.

Ele suspirou como se estivesse em paz demais para realmente se preocupar com a pergunta.

— Não, querida. Eu não tenho medo de nada. Na verdade, espero que você tente. Só me dá um motivo para puni-la.

Era meio-dia quando acordei no dia seguinte.

Carter já estava acordado, folheando seu telefone e verificando seus e-mails. Os lençóis estavam amontoados em volta de sua cintura, mostrando sua barriga esculpida e pele bronzeada sexy. Seu cabelo curto e escuro estava um pouco bagunçado pelo jeito que eu o segurei ontem à noite.

Quando ele percebeu que eu estava acordada, jogou o telefone na mesa de cabeceira.

— Bom dia, querida.

— Bom dia. — Virei-me de lado e o encarei, o lençol puxado para o meu ombro.

Ele abriu a mesa de cabeceira e tirou um preservativo. Rasgou o papel alumínio rapidamente, em seguida, rolou o látex em seu pau duro. Ele fez deslizar lentamente ao longo dele, revelando seu tamanho e espessura de monstro. Ele era o maior homem que eu já peguei, deixando Egor envergonhado.

— Direto ao ponto, hein?

Ele se posicionou em cima de mim e me rolou de costas.

— Eu te avisei ontem à noite. — Ele separou minhas coxas para que seus quadris pudessem deslizar. Os músculos de seu físico esculpido mudaram e se moveram sob a pele. Seus quadris estreitos tinham linhas profundas entre os músculos, formando um V proeminente que transformava seu corpo na forma perfeita de um triângulo. — Eu peguei leve com você ontem à noite. — Deixou seu rosto acima do meu, seus lábios provocando minha boca com sua proximidade. — Não vou mais.

Este homem se servia de mim como se eu fosse uma estação em uma linha de buffet. Ele foi bom o suficiente para pelo menos me deixar acordar primeiro, mas no segundo em que meus olhos se abriram, ele foi para a morte. Minhas palmas imediatamente pressionaram contra seus peitorais, meu recurso favorito. Eles eram duas placas de músculos poderosos, duros contra minhas mãos.

— Mesmo? Porque eu gostei muito... — Meus olhos mudaram para seus lábios antes de olhar em seus olhos novamente.

Ele segurou seu corpo ainda em cima do meu, seus olhos castanhos olhando nos meus com a mesma agressividade. Seu pênis se contraiu ligeiramente em resposta. Eu podia sentir o látex esfregando contra minha coxa com o movimento. Sua mandíbula rígida ficou um pouco mais tensa e ele parecia zangado consigo mesmo por ter se emocionado com minhas palavras. Ele me deu prazer. Talvez fosse porque ele era um cavalheiro. Ou talvez fosse porque isso inflou seu ego já gordo.

— Você gosta disso suave e lento?

— Gosto de como você me deu... — Meus dedos cravaram em seus ombros enquanto esperava que ele deslizasse para dentro de mim. Eu não conseguia acreditar que estava dizendo essas palavras a um homem que me mantinha prisioneira. Em vez de ser uma escrava, me senti como uma mulher que ele trouxe para casa esta noite. Por apenas um momento, foi um tipo diferente de fantasia, onde eu poderia fingir que estava livre.

Ele pressionou sua testa contra a minha e inalou profundamente, um leve gemido saindo de seus lábios. Seu pau se contraiu novamente antes que ele pressionasse seus lábios contra os meus, me dando um beijo lento como ele fez na noite anterior.

A química estava lá no segundo em que nos tocamos. O ar deixou meus pulmões assim que nossos corpos quentes se combinaram. Meus dedos se moveram em seu cabelo e eu o beijei como se ele fosse o único homem que eu sempre quis. Amei seu beijo, amei a maneira como seus lábios macios se moveram contra os meus e os reivindicaram. Quando ele me deu sua língua em seguida, minhas coxas apertaram seus quadris.

Sem perceber o que estava fazendo, eu esfreguei meus quadris contra seu corpo, sentindo seu comprimento esfregar contra meu clitóris. Eu ofeguei em sua boca, meus dedos cavando mais fundo em seu cabelo. Este homem acendeu meu desejo sexual, me fez sentir como uma mulher novamente.

Esqueci como o sexo pode ser maravilhoso, mesmo que não tenha sentido. Ele me trouxe de volta à vida, me fez sentir prazer pela primeira vez em anos.

Ele empurrou a haste de seu comprimento, então deslizou dentro de mim, encaixando-se na minha abertura apertada e afundando até que seu pau grosso estava completamente dentro de mim, suas bolas quentes batendo em minha bunda. Seus braços poderosos seguraram seu peso em cima de mim, me mantendo pressionada contra o colchão enquanto ele me penetrava. Fui sufocada por sua pele quente e músculos sensuais. Fui envolvida por seus beijos. Ele era uma barreira enorme que me separava dos horrores do mundo. Naquele momento, me senti segura embaixo dele, que nada poderia interromper essa paz prazerosa que ele me deu.

Nunca pensei que sexo pudesse me curar.

Não depois de ter me destruído por tanto tempo.

Ele empurrou dentro de mim do jeito que fez ontem à noite, me atingindo no lugar certo com o ritmo perfeito. Eu provavelmente poderia lidar com algo mais intenso, mas a noite passada foi tão bom, que queria isso de novo. Era meu item favorito no *menu*.

Eu já tinha fodido com ele uma vez, então não tinha vergonha do quanto eu gostava dele. Minhas unhas arranharam suas costas musculosas e minha boceta encharcou seu comprimento duro envolto na camisinha.

Seu nome escapou de meus lábios, como se eu estivesse com um amante em vez de meu guardião.

Ele gemia toda vez que eu dizia seu nome.

Eu não queria que isso acabasse. Queria que continuasse para sempre. Minha mente se fechou e eu não pensei em nada mais, exceto o fogo entre minhas pernas. Como na noite passada, ele me levou ao clímax instantaneamente, o tamanho e a forma de seu pau batendo em um botão invisível dentro do meu corpo. Minhas coxas apertaram seus quadris e eu

resisti contra ele em resposta, meu corpo trabalhando por conta própria e independente da minha mente.

— Parece que bati meu recorde.

Eu mantive meu rosto pressionado contra o dele quando terminei, minha boceta ainda convulsionando em torno de seu comprimento. Eu montei no alto até que estava completamente terminado, a excitação escoando entre minhas pernas ainda mais do que antes.

— Faça-me gozar de novo...

Ele sorriu contra minha boca.

— Será um prazer.

Eu preparei o almoço, fiz sanduíches e saladas. Carter pulou no chuveiro assim que terminamos, então eu tive algum tempo para mim. Trouxe tudo para a mesa, junto com dois copos de chá gelado.

Sentei-me e olhei pela janela, sem saber como me sentir sobre minha nova situação. Eu dormi com Carter porque estava atraída por ele, mas continuei indo para a cama com ele porque o sexo era bom. Não apenas bom, mas extraordinário. A lista de homens com quem dormi não era muito longa, mas não tinha experimentado nada parecido com o que tive com Carter.

Ele era um profissional.

Estar em seu cativeiro estava começando a parecer mais férias do que prisão. Se eu não tivesse alguém esperando por mim, simplesmente me contentaria com a vida confortável que ele me ofereceu. Ninguém iria me julgar por isso. E se sim, então eles simplesmente não entendem o tipo de tortura que eu suportei. Foi um milagre minha mente não ter se despedaçado

como o resto do meu corpo. Se eu não tivesse tanto pelo que viver, já teria jogado a toalha há muito tempo.

Carter entrou na sala de jantar e se juntou a mim, sem camisa e com sua calça de moletom, como de costume. Ele se sentou, não disse uma palavra e começou a comer.

Assim que ele estava ao meu lado, servi-me da refeição que preparei. Nós pulamos o café da manhã porque acordamos tarde demais para isso. Era meio-dia e o sol escaldante queimava os campos dourados do lado de fora da janela. O sistema de refrigeração da sua casa nos mantinha confortáveis, mas eu poderia dizer que estava insanamente quente lá fora, para não mencionar úmido.

Ele me observou enquanto mastigava, mais entretido com minha aparência do que com a paisagem italiana ao nosso redor. Ele não tinha se barbeado nos últimos dois dias, então uma linha espessa de barba estava começando a cobrir sua mandíbula. Seus olhos eram castanhos escuros, a cor bonita e profunda. Quando eles foram direcionados a mim, foi como estar sob o escrutínio de um microscópio.

Eu não cheirava mais como ele ou sexo quente e suado desde que tomei banho. Mas suspeitava que meus poros começariam lentamente a absorver cada molécula, e não importava quantas vezes eu tomasse banho, o cheiro se tornaria permanente. Mantive meus olhos na minha comida, ignorando-o. Eu deveria estar acostumada com o olhar, mas ainda não estava. Nossa rotina era exatamente a mesma de todos os dias. Sentamos juntos e ele me olhou como se eu fosse uma tela de TV.

Ele quebrou o silêncio com uma pergunta.

— Por que você dormiu comigo?

Apesar da franqueza de sua pergunta, não parei de mastigar minha comida. Terminei antes de tomar meu chá gelado.

Ele parou de comer, focado em mim completamente enquanto esperava por uma resposta.

— Acho que a resposta é óbvia.

— Eu gostaria de ter certeza. Então, qual é?

Olhei pela janela, tentando pensar na maneira certa de dizer isso.

Ele agarrou meu queixo e forçou meu olhar sobre ele, seus dedos cravando na pele do meu queixo.

— O que é? — Ele abaixou a mão depois de chamar minha atenção.

— Não é tão complicado. Fiquei atraída por você e comovida por você ter me ouvido. Percebi que você não era o homem mau que gostaria de ser. Sem pensar, minhas mãos estavam em você e meus lábios queriam sentir os seus. Uma coisa levou a outra e simplesmente aconteceu.

— Nenhuma outra razão? — ele perguntou.

— Que motivo você está procurando?

— Eu não tinha certeza se você fez isso por gratidão... Já que não te machuquei.

Eu queria desviar o olhar, mas sabia que ele iria apenas agarrar meu queixo novamente.

— Acho que queria recompensá-lo por ser melhor do que a maioria dos homens lá fora. Você restaurou um pouco da minha fé nos homens. Acho que queria honrar isso.

Ele deve ter ficado satisfeito com a resposta porque desviou o olhar.

— Ainda quero machucar você. Mas eu não vou.

— Eu sei. — Aabia que ele não faria nada que eu não quisesse que ele fizesse. — Você é um bom homem, Carter.

— Um bom homem nunca deveria querer machucar uma mulher. — ele disse friamente. — Não sou um bom homem e não tenho interesse em sê-lo. Talvez eu não seja mau, mas há muito espaço entre o bem e o mal. Eu caio em algum lugar no meio.

— Ainda é uma melhoria do que estou acostumada...

Ele se virou para mim, seus olhos ainda frios.

— Você gosta de me foder?

Eu revirei meus olhos.

— Isso é óbvio.

— Eu quero ouvir você dizer isso.

— Eu já disse quando pedi para você me fazer gozar de novo. — Ele queria me ouvir dizer essas palavras porque isso só fazia seu ego crescer e seu pau.

Um leve sorriso se formou em seus lábios.

— Eu gosto de te foder também, querida. Muito.

— Eu percebi isso.

— E eu pretendo continuar fodendo você. — Ele largou o garfo e me observou com sua expressão intensa, como se me desafiasse a não dizer uma palavra em resposta. — Vou chamar um médico para vir aqui hoje para examinar você.

— Examinar-me? — Perguntei. — Para que?

— Saber que você está limpa.

Eu me impedi de revirar os olhos.

— Quero o mesmo de você.

— Eu estou limpo.

— Não me importo. — eu rebati. — Eu me recuso a chegar tão longe e pegar algo agora.

Ele se recostou na cadeira.

— Não estou tentando soar como um idiota, mas é com você que devemos nos preocupar.

— Ele me verificava por isso mesmo, no sentido de saber se estava limpa. E você é quem dorme por aí.

— Quem disse que eu durmo com alguém? — Ele demandou.

Ele nunca tinha realmente dito essas palavras, mas era óbvio.

— Você está dizendo que não o faz?

Ele não disse nada.

Eu provei meu ponto.

— Tudo bem. — disse ele. — Nós dois faremos isso. Então, ele vai te dar algum controle de natalidade.

Eu segurei minha língua e mantive meu silêncio. Não precisava de controle de natalidade, mas uma parte de mim não queria dizer isso a ele. Odiava dizer as palavras em voz alta porque isso as tornava mais verdadeiras. Egor tirou a coisa mais importante para mim... A capacidade de ter filhos.

— Eu não preciso de nada.

— Não ficarei usando camisinha. Eu odeio essa merda. — Ele bebeu de seu copo, saboreando algo além de uísque pela primeira vez.

— Não é isso que eu quero dizer. — Não consegui olhar para ele enquanto dizia a verdade. Eu nem queria dizer as palavras em voz alta porque iria ouvi-las. — Não posso ter filhos... Então você não precisa se preocupar com isso.

Ele me olhou em silêncio, sua cabeça ligeiramente inclinada enquanto me examinava. Ele não disse nada por um longo tempo, como se não soubesse

como trilhar essa conversa difícil. Seus dedos descansaram contra o vidro e suspirou baixinho.

— Eu sinto muito.

Eu não disse nada. Não havia nada que eu pudesse dizer sobre isso.

— Meu mestre anterior... Mandou laquear minhas trompas. Não queria me colocar sob controle de natalidade, então foi direto à fonte. — Recusei-me a chorar, especialmente na frente de alguém. Eu não queria sua pena e também não queria ter pena de mim mesma. Queria fingir que nunca aconteceu. Sabia que era possível engravidar novamente com intervenção médica, mas não seria natural e seria difícil. Egor tirou a coisa mais importante para mim... Algo tão lindo.

Ele suspirou e abaixou a cabeça, como se não conseguisse pensar em uma resposta que combinasse com a coisa horrível que eu acabei de dizer. Carter não era um cara sensível, era um homem de poucas palavras. Ele ouviu meus apelos, mas isso não significava que se importasse com minhas coisas.

Me concentrei na minha comida e esperei o momento tenso passar. Lágrimas queimaram atrás de meus olhos, mas me recusei a deixá-las cair. Um dia, eu mataria Egor pelo que ele fez comigo. Eu iria matá-lo pelo jeito que ele me fez sofrer. Iria matá-lo pelo que ele fez à minha família. Eu não sabia como ou quando... Mas eu descobriria.

Carter estendeu a mão sobre a mesa e agarrou minha mão. Ele a segurou, seus dedos apertando suavemente os meus. Olhou para mim com olhos tristes e um queixo tenso, a dor indescritível estampada em seu rosto.

— Querida... — Incapaz de encontrar as palavras para acalmar a situação, ele não disse mais nada.

Sentir sua mão na minha foi reconfortante. Ele nunca tinha me tocado assim antes, me deu o tipo de afeto que dois amigos compartilhariam. Fazia

anos que eu não sentia algo real, como um abraço ou um abraço. Eu fui fodida e sufocada com sexo, mas esse não era o contato físico que eu precisava.

Era disso que eu precisava.

Apertei sua mão de volta, silenciosamente dizendo a ele que apreciava sua simpatia. Eu sabia que era real. Se não fosse, ele não teria feito absolutamente nada. Entendia Carter melhor agora do que antes e sabia que ele tinha um coração. Ele teve compaixão. E eu sabia que ele se importava.

Ele puxou sua cadeira para mais perto de mim e passou o braço em volta do meu ombro enquanto sua mão continuava a segurar a minha.

A comida foi abandonada e nós nos sentamos juntos em frente à janela, o mundo lá fora em paz. Ele roçou o polegar no meu, me consolando em silêncio. Sua mão esfregou o meio das minhas costas.

— Sinto muito, Mia. — A sinceridade estava em sua voz, potente e real.

— Eu sei.

Ele pressionou sua testa contra o lado da minha cabeça e deu um beijo no meu couro cabeludo.

Fechei os olhos com seu toque, sua afeição me lembrando de como era ser amada. Isso me lembrou de um beijo de um antigo amante, uma afeição entre um homem e uma mulher que se amavam. Isso me lembrou de como minha mãe me confortava depois que meu pai morreu. O abraço foi tão simples, mas significou muito para mim.

— Obrigada, Carter. — Este homem estava lentamente me colocando de volta no lugar, mesmo sem perceber. Ele estava provando que havia algo de bom no mundo. Ele estava provando que nem todos os homens eram como Egor. Egor me deixou estéril, mas Carter nunca faria algo assim. Ele queria ser mau, mas simplesmente não podia.

E era exatamente disso que eu precisava.

Carter trabalhou no escritório o dia todo e não saiu até a hora do jantar.

Eu passava meu tempo livre em sua piscina, deitada ao sol em um biquíni que Carter tinha me dado e flutuando no cisne inflável quando ficava muito quente. Me servi de seu bar e preparei Long Island Iced Teas enquanto tomava banho de sol.

Como o sol não se pôs antes das nove, perdi a noção do tempo.

Carter entrou no deque da piscina em sua camiseta e jeans. Com os braços cruzados sobre o peito, ele me observou flutuar na piscina, minha bebida no porta-copos inflável.

— Sem jantar esta noite, então?

— Que horas são?

— Oito e meia.

— Oh... Acho que não. — Estava no meio da piscina, então ele não poderia me pegar a menos que pulasse dentro. Como uma princesa em um castelo cercado por um fosso, eu estava segura.

— O que devo comer?

Dei de ombros.

— Você estava bem antes de eu aparecer.

— Sim. Mas ter uma empregada tem sido bom.

— Bem, esta empregada tirou o dia de folga. — Meus óculos de sol ainda estavam na ponta do meu nariz, embora o sol estivesse prestes a se pôr.

— Você está fofa pra caralho agora.

— Ora, obrigada. Ainda bem que você não consegue chegar até mim.

— Não consigo chegar até você? — ele perguntou, divertido. — Você acha que a água poderia me parar?

— Está muito fria.

Ele aceitou meu desafio e puxou a camisa pela cabeça.

— Você não tem sunga.

— Não preciso dela. — Ele empurrou sua calça jeans para baixo junto com sua boxer.

Deixando seu pau sair.

Ele desceu as escadas para a água, em seguida, caminhou em minha direção, seus pés atingindo o fundo porque ele tinha mais de 1,80m de altura. Ele agarrou o cisne inflável e me arrastou em direção à parte rasa da piscina.

— Isso foi fácil.

— Droga...

Ele descansou os braços na jangada e se inclinou para beijar meu ombro e braço. A afeição não fazia sentido, mas era agradável ao mesmo tempo. Ele manteve os olhos em mim, observando minha reação ao seu toque.

Eu estava flutuando pela piscina com um homem lindo beijando meu ombro. A paisagem era linda e meu estômago estava cheio porque eu podia comer quando quisesse. Nunca tinha saído de férias antes, mas parecia a coisa mais próxima de uma.

— Como foi o trabalho?

— Vou ter que ir para o escritório em breve. Tenho que começar a produção para a próxima linha.

— O que você vai fazer comigo?

— Deixar você aqui. A menos que você sinta muito a minha falta. — Ele sorriu alegremente, mostrando um leve charme infantil para complementar sua masculinidade dura.

Eu ri, sabendo que sentiria falta dele - só um pouco.

— E se eu fugir?

— Você não vai. — Sua confiança não perdeu o ritmo.

— Como tem tanta certeza disso?

— Você vive em uma bela mansão com qualquer coisa que possa desejar e você tem um homem sexy para dormir com você todas as noites. Para onde exatamente você vai?

Se eu não tivesse alguém tão importante na minha vida, provavelmente ficaria.

— Você tem um bom argumento.

Ele beijou meu ombro de novo, passando seus dedos pelo meu braço.

— Eu mudei o sistema de segurança. É ativado por minha impressão digital agora. Então, a menos que você corte meu dedo, você não tem chance.

Eu sabia que ele não seria estúpido o suficiente para confiar em mim completamente.

— A propósito, você provavelmente não deveria estar na piscina com um corte desses.

Dei de ombros.

— Já passei por coisas piores.

Ele me lançou um olhar afetuoso, como se me admirasse.

— Estou impressionado que você cortou aquele rastreador do seu tornozelo. Precisou ter bolas.

— Eu não tenho bolas, então foi preciso coragem.

— Sim. — Ele sorriu. — Coragem. Muita dela.

— Doeu pra cacete.

— Se você não tivesse cuidado, isso poderia ter sido ruim.

— A adrenalina superou o medo. — Tomei um gole da minha bebida. — Como você sabia que eu iria escapar naquela noite de qualquer maneira?

— Se o rastreador se desvia da temperatura corporal média, recebo uma notificação. No segundo em que você arrancou aquela coisa do seu corpo, eu soube. E meus carros são projetados com um sistema de segurança específico, então ele só liga com minha impressão digital. Você não pode nem fazer uma ligação direta.

Eu nunca tive uma chance. A única possibilidade de sair dali era matá-lo.

Ele observou minha reação.

— Desculpe, querida. Eu me sinto mal por deixar você pensar que realmente teve uma chance.

— Mesmo se eu soubesse o contrário, ainda teria tentado.

Sua afeição apenas se aprofundou.

— Eu sei. Por alguma razão, eu te admiro mais.

Carter era um cara normal na vida, não um psicopata como Egor. Quando ele fez comentários como esse, pude ver a bondade por trás de seus olhos. Ele mostrou afeição em vez de ódio, deu carícias sensuais em vez de tapas no rosto. Nunca foi violento comigo. Ele me deteve quando foi necessário, mas isso foi apenas para me manter sob controle.

— Então por que você não me deixa ir?

Instantaneamente, a ternura em seus olhos evaporou. Ele quebrou o contato visual, suspirou e a companhia confortável se foi. Como se estivesse irritado com a pergunta, ele se afastou de mim.

— Você já pensou em me deixar ir e, você sabe, me convidar para um encontro? Você sabe que eu diria sim. — Observei sua expressão, embora ele não encontrasse meu olhar. Essa era a parte do nosso relacionamento que eu ainda não entendia. Se ele não possuía o tipo de crueldade que Egor possuía, por que não me deixou ir? Ele continuou a me manter, mesmo que não fizesse sentido.

— Vou levar para jantar fora, se é isso que você quer.

— Se você me pegar na minha casa e me deixar quando terminarmos.

Esfregou a nuca, deixando gotas de água nos cabelos.

— Carter.

Ele não olhou para mim.

— Carter. — Agarrei seu queixo e dei um beijo em seus lábios. Instantaneamente, ele suavizou. Ele respirou fundo quando me sentiu, os músculos de seu pescoço relaxaram quando ele se virou na minha direção. Ele não cedeu ao meu comando, mas cedeu à minha afeição. Eu me afastei, meus dedos ainda em seu queixo duro.

— Você não é este homem. Nós dois sabemos que você não é. Me deixar ir não é sinal de fraqueza. Me deixar ir e deitar como uma mulher livre é muito mais impressionante.

Ele olhou para mim, seus olhos sem piscar.

— Você ainda gostaria de me ver?

Antes de dormir com ele, minha resposta seria não. Mas como o sexo era tão bom e nossa química tão quente, eu sabia que gostaria de continuar a vê-

lo. Sabia que ele era gentil e compassivo, não era uma ameaça para mim. Eu poderia perdoar tudo no passado se ele me desse um novo futuro.

— Sim.

Ele me olhou, procurando a sinceridade de minhas palavras.

— Você sabe que não estou mentindo, Carter. — Minha mão correu por seu antebraço musculoso. — Eu duvido que queira ver você para sempre. Duvido que queira que você seja meu namorado ou marido. Mas eu não me importaria de ficar por um tempo. — Isso era exatamente o que ele queria de qualquer maneira, apenas sexo quente sem amarras. — Então, não há razão para me manter. Você pode ter o que quiser - e eu posso ter o que quiser. — Eu esperava dizer a coisa certa para fazê-lo mudar de ideia, para perceber que me manter como prisioneira não era mais do seu interesse.

Devo ter dito a coisa errada, porque ele se afastou do flutuador e subiu de volta as escadas. Sua bunda nua estava em forma e apertada, o resto do corpo se movia como pedra viva.

— Vou fazer o jantar hoje à noite. — Ele agarrou a toalha da cadeira e se enxugou antes de entrar em casa.

Continuei a flutuar na piscina agora que ele não estava mais me mantendo centrada. Ele disse que me comprou para irritar outra pessoa, mas já havia realizado o que se propôs a fazer. Qual foi a razão pela qual ele continuou a me manter?

Eu sabia que estava faltando um pedaço da história. Eu só não sabia o que era.

CAPÍTULO 9

Carter

Desliguei o telefone e voltei para a sala de jantar onde Mia estava sentada. Fiz salmão e arroz para o jantar, algo leve depois de toda a bebida que ingeri naquele dia. Não tínhamos falado muito um com o outro desde que ela me pediu para deixá-la ir.

Eu não sabia o que dizer, então não disse nada. Não queria continuar mentindo para ela.

Do ponto de vista dela, não havia mais razão para eu mantê-la como prisioneira. O sexo era consensual e ela disse que continuaria dormindo comigo se eu a deixasse ir. Eu sabia que ela falava sério. Não foi apenas um truque para escapar.

Então, eu não tinha motivo para mantê-la.

Agora que sabia o que Egor fazia com ela, odiava o bastardo ainda mais. Nunca me importei com os maus-tratos de Mia porque tentei propositalmente não me conectar com ela. Evitei perguntas pessoais. Foi inteligente não me apegar a ela para que eu pudesse entregá-la àquele demônio sem me sentir culpado por isso. Mas no segundo em que trepamos, tudo saiu pela janela.

Ela veio até mim.

Ela me beijou. Me fodeu. Veio por mim.

O apego que tentei evitar já havia acontecido. Egor tirou sua capacidade de ter filhos... O que era tão desprezível, eu queria matá-lo. Era pior do que estupro e tortura. Foi simplesmente cruel.

Agora eu tinha que devolvê-la a ele... Em apenas alguns dias. Porra.

Ela ficava me pedindo para soltá-la e, se continuasse assim, poderia descobrir o verdadeiro motivo pelo qual não o fiz.

Não poderia deixar isso acontecer.

Mas eu poderia realmente devolver essa mulher à vida cruel da qual ela acabara de escapar?

Havia muito dinheiro na mesa, dinheiro que eu já havia recolhido. Se desistisse do negócio e devolvesse o dinheiro, haveria derramamento de sangue. Egor nunca aceitaria essa traição. Ele viria atrás de mim e de minha família inteira.

Eu não tinha mais escolha.

Tentaria aproveitar os últimos dias que teria com ela, transando com ela e fazendo-a se sentir bem, antes de devolvê-la ao mestre que nunca a deixaria ir. Agora que estava dormindo com ela, entendi a obsessão de Egor.

Ela era magnífica.

— Você está bem? — A bela voz de Mia interrompeu meus pensamentos.

Meu olhar mudou para seu rosto, seus lindos olhos cor de café e seus lábios carnudos. Com longos cabelos castanhos e um corpo curvilíneo, ela era uma fantasia. Ela merecia estar com um homem que a protegeria do mundo, que a colocaria em um pedestal e a adoraria. Ela era boa demais para aquele idiota.

— Sim.

— Seu rosto está pálido. — Seus olhos mudaram ligeiramente para frente e para trás enquanto ela olhava para mim.

Porque eu era uma pessoa terrível. Comprei mulheres do Underground e as devolvi à segurança. É por isso que não me senti mal em lucrar com a troca - porque estava fazendo uma coisa boa.

Mas agora, eu estava fazendo uma coisa ruim.

Não sabia o contexto da situação quando concordei em fazer o negócio, mas isso não mudou nada. Eu estava mandando essa mulher de volta para uma vida de horror. Ela acabaria morrendo em seu cativeiro... Ou tiraria a própria vida.

E, infelizmente, eu estava começando a me preocupar com ela. Droga.

— Era o médico. Ambos estamos limpos.

— Oh. — Ela bebeu sua taça de vinho. — Não me surpreende...

Eu deveria estar duro com a ideia de transar com ela naquela noite sem camisinha, mas não estava. Me sentia muito culpado pelo que estava prestes a fazer. Mia nem esperava. Colocaria uma seringa em seu pescoço e a colocaria para dormir antes de fazer a troca. Ela não teria ideia do que aconteceu até que acordasse com Egor ao lado dela. Ele continuaria de onde parou e ela saberia que devolvê-la fazia parte do meu plano o tempo todo.

E ela iria me odiar.

Eu tinha feito coisas terríveis com ela antes, mas ela me perdoou. Ela viu o que há de bom em mim, apesar da situação ruim. Eu segurei um chicote na minha mão e a acorrentei à cama, mas ela tinha o poder de me convencer do contrário. E ela ainda queria dormir comigo de qualquer maneira. Ela me aceitou por quem eu era... E meu dinheiro não pareceu impressioná-la.

Ela ainda queria ir embora.

Ela queria ser livre... Mas continuar dormindo comigo. Isso significava que ela não queria nada de mim... Só eu.

— Achei que você ficaria feliz com isso. — ela sussurrou.

— E estou. Eu só tenho outras coisas na minha cabeça.

Depois que ela lavou a louça, subimos para o meu quarto. Ela imediatamente assumiu que compartilharia minha cama comigo em um futuro próximo, e estava certa. Eu queria transar com ela antes de dormir. Então, queria transar com ela novamente no segundo em que abrisse meus olhos pela manhã.

Quando ela entrou no quarto, viu a lingerie preto em cima da cama. Preto, rendado e sexy, era a peça de roupa perfeita para colocar naquele lindo corpo. Ela olhou para a cama antes de se virar para mim, uma pergunta em seus olhos.

Eu me senti um idiota por pedir a ela para fazer qualquer coisa, não quando eu iria traí-la em alguns dias. Se ela soubesse quais eram minhas verdadeiras intenções, ela não iria parar até que me matasse. Mas como me viu como inofensivo, sua guarda baixou. Uma parte dela provavelmente acreditava que eu iria deixá-la ir eventualmente, assim como mudei de ideia sobre chicotá-la.

Ela não poderia estar mais errada.

Pegou o fio dental preto e segurou-o entre as pontas dos dedos.

— Você quer que eu coloque isso?

Segurei seu olhar, de pé em minha calça de moletom perto do pé da cama. Isso estava errado em muitos níveis. Agora eu a estava vestindo para o meu desejo. Ela queria ser o destinatário dos meus beijos e estocadas... Mas não se ela soubesse a verdade.

— Sim.

— E isto? — Ela pegou o sutiã transparente.

Só de imaginar ela vestindo isso me excitou.

— Sim. — Sem protestar, ela entrou no meu banheiro e se trocou.

Deixei cair minha boxer e calça de moletom, meu pau já duro pensando em como ela ficaria. Deitei na cama com os cotovelos apoiando o corpo. Meu pau duro estava contra meu estômago, ansioso para sentir sua boceta nua me cercar. Pele com pele, eu seria capaz de sentir sua carne quente e macia. Seria capaz de senti-la me apertar ainda mais forte. Seria capaz de soltar meu gozo dentro dela, onde ficaria até de manhã.

Gemi para mim mesmo porque estava com tesão pra caralho. Toda a culpa que senti foi abafada pela dureza do meu pau. Assim como todos os outros idiotas do planeta, parei de me preocupar com a moral do segundo sexo. Agora que eu estava prestes a transar, não me importava se estava ferrando com ela.

Eu só me preocupava em transar com ela.

Ela saiu do banheiro, a lingerie se encaixando perfeitamente em sua silhueta. Ela arrumou o cabelo com a ponta dos dedos, fazendo-o emoldurar o rosto e os ombros. O sutiã empurrava seus seios rechonchudos, suas longas pernas se moviam graciosamente pelo chão. A cor escura era sexy contra sua pele perfeita. Seus olhos castanhos estavam em mim, observando minha reação a ela.

— Jesus Cristo. — Eu amava uma mulher de lingerie, mas não assim.

Ela se arrastou para a cama, apoiada nas mãos e nos joelhos. Seus seios preencheram o sutiã e ela arqueou as costas enquanto se movia. Seus olhos estavam voltados para mim ao se aproximar, o desejo mútuo em seu olhar.

Ela me queria tanto quanto eu a queria.

Se moveu para cima de mim e montou em meus quadris, seu cabelo arrastando contra meu peito enquanto ela posicionava seu rosto sobre o meu.

Eu assisti essa linda mulher sentar em mim, seus seios prestes a cair e suas coxas sexy separando-se sobre meus quadris. Ela olhou para meus lábios

enquanto se inclinava para colocar sua boca sobre a minha. Meu pau se contraiu contra sua calcinha antes de eu sentir seus lábios.

Porra.

No segundo em que nossas bocas se juntaram, minha mão cavou em seu cabelo e eu a beijei com força. Meus lábios doíam por algo mais profundo, algo mais intenso. Minha língua disparou em sua boca imediatamente, me apertei contra ela, meu pau ansioso para sentir a excitação que estava vazando de entre suas pernas naquele momento. Se ela estivesse tão molhada como ontem à noite, meu pau ficaria muito feliz.

Meus dedos cravaram em sua calcinha e esfreguei seu clitóris, as pontas dos meus dedos ficando encharcadas com a maciez imediatamente. Esqueci de respirar por um segundo, meu corpo parando de excitação. Como se eu fosse um adolescente que valorizava cada momento de atividade sexual, isso parecia novo. Toquei sua boceta como se fosse a primeira vez que tivesse feito isso. Algo sobre essa mulher me fez sentir novo, como se esta fosse a primeira vez que sexo realmente importava. Meus dedos deslizaram em sua fenda e eu a explorei, sentindo-a gemer contra minha boca.

— Molhada pra caralho. — Usei dois dedos para me mover dentro dela, para sentir sua boceta apertada enquanto se preparava para meu pau grande. Estar dentro dela era o paraíso, fossem meus dedos ou meu pau.

Seus dedos cravaram em meu cabelo enquanto ela continuava me beijando, seus beijos se tornando tão carnis quanto os meus. Quando ela estava comigo, ela não pensava em mais ninguém. Ela não pensou nas coisas horríveis que Egor fez com ela. Quando nossos corpos se moviam juntos, não havia mais ninguém.

Éramos apenas nós.

Eu adoraria vê-la montando meu pau, mas eu estava tão ansioso para transar com ela que ansiava pelo controle. A rolei de costas e tirei a calcinha

molhada por suas pernas. Ela mal a usou por quinze minutos antes que a renda ficasse encharcada com sua excitação. Mia abriu as pernas para mim no segundo em que o material foi retirado, suas mãos subindo pelas minhas costas ao mesmo tempo. Com os lábios entreabertos e a respiração pesada, estava pronta para me receber, ainda mais ansiosa do que na noite passada ou esta manhã.

Desta vez, não fui gentil. Empurrei minha cabeça inchada em sua entrada e dei uma forte estocada, deslizando para dentro dela instantaneamente.

— Jesus, porra, Cristo!

— Oh Deus...

Eu descansei meu rosto contra o dela enquanto me acostumava com a sensação entre suas pernas, a umidade e a tensão. Isso me deixou louco, tornou impossível pensar direito. Foi tão bom... Tão bom.

— Carter. — Ela agarrou minhas costas enquanto ficamos deitados juntos, nos acostumando com a sensação de nossos corpos combinados. Ela estava incrivelmente molhada e eu estava mais duro do que nunca em toda a minha vida.

— Porra. — Nem tinha começado a me mover ainda e estava prestes a explodir. A ideia de encher sua boceta com meu gozo era demais para sequer pensar. Eu tinha fodido mulheres sem camisinha antes, mas havia algo sobre sua boceta que fez um número no meu pau.

Ela segurou minha nuca enquanto olhava nos meus olhos.

— Você me faz tão bem...

Meu olhar estava preso no dela, meu pau distendendo-a. Nunca tinha visto uma mulher mais bonita debaixo de mim, uma mulher tão apaixonada e erótica. Ela não deveria sucumbir a esse desejo, não da mesma forma que eu. Ela merecia melhor, merecia alguém melhor do que eu. Mas a química inata entre nós ditava nosso comportamento, controlava nossas reações mútuas.

Nenhum de nós poderia lutar contra isso; nós dois estávamos tão profundamente envolvidos.

Eu nem tinha começado e sabia que não queria parar. Ela também não queria que eu parasse.

— Só consigo pensar em gozar dentro de você. — Eu queria que meu pau explodisse como um foguete, atirando minha semente o mais fundo que pudesse. O instinto era inabalável. Eu queria reivindicá-la como minha da maneira mais animalasca possível. Queria fazer essa boceta exclusivamente minha. A ideia de deixar Egor ter seu corpo me irritava, especialmente quando eu estava bem dentro dela assim. Eu queria foder essa boceta todas as noites e novamente pela manhã. Não queria compartilhar isso com ninguém.

— Eu também... — Ela agarrou meu quadril e me puxou para dentro dela.
— Eu estou quase lá...

— Nem comecei, querida.

— Eu sei. — Ela apertou suas coxas em volta da minha cintura. — Eu não posso evitar...

Eu a observei fechar os olhos e a senti cravar as unhas em mim com mais força, lutando contra a explosão que estava para acontecer entre suas pernas.

— Parece que você tem um novo recorde.

Eu normalmente riria, mas estava muito envolvido neste momento. Dei três estocadas, movendo-me lentamente e esfregando contra seu clitóris cada vez que a tocava. De alguma forma, eu podia sentir seu clímax iminente entre suas pernas e ela podia sentir as minhas. Estávamos nos movendo o mais devagar possível, mas apenas o suficiente para nós dois sairmos.

— Pronto... — Ela respirou contra minha boca enquanto segurava minhas bochechas, gozando apenas com a sensação do meu pau dentro dela. Nunca fiz uma mulher gozar tão rapidamente e sabia que isso não acontecia agora por causa de minhas habilidades. Ela queria gozar antes mesmo de eu entrar.

Ela ficou excitada no segundo em que vestiu a lingerie. E quando ela sentiu minha dureza dentro dela, isso foi tudo que ela precisava. A excitei de uma maneira especial, a fiz sentir excitação de uma maneira totalmente nova.

Sua boceta apertou em torno do meu pau quando ela gozou, gemendo na minha cara quando o desejo a levou ao orgasmo.

— Carter, dê para mim...

Eu já estava me segurando o melhor que podia e, assim que tive sua permissão, toda a luta deixou meu corpo. Gemi em seu rosto enquanto a enchia, despejando toda a minha semente em sua boceta em vez da ponta de um preservativo. Todos os músculos do meu corpo queimavam com o esforço, mantive meu pau bem dentro dela para que ela recebesse até a última gota. Hoje à noite, eu daria tanto a ela, que não poderia ficar com tudo. E nos últimos dias em que ela estava em meu cativeiro, sempre estaria cheia de meu gozo.

Até que eu tivesse que devolvê-la.

Era no meio do dia quando meu pai ligou.

Eu estava sentado no meu escritório, dando um pouco de privacidade a minha prisioneira.

Nem tinha certeza se deveria chamá-la mais assim. Ela parecia uma colega de quarto sexy com quem eu estava constantemente transando. Quando eu namorava mulheres, às vezes elas ficavam na minha casa no fim de semana, mas a estadia nunca durava mais do que isso.

Mia estava lá há um mês inteiro.

Do dia em que ela chegou até o momento presente, nosso relacionamento mudou drasticamente.

Era difícil acreditar que eu a tinha acorrentado em uma sala para começar.

Limpei minha garganta.

— Ei. — Tenho evitado falar com minha família por algumas semanas. Apenas Conway sabia da minha situação. Já que ele era tão leal a mim, ele levaria o segredo para o túmulo. Mas me senti estranho ao conversar com minha família, especialmente meus pais. Meu pai era um homem muito franco, falando o que pensava com tanta franqueza que as pessoas pensavam que ele era um idiota na maioria das vezes.

Bem, ele era um idiota.

— Ei? — ele perguntou. — Não nos falamos há duas semanas e isso é tudo que você tem a me dizer?

— Oi? — Perguntei sarcasticamente. — Isto é melhor?

— Mesma merda, palavra diferente.

— Tudo bem, o que você quer que eu diga?

— Eu não sei. — ele retrucou. — Mas muito mais do que isso. — Ele se tornava agressivo quando estava emocional. Ele não era bom com as palavras e era ainda pior com os sentimentos. A resposta o transformou em um idiota... Ainda mais. Eu não tinha entendido tudo isso até minha mãe me explicar.

— Bem. Como você está?

— Muito chateado já que não nos falamos por duas semanas.

Revirei meus olhos.

— Estamos conversando agora.

— Não te vejo há quase um mês. Sei que você é um figurão com seus carros e essas merdas, mas não se esqueça de onde você vem.

Se eu pudesse contar a ele o verdadeiro motivo de minha ausência.

— Vou terminar este projeto em alguns dias. Então, serei todo seu.

— Isso é mais parecido.

— Vou fazer uma viagem até lá. Sapphire vai ter o bebê logo, de qualquer maneira. Vou ajudar na vinícola, ver a mamãe um pouco e ver o que Carmen está fazendo sem mim. Vou ficar por uma semana.

— Duas.

Tentei não sorrir.

— Uma semana e meia.

— Duas e meia. — Tudo o que meu pai queria era passar um tempo comigo. Conway tinha estado muito por perto, então provavelmente estava com ciúmes por não estar passando tanto tempo com seu próprio filho.

— Duas.

A vitória em sua voz era óbvia.

— Duas, é isso. Mal posso esperar para ver você. Sua mãe e eu sentimos sua falta.

— Eu sei. Também sinto saudade.

— Talvez você devesse pensar em se mudar para Florença. Conway e Sapphire estão fazendo isso. Você trabalha muito em casa e pode simplesmente voar até lá quando precisar. Faz sentido para mim... — Meu pai faria qualquer coisa para me levar de volta a Toscana. Carmen ainda estava lá, mas isso não era suficiente para ele. Ele queria nós dois.

Não ter Conway por perto já havia me afetado. Eu costumava vê-lo o tempo todo, mas agora que ele era casado e morava a cinco horas de distância, sentia sua falta. Ele era meu amigo mais próximo, não apenas meu primo.

— Vou pensar sobre isso.

— Excelente. Sua mãe ficaria muito feliz se ela pudesse vê-lo com mais frequência. E lembre-se...

— Você nem sempre estará por perto. — Ele disse a mesma coisa para mim o tempo todo, durante a última década. — Sim, eu sei. Eu disse que iria pensar sobre isso.

Meu pai finalmente desistiu, sabendo que havia defendido seu ponto de vista. Agora ele só tinha esperança de que eu levasse suas palavras a sério e me mudasse para lá. Era o último Barsetti que não morava naquela região. Estar isolado do rebanho nunca me incomodou porque Conway estava aqui, mas sem ele como vizinho, eu realmente me sentia separado da minha família. Pensaria nisso com mais seriedade quando tivesse tempo. Agora, eu ainda tinha Mia para lidar.

— Mais alguma coisa nova?

— Na verdade, é por isso que estou ligando. Bem, o principal motivo. — Seu tom mudou, reduzindo-se a uma frieza séria. — Seu tio e eu conversamos com Griffin.

Cheguei a aceitar que Griffin fazia parte de nossas vidas agora, por mais estranho que parecesse.

— Sim?

— Este problema com os Skulls Kings ainda não foi enterrado, então Griffin e seu tio vão fazer uma viagem para o Underground para ter uma conversa.

Eu me endireitei na cadeira, os músculos que abraçavam minha espinha se contraindo.

— Matamos os homens que eles contrataram para matar Conway, mas não temos como saber se a guerra realmente acabou. Em vez de correr esse risco, queremos enterrá-lo. Crow se encontrará com eles para estabelecer a paz, para apresentar-lhes uma oferta para fazê-los esquecer de nós.

— O que Griffin tem a ver com isso? — Conway e eu é que começamos essa bagunça. Não parecia certo que meu tio tivesse que cuidar disso.

— Ele tem uma relação estreita com eles. — explicou. — Eles o contrataram para trabalhar no passado. Griffin também conhece muitas pessoas, muitos homens do Underground. Ele fez favores em troca de lealdade em vez de dinheiro. É o mais intocável possível. Ele se ofereceu para intervir porque isso dá a Barsettis muita credibilidade.

Griffin era a razão de eu ainda ter todos os membros da minha família. Ele havia conseguido derrubar todos os inimigos que os cercavam. Meu pai e meu tio eram os homens mais fortes que conheci, mas Griffin era feito de outra coisa.

— Eu deveria ir também. Sou responsável por tudo isso...

— Não. — O tom frio de meu pai me silenciou instantaneamente. — Crow e eu já conversamos sobre isso. Não há espaço para negociação.

— Pai, Conway e eu somos adultos...

— Que foram estúpidos o suficiente para se envolver nisso. — ele retrucou. — Agora seus pais estão limpando sua bagunça.

— Nós nunca pedimos para vocês...

— Seja grato por não ter que pedir. Seja grato por seus pais estarem dispostos a sacrificar a vida por vocês. Seja grato que faríamos qualquer coisa por vocês, até mesmo entrar na cova dos monstros e arriscar nossos pescoços.

Olhei para minha mesa, vendo a pilha de contas e documentos que precisavam ser resolvidos. Fui apenas repreendido por meu pai e, por mais que isso me irritasse, eu sabia que merecia.

— E quanto ao dinheiro?

— Podemos falar sobre isso mais tarde. Não é importante agora.

Se tivéssemos que pagar aos Skulls Kings pelo lucro que obtivemos, isso deveria sair de nossos bolsos, não dos de Crow.

— Quando isso estará acontecendo?

— Assim que Griffin voltar de sua missão.

— Ele ainda está fazendo isso? — perguntei incrédulo.

— Ele está desistindo. Ele só precisa terminar mais dois antes de terminar.

Eu sabia que Crow não estava feliz com isso. Ele queria uma vida simples e pacífica. Griffin não estava se encaixando na conta agora.

— Avise-me se houver algo que eu possa fazer. — provavelmente deveria contar a ele sobre Mia, mas se ela estava indo embora antes mesmo do negócio ser fechado, não vi por que isso importava.

— Você sabe o que pode fazer? — ele perguntou friamente. — Aprenda a sua lição.

— Aprendi. — Mais do que ele poderia entender. A mulher que eu estava mantendo cativa era na verdade um ser humano excepcional, alguém que merecia coisa melhor do que o destino que ela seria forçada a aceitar. Eu era ignorante e me coloquei em uma situação ruim, cego pela ganância que o dinheiro instilou em mim.

Eu definitivamente aprendi minha lição.

CAPÍTULO 10

Mia

Carter sentou ao meu lado no sofá com o braço em volta dos meus ombros. Minhas pernas foram puxadas sobre suas coxas e nós nos aninhamos no sofá como um casal curtindo sua noite juntos. Sua mão descansou na minha coxa e seu peito nu subia e descia suavemente com sua respiração regular. Em vez de se concentrar na TV, ele olhava para mim de vez em quando.

Parecia tão normal.

Não parecia mais um prisioneira. Parecia que eu era apenas uma mulher com seu homem. Já havíamos trepado no sofá e agora estávamos apenas curtindo a companhia um do outro. Ele bebeu seu scotch enquanto eu bebia meu vinho. Puxei minha calcinha de volta para que seu gozo não escorresse pelas minhas coxas e no tecido de seu sofá.

Se eu não tivesse uma vida para a qual voltar, eu realmente gostaria de ficar lá.

Minha vida tinha sido estressante desde que eu era jovem. Muitas decisões estúpidas me colocaram em situações ruins. Cada dia era uma luta e eu sempre trabalhava para ter uma vida melhor. Ser uma convidada na casa de Carter me mostrou uma vida luxuosa que eu nunca imaginei. Não existia estresse, não quando um homem como ele cuidava de mim.

Mas não importava o quanto eu amava estar lá. Não poderia se comparar com a vida que esperava por mim.

O verdadeiro lugar onde eu pertencia.

Seu telefone vibrou em seu bolso e ele o pegou para ver o nome na tela.

Desde que entrei em seu cativeiro, sempre busquei uma oportunidade de escapar, de obter mais conhecimento sobre Carter e seu comportamento. Então, naturalmente, olhei para a tela, embora não esperasse ver nada relevante.

Mas o nome na tela era muito relevante. *Egor*.

Carter imediatamente reposicionou o telefone em sua mão para esconder de mim.

— Eu tenho que atender isso, querida. — deixou o sofá e subiu as escadas, sua calça de moletom preta pendurada baixa em seus quadris.

Isso foi uma coincidência?

Quais eram as chances de ele entrar em contato com o mesmo Egor?

Parecia improvável, mas isso não afastou o medo que se instalou em meu coração. Carter e eu tínhamos acabado de passar uma noite de paz e tranquilidade, mas tudo isso desapareceu no segundo em que o telefone tocou. Meu corpo ficou pesado de terror e meu coração batia forte com as palpitações.

Não poderia ser o mesmo Egor. Simplesmente não podia.

A única maneira de descobrir seria perguntando a ele ou espionando-o. Se fosse realmente o mesmo Egor, Carter provavelmente mentiria sobre isso. Toda essa situação era uma mentira. A única maneira verdadeira de obter minha resposta era bisbilhotar, ouvir a conversa eu mesmo.

Saltei do sofá e corri pelo tapete até chegar ao chão de madeira na frente da escada. Tive cuidado com meus passos, fazendo-os ficarem quietos enquanto subia para o próximo andar o mais rápido possível. Quando meus pés atingiram o tapete no corredor, me movi rapidamente novamente, o som

abafado pela espessura do tapete. Parei em frente à porta de seu escritório, que estava fechada. Sua voz foi imediatamente audível.

— Sexta-feira, então? — A voz profunda de Carter estava calma como sempre, quase indiferente. Ele ficou quieto enquanto ouvia a pessoa na linha. Quando falou novamente, foi quase um minuto depois. — Sim, vou trazê-la. Faremos a troca na fronteira.

Meu coração caiu no estômago como uma pedra pesada. Ele nunca disse meu nome, mas suas palavras foram todas as evidências de que eu precisava. Carter trabalhava para Egor e estava me trazendo de volta para ele como planejou.

Tudo tinha sido mentira.

Carter nunca me comprou para si mesmo.

Eu fugi de Egor, me jogando nos braços de homens mais cruéis na esperança de conseguir fugir. Mas é claro que Egor me localizou, mandou outra pessoa me comprar e agora eu estava voltando para ele.

Como pude ser tão estúpida?

Entrei em pânico na frente da porta, a transpiração imediatamente marcando minha testa e palmas. A adrenalina era tão intensa que tirou a energia de mim. Eu me senti fraca nos joelhos, senti minhas pontas dos dedos ficarem dormentes e perdi todas as sensações

Em meus lábios. Não conseguia sentir nada, mas também sentia uma dor insuportável.

Eu pensei que Carter era um bom homem... Mas eu estava tão errada. Tão fodidamente errada.

Ele mentia para mim todos os dias, inventando desculpas para o motivo de estar me mantendo. Estava apenas cuidando de mim até Egor voltar de uma

de suas complicadas viagens de negócios. Agora ele estava de volta ao país e pronto para me reivindicar.

Eu não podia acreditar que dormi com Carter.

Eu não conseguia acreditar o quão estúpida eu era.

Carter deve ter encerrado a conversa porque nada mais foi dito. Seus passos eram audíveis do outro lado da porta enquanto ele se aproximava do corredor.

Uma parte de mim queria ficar ali e confrontá-lo, gritar com ele por essa terrível traição. Mas então lembrei que minhas palavras não importariam porque Carter não dava a mínima para mim. Ele mentia para mim todos os dias. O tempo para conversa acabou. Eu sabia o que tinha que fazer.

Eu tinha que matá-lo.

Essa era a única maneira de sair deste pesadelo.

Eu o mataria, usaria seu polegar para destravar o sistema de segurança e então o usaria novamente para ligar um de seus carros.

Então, daria o fora de lá e desapareceria. Corri pelo corredor sem me preocupar com os sons altos que estava fazendo. Peguei as escadas rapidamente e depois fui para a cozinha. As facas estavam no balcão, então agarrei a maior que consegui encontrar, agarrei o cabo com a maior força possível e me preparei para massacrar meu captor.

Mesmo sem arma, ele era um adversário sério. Maior e mais forte do que eu, ele seria capaz de me derrubar se eu fizesse o movimento errado. Tinha que cortá-lo na garganta ou apunhalá-lo no coração. Meus movimentos tinham que ser precisos. O único pensamento reconfortante que tive foi minha invencibilidade. Independentemente do que eu fizesse, ele não me mataria.

Egor me queria viva.

Saí da cozinha e o localizei na parte inferior da escada. Com a faca na mão, estava preparada para cortar aquela linda pele até que ele sangrasse e morresse no elegante tapete turco. Ele tinha sido um homem de quem eu gostava, alguém de quem até gostava, mas agora, ele era apenas meu inimigo. Eu deveria ter matado ele durante o sono quando tive a chance.

Eu não cometeria esse erro novamente.

Ele desviou o olhar do sofá, onde estava procurando por mim. No instante em que seus olhos pousaram em mim, vendo a grande faca em minha mão, ele soube exatamente o que havia acontecido. Ele viu a raiva em meus olhos, a intenção de homicídio. Olhou para a faca por um momento, sem mostrar um pinga de medo, embora ele fosse o único desarmado. Quando ele ergueu seu olhar para encontrar o meu, o mesmo olhar de calma estava estabelecido lá.

— Querida, eu não quero machucar você.

Segurei a faca com mais força, querendo arrancar seu coração e ver a luz deixar seus olhos.

— Você não pode me machucar quando estiver morto.

Ele se aproximou de mim, seus braços grossos permanecendo ao seu lado. Todos os músculos de seu corpo estavam tensos em preparação para a luta que se seguiria, mas suas belas feições permaneceram tão estoicas como sempre.

— Mesmo se você me cortar, não vai me atrasar. E é mais provável que você corte sua mão no processo. — Seus olhos castanhos se estreitaram em hostilidade. — Então, apenas abaixe a faca, querida. Falo sério quando digo que não quero machucar você.

— É isso que você tem a dizer? — perguntei friamente. — Espera que eu acredite nisso? Você mentiu para mim esse tempo todo. Achei que você fosse um cara legal, mas agora sei que você é a cadela do Egor.

Seus olhos se estreitaram ainda mais quando suas mãos se apertaram em punhos.

— Tenha cuidado, querida.

— Eu vou. — assobiei. — A única maneira de sair daqui é matando você. E eu não vou parar até...

Ele me atacou. Seu físico magro, mas dilacerado, veio em minha direção mais rápido do que uma bala. Seus pés pesados batiam no chão de madeira enquanto ele se movia com um impulso formidável.

Eu mal tive um segundo para reagir.

Segurei a faca e o cortei, mas minha lâmina só atingiu o ar. Apontei a lâmina bem em seu coração, pronta para reclamar sua vida. Eu estava preparada para fazer o maior sacrifício por minha liberdade, tirando a vida de alguém.

Mas perdi.

Carter se moveu com velocidade furtiva. Ele agarrou meu pulso, bateu com força no joelho e me forçou a deixar cair a lâmina no chão.

— Não!

Ele chutou para longe, em seguida, prendeu minhas duas mãos atrás das costas com uma das dele. Sem a mesma gentileza que ele me mostrou antes, ele me empurrou contra a parede e pressionou seu peito em meu corpo, mantendo-me ancorada no lugar.

Assim como da última vez que ele me prendeu, eu mal conseguia me mover.

Estava completamente à sua mercê.

Ele respirava pesadamente em meu ouvido, suas mãos enormes eram tão fortes que eu não conseguia nem piscar.

— Você nunca teve uma chance, querida.

— Vou ter outra chance. — Minha bochecha estava pressionada contra a parede e eu senti sua ereção através de seu moletom. Minha perda o alimentou de várias maneiras. — Eu não vou voltar para ele. Nunca vou parar de tentar matar você, idiota.

Ele agarrou minha nuca, me mantendo no lugar com tanta facilidade.

— Lamento que você tenha descoberto dessa forma.

— E eu sinto muito por dormir com você. Sinto muito por pensar que você era um bom homem. Você não é melhor do que ele...

Ele manteve sua boca pressionada no meu ouvido.

— Você não sabe a história completa, querida.

— Eu não me importo com a história completa. — tentei resistir a ele com meus quadris, para pegá-lo desprevenido com minhas palavras. — Eu te odeio, Carter. Você não pode me mandar de volta para aquele monstro. Você não tem ideia de que tipo de merda ele faz comigo.

Ele pressionou sua testa na minha nuca. Um suspiro silencioso escapou de sua boca.

— Confie em mim quando digo que não gosto disso.

— Se você quisesse dizer isso, me deixaria ir.

— Não é tão simples assim. Minhas mãos estão atadas.

— Não. — sibilei, resistindo contra ele novamente. — *Minhas* mãos estão amarradas.

Suas mãos afrouxaram em meus pulsos e ele me forçou a virar. Pressionando minhas costas contra a parede com as mãos presas ao meu lado, ele olhou para o meu rosto. Com uma mandíbula cerrada e olhos cheios de remorso, ele não parecia o monstro que acabara de revelar ser.

— Eu odeio isso, querida. Mas preciso fazer isso.

— Não, você não precisa. Você me deixaria ir se quisesse. — Ele apertou sua mandíbula.

— Eu não posso.

— Você pode fazer qualquer coisa, Carter. Se você realmente se importa comigo, faça a coisa certa. Seja um bom homem. — Um leve choque de esperança se moveu em meu coração quando vi a tristeza em seus olhos. Seus sentimentos pareciam sinceros, como se ele não gostasse da situação em que estávamos.

— Eu não posso. — Desta vez, sua voz emergiu como um sussurro. — Se eu deixar você ir, Egor virá atrás da minha família. Não posso permitir que isso aconteça. Eles já sofreram o suficiente.

— E você não acha que eu tenho uma família? — sussurrei. — Por que sua vida é mais importante do que a minha?

— Eu nunca disse que era. Mas a vida da minha família é mais importante para mim do que a sua. — Ele inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, seus olhos se estreitando de dor. — Tenho que escolher e eu tenho que escolher eles. Quando comprei você, não tinha ideia no que estava me metendo.

Escutei cada palavra, querendo uma explicação para nossa situação. Como Carter se envolveu com Egor em primeiro lugar?

Ele suspirou antes de continuar.

— Meu primo e eu compramos mulheres traficadas do Underground. Fazemos isso há anos. Suas famílias nos pagam para tirá-las dessa situação. Fingimos ser compradores genuínos. Depois que o dinheiro é transferido, nós as mantemos por um tempo para evitar suspeitas e então nós as devolvemos, intocadas por nós, para suas famílias.

Foi tão abnegado e doce que mal pude acreditar no que estava ouvindo.

— O que...?

— Quando Egor me pediu para comprar você, eu já tinha me aposentado do negócio. Minha família e eu decidimos que era muito arriscado. Mas ele me deu uma oferta que não pude recusar, mais dinheiro do que qualquer um já havia me oferecido antes. Ele me disse que era seu irmão... E eu acreditei nele.

Idiota de merda.

— Só quando já estava com você em meu cativeiro que percebi que ele estava mentindo. Ele tinha negócios a tratar, então ele me pediu para ficar com você por um mês antes de entregá-la.

Já fazia quase um mês desde que cheguei aqui. Isso significava que eu só tinha dias restantes.

— Aqui estamos nós agora... — Ele suspirou enquanto olhava para mim, sua mandíbula apertada. — Tentei interagir com você o mínimo possível. Não queria me apegar a você, principalmente porque me senti atraído por você desde o momento em que saltou do meu carro. Você é como um cordeiro prestes a ser abatido... Eu não deveria fazer de você um animal de estimação. Mas é claro que isso não aconteceu. Eu queria uma desculpa para ter você, para mantê-la violenta e não consensual para que não houvesse nenhuma emoção envolvida... Isso não funcionou. Eu queria ser um cara mau pelo menos uma vez, para viver uma fantasia já que a situação era perfeita. Mas eu não pude continuar com isso... E aqui estamos.

Minhas mãos ainda estavam presas à parede com sua força. Mesmo que eu não estivesse lutando contra ele, nunca relaxou seu aperto. Ele sabia que eu faria qualquer coisa para escapar, essa história não mudaria meu objetivo.

— Eu não sou tão mau quanto você pensa que sou. Apenas cometi um erro. — se aproximou de mim, seus lábios perto dos meus. — Nunca teria comprado você se eu soubesse. Deveria ter sido mais inteligente. Deveria ter

sido menos ganancioso. Eu não deveria ter me importado com o dinheiro, especialmente quando nem mesmo preciso dele.

Agora tudo fazia sentido. Ele não me pareceu um cara mau. Eu saberia, já que estava sempre na companhia dos homens mais cruéis do mundo. Seu amor por sua família sugeria que ele tinha empatia e compaixão, e a julgar pelo fato de que ele não me estupraria, isso indicava que ele tinha uma alma sob aquele peito duro.

— Sinto muito, Mia. — Ele me olhou nos olhos quando disse isso. — Eu odeio isso. Me dá náuseas ao devolver você para ele. Você merece mais do que isso. Você merece ser livre... Sempre pensei isso.

Eu podia sentir a sinceridade em seu toque, assim como em suas palavras. Eu podia sentir o remorso, a tristeza avassaladora.

Ele abaixou a cabeça e olhou para o chão por um momento, seus dedos relaxando em torno de meus pulsos.

— Se eu pudesse deixar você ir, eu o faria. Mas Egor é o tipo de homem que não quero contrariar. Minha família está no meio de alguma merda séria com os Skulls Kings. Meu primo quase morreu por causa disso. Se eu provocar Egor, arrastarei minha família para outra guerra... E não podemos lutar em duas frentes. — Ele ergueu o olhar e olhou para mim novamente. — Eu sinto muito. Quero dizer isso do fundo do meu coração.

Eu olhei em seus olhos e de alguma forma encontrei conforto. Sabia que ele estava em guerra consigo mesmo, querendo me proteger, assim como sua família. Ele estava em uma situação difícil e não importava o que decidisse, ele perderia.

Mas eu não deveria me sentir mal por ele, não quando tinha que me preocupar comigo mesma.

— Eu acredito em tudo que você disse... Mas você ainda tem que me deixar ir. Eu sei que você precisa proteger sua família, mas também tenho uma família. Eu não posso voltar para ele. Eu não vou voltar para ele.

Ele soltou meus pulsos, presumindo que eu estava subjugada.

— Não há outra maneira, Mia.

— Eu vou matar você, Carter. — O olhei nos olhos enquanto liberava minha ameaça. — Eu não quero, mas vou. Nada vai me impedir... Não desta vez.

Ele deu um leve aceno de cabeça em compreensão.

— Então terei que acorrentá-la até a hora de ir - não que eu queira fazer isso. Esperava que pudéssemos desfrutar um do outro um pouco mais... Que você pudesse ser feliz por mais um pouco.

— Você acha que estou feliz? — Perguntei friamente.

Seus olhos mudaram para frente e para trás enquanto ele olhava para os meus. Eu nunca disse a Carter a verdade sobre minha vida porque estava com muito medo de que ele usasse contra mim. Mas agora que suas verdadeiras faces foram reveladas, eu sabia exatamente quem ele era.

— Você tem que me deixar ir... Porque eu tenho um filho.

Carter enrijeceu visivelmente com a revelação, seus olhos parando enquanto se focavam em mim. Seus braços descansaram ao lado do corpo, mas seus ombros estavam tensos com a revelação. Ele respirou fundo, como se a informação doesse.

— Ele tem oito anos. Não o vejo há três anos, desde que Egor me capturou. Houve momentos em que eu queria me matar no cativeiro de Egor. A única razão pela qual eu não fiz foi por causa do meu filho... Porque tenho que sobreviver por ele. — Meus olhos lacrimejaram quando me lembrei de meus momentos mais sombrios, quando pensei em me enforcar na minha

própria cela de prisão. A tentação aumentou várias vezes. A morte soou tão doce, soou tão maravilhoso. Meu filho foi a única razão pela qual resisti. — Por favor, me ajude, Carter. Meu filho precisa de mim. Você ama sua mãe... Imagine a vida sem ela. Mesmo sendo um homem adulto, você ainda precisa dela.

Ele abaixou a cabeça, incapaz de olhar para mim.

Agarrei seu queixo e o forcei a olhar para mim.

Ele obedeceu, mas seus olhos ainda estavam cheios de aversão a si mesmo.

— Por favor. — sussurrei.

— Por que você não mencionou isso antes?

— E arriscar você usá-lo contra mim? — questionei. — Egor ameaçou fazer isso o tempo todo, mas nunca fez porque eu sempre cumpri suas exigências.

Ele empurrou minha mão, forçando meus dedos para fora de seu queixo.

— Carter, faça a coisa certa. Meu filho não tem pai. Tudo o que ele tem sou eu. Não quero que ele cresça e se esqueça de mim... — Lágrimas surgiram em meus olhos até que começaram a cair pelo meu rosto. — Eu quero criar meu filho como um homem. Quero ir aos jogos de futebol dele. Quero estar lá todos os dias, para compensar todo o tempo que perdi. Não posso fazer isso a menos que você me ajude. Então, por favor, me ajude.

Ele deu um passo para trás, as mãos movendo-se para os quadris.

— Você sabe que eu a ajudaria se pudesse. Mas se eu te libertar, ele virá atrás de mim e minha família. Minha família é inocente. Não posso envolvê-los nisso.

— E meu filho é inocente. — eu disse. — Eu sou inocente. Você disse que ajudava todas aquelas mulheres... Agora me ajude.

— Não é tão simples assim.

— Não importa. Meu único crime foi estar no lugar errado na hora errada. Egor me viu em um bar e, naquele momento, decidi que eu era dele e nunca me deixaria ir. Eu não tinha poder para detê-lo. Ele colocou uma bolsa na minha cabeça assim que eu saí e seus homens me jogaram na parte de trás de uma van. Como você pode deixá-lo escapar impune?

Ele esfregou a nuca.

— Não vou mudar de ideia, Mia. Minha família é tudo para mim.

— Então é meu...

Ele arrastou as mãos pelo peito, seus movimentos acompanhados de um suspiro.

— Você está me pedindo para fazer um sacrifício que não posso fazer. Lamento muito que você esteja nesta posição. Lamento que seu filho esteja em algum lugar sem a mãe. Eu realmente queria que as coisas fossem diferentes... Quero que saiba disso. Mas você está pedindo mais do que eu posso dar.

Cruzei os braços sobre o peito, sabendo que a faca estava muito longe para eu alcançar.

— Se você fizer isso por mim, farei qualquer coisa por você. Serei sua empregada e sua fantasia. Farei tudo o que você pedir... Pelo resto da minha vida. Eu estaria eternamente ligada a você... Sempre.

Ele cruzou os braços sobre o peito, intrigado com o pedido.

— Eu vou deixar você me chicotear quando quiser. Eu vou deixar você fazer o que quiser. Serei obediente e grata. Vou deixar sua casa impecável e colocar o jantar na mesa todas as noites. Eu serei sua serva pelo tempo que você quiser. Apenas me devolva meu filho... Me devolva minha vida.

Ele baixou o olhar novamente, permanecendo em silêncio.

Eu tomei seu silêncio como um bom sinal. Em vez de me rejeitar imediatamente, ele realmente considerou meu pedido. Estava dando a ele algo que ele queria, uma fantasia sombria que ele queria realizar. Ele queria arruinar minha pele com mais cicatrizes. Ele queria me fazer chorar enquanto me fodia. Ele poderia ter todas essas coisas, me transformar em sua prostituta particular, se fizesse esse sacrifício por mim. Era algo que eu daria com prazer... Em troca do meu filho.

Ele balançou a cabeça ligeiramente.

— Isso não muda o problema. Eu nunca vou ser capaz de desfrutar de você se estiver constantemente em guerra com Egor.

— Então descubra uma maneira de evitar a guerra.

— Como assim? — Ele demandou.

— Finja que eu me matei.

— Ele vai querer ver uma prova.

— Então dê a ele uma prova. — eu disse. — Faça acontecer. Faça alguma coisa.

Ele suspirou de novo, totalmente frustrado.

— Você está simplificando tudo.

— Não. Estou te dando soluções.

Ele esfregou a nuca.

— Ainda é um risco que estou correndo.

— Se você me devolver, ainda estará correndo um risco.

Ele baixou a mão, a sobrancelha erguida.

— Como assim? — Carter não era mau como Egor. No segundo que ele me entregasse, a culpa o comeria vivo. Saber que meu filho sempre estaria

BUTTONS
&
DECEIT
BEYOND BUTTONS, II

sozinho no mundo seria um fardo que ele teria de carregar. Ele teria que conviver com o fato de que mãe e filho estavam separados para sempre.

— Porque você não será capaz de viver com você mesmo sabendo o que fez.

CAPÍTULO 11

Vanessa

Eu estava acostumada ao sexo matinal - mesmo que não estivesse realmente acordada na hora. Bones pegava o que queria quando sentia vontade, praticamente da mesma maneira que eu. Ele não explicou seu comportamento nem pediu desculpas por isso. Ele simplesmente foi em frente.

Agora fazia parte da nossa rotina diária. Mas naquela manhã, ele não veio.

Quando abri os olhos, eram quase oito horas. Bones geralmente me acordava pela primeira vez às sete da manhã. Ele se movia entre minhas pernas, saía e então ia para o ginásio. Presumi que havia algo errado porque nossa rotina nunca mudou.

Sentei-me e olhei ao redor da sala, não vendo nada incomum. Vesti sua camiseta e entrei na sala de estar, esperando vê-lo na mesa de jantar com seu café da manhã. Ele geralmente estava sem camisa, a tinta das tatuagens vibrante contra sua pele clara.

Em vez disso, eu o vi sentado no sofá, totalmente vestido com jeans preto e uma camiseta. Sua bolsa estava no chão ao lado da mesa de café. Seus cotovelos repousavam sobre os joelhos, seu queixo estava inclinado em direção ao chão, seus olhos baixos em vez de na TV ou em mim.

Eu sabia o que aquilo significava.

Eu sabia que ele tinha mais duas missões a cumprir. Esta era a primeira.

Eu me convenci de que poderia fazer isso. Eram apenas mais duas e estaria acabado para sempre. Bones era um homem forte, capaz de tudo. Ele voltaria para mim. Ele era poderoso, rápido e experiente, não havia nada que ele não pudesse controlar. Não havia nada que o impedisse de voltar para mim.

Mas não importa quantas vezes eu sussurrei essas garantias para mim mesmo, isso não mudou nada.

Não curou meu coração partido.

Encarei sua bolsa preta no chão e respirei fundo, fazendo o possível para ficar calma sobre a situação. Ficar emocionada não mudaria nada. Isso apenas tornaria as coisas mais difíceis para nós dois. Eu sabia que ele esperou até o último momento possível para limitar meu sofrimento.

Mas agora, eu sofreria cada momento em que ele se fosse.

Bones suspirou antes de se levantar.

— Baby...

Eu cruzei meus braços sobre meu peito e me recusei a olhar para ele.

Ele me encarou, o sofá entre nós.

— Só mais duas. — Bastou uma missão ruim para tirá-lo de mim. Bastou uma bala perdida. Eu o perdi uma vez e, agora que minha vida estava completa, não podia mais suportar aquela dor. Finalmente encontrei o homem com quem queria passar minha vida, para dormir todas as noites, queria agarrar-me a isso com tanta força para que nunca escorregasse pelos meus dedos.

Quando voltei meu olhar para ele, vi a maneira estruturada como ele se mantinha, seus braços musculosos pendurados ao lado do corpo e esticando

as mangas de sua camiseta. Ele me observou com seu olhar duro, esperando que eu dissesse algo sobre a situação horrível em que estávamos.

Mas eu não tinha nada a dizer. Era horrível demais para resolver.

Ele suspirou quando permaneci em silêncio.

— Vou ficar fora três dias. Viagem curta.

— Para você... — Me virei novamente, não querendo olhar para ele.

— Vai acabar antes que você perceba.

— De novo, para você...

Ele deu a volta no sofá e se aproximou de mim, seus passos pesados em suas botas.

— Baby, você é mais forte do que isso.

— Mais forte do que isso? — Meu pescoço quase quebrou quando virei a cabeça. —Você acha que eu sou fraca por não querer que você vá? Você acha que sou fraca porque quero que meu homem fique aqui comigo, para viver a vida tranquila que ele me prometeu? Você acha que sou fraca porque não quero dormir sozinha? Griffin, sou mais forte quando você está aqui. Sou mais corajosa quando você está aqui. Porque eu sei que posso fazer qualquer coisa, desde que você esteja ao meu lado. Se isso me deixa fraca... Então, ótimo. Acho que sou fraca.

Ele curvou a cabeça ligeiramente, lamentando visivelmente suas palavras.

— Eu não entendo por que você tem que ir. Há três outros homens que querem fazer parte disso. Eles terão que gerenciar sem você, então, por que eles não podem gerenciar sem você agora? — Talvez eu estivesse sendo egoísta, mas não queria viver sem Bones nunca mais. Eu já paguei minhas dívidas com meu sofrimento.

— Porque — Ele ergueu a cabeça, seu olhar intenso olhando para o meu. — eles me protegeram quando salvei sua família. Eles não tinham que fazer isso. Eles não eram obrigados. Eles nem mesmo queriam até eu perguntar. Esses caras são uma família para mim. Eu devo tudo a eles. Não vou virar as costas para eles, nem mesmo por você.

De repente, fui tomada de vergonha, sentindo-me egoísta por fazer minhas exigências. Bones fez algo inesquecível pela minha família. Esqueci que seus homens fizeram o mesmo sacrifício.

— Assim como você não virou as costas para sua família quando se tratava de mim. Ambos temos lealdade para com outras pessoas, lealdades que ambos respeitamos.

Eu apertei meus braços em meu peito.

— Eu odeio isso. — Fechei meus olhos por um breve momento e foi quando as lágrimas começaram. — Eu não posso perder você, ok? Não quero sentir aquela agonia novamente. Estou tão feliz e nunca mais quero não ser feliz de novo.

— Eu também estou feliz, baby. Esta foi a única vez em que fui feliz, quando encontrei você.

Meus olhos suavizaram, do jeito que sempre faziam quando ele dizia algo assim.

— Mais duas vezes. — Seus ombros enormes ficaram tensos com as palavras. — É isso.

Ficar chateada não mudaria o que estava para acontecer. Eu tive que dobrar meu queixo e me preparar para o golpe. Uma parte de mim gostaria que alguém me colocasse em coma até que ele voltasse, só para eu não ter que sofrer o estresse.

— Então, nunca mais irei embora.

— Ok...

Ele cruzou a distância entre nós e moveu as palmas das mãos pelo meu rosto até que as pontas dos dedos alcançaram meu cabelo. Ele ergueu meu queixo, me forçando a olhar para ele. Em vez de me beijar, ele olhou nos meus olhos com o amor que bateu fundo em seu olhar. Seu polegar roçou meu lábio inferior e ele suspirou enquanto olhava para mim.

— Onde você vai ficar?

— Eu não sei... Provavelmente aqui. Fiquei aqui sozinha quando você se foi.

Seus olhos brilharam com um toque de aprovação.

— Você estará segura aqui. Max estará por perto se você precisar de alguma coisa.

— Bem.

Ele abaixou o pescoço e me deu um beijo suave nos lábios.

— Eu preciso fazer amor com você antes de ir.

— Não fizemos sexo matinal hoje...

Ele me pegou em seus braços poderosos e me embalou contra seu peito.

— Você vai entender agora.

Depois que Bones se foi, voltei para a cama para chorar nos lençóis. A cama cheirava a ele, então era mais fácil fingir que ele ainda estava lá. Minha imaginação disparou, e pensei em coisas que não queria pensar... Como ele levando um tiro entre os olhos.

Fiquei deitada ali por algumas horas, esquecendo-me do trabalho e da vida que me esperava do lado de fora da porta da frente. Se eu ficasse na cama até que ele voltasse, o tempo só passaria mais devagar. Eu estava sofrendo desnecessariamente, em vez de respirar ar fresco e ser produtiva. Me lembrei que ele só tinha mais duas missões. Depois de concluídos, nunca mais teria que sentir essa angústia novamente. Poderíamos ter uma vida pacífica, a que prometemos um ao outro. Encontraríamos uma casa perto de meus pais, nos casaríamos e constituiríamos uma família.

Finalmente tive a coragem de descer à galeria e fazer um trabalho. Não estava com vontade de pintar, então me sentei atrás do balcão e esperei os clientes entrarem. Às vezes atendia alguém, mas na maioria das vezes, estava respondendo e-mails de clientes. Eles me contataram quando queriam decorar sua segunda casa ou reformar sua sala de estar. Eles já tinham algumas pinturas minhas e, ao se tornarem fãs, preferiram entrar em contato comigo quando quisessem algo novo. Na maioria das vezes, os turistas só entravam para ver o artesanato italiano. Por mim, tudo bem, porque sempre foi bom conhecer novas pessoas e perguntar o que elas achavam de Florence.

No final da tarde, meu pai entrou.

Não fiquei nem um pouco surpresa. Eu assumi que ele iria mostrar seu rosto depois que Bones fosse embora. Tinha certeza de que ele sabia tudo sobre isso e queria me checar. Deixei a cadeira atrás da mesa e dei a volta para cumprimentá-lo.

— Estou bem. — deixei escapar a frase sem me preocupar com um alô.

Ele parou na minha frente, trinta centímetros mais alto do que eu, com a pele escura da Toscana. Exibia a mesma afeição nos olhos, assim como exibia o coração na manga. Toda a sua vida foi dedicada a mim e a Conway; ele era muito mais do que apenas um pai. Seus olhos inteligentes examinaram os meus, vendo o desespero escrito em todo meu rosto.

— Tudo bem se você não estiver bem, *tesoro*. Eu sei que isso é difícil para você.

Eu encolhi os ombros, tentando ser forte como Bones me pediu para ser.

— Só estou tentando me manter ocupada...

Ele olhou ao redor da galeria, vendo que estava completamente vazia.

— Como vai a tentativa?

— Tem sido um dia muito lento... Muito quente.

Ele examinou as novas pinturas que eu tinha em exposição, parando na frente de cada uma para apreciá-las. Meu pai não era uma pessoa artística, mas sua curiosidade natural por tudo que eu fazia o fazia parecer um colecionador de arte.

— Este é o meu favorito do lote. — Ele apontou para a imagem de um pôr do sol, um que Bones e eu vimos cerca de uma semana atrás.

— Obrigada.

Ele voltou para mim, suas mãos deslizando nos bolsos.

— Sempre quero comprar suas pinturas, mas então percebo que estaria monopolizando todo o seu trabalho... E você não teria nenhum outro cliente.

Sabia que ele estava sendo sincero.

— Verdade.

— Você quer um pouco de café? Almoçar?

— Pai, você não precisa me verificar cada vez que ele se for. — Apreciei a preocupação, mas eu era uma mulher adulta. Bones se apaixonou por mim porque eu era durona e destemida. Quando ele não estava por perto, eu tinha que ser a mesma pessoa. Não precisava de um homem antes de ele aparecer. Não deveria precisar de um quando ele se fosse.

— *Tesoro*, você sabe que sempre vou verificar você. Mesmo quando você tiver quarenta e quase oitenta, ainda estarei aqui... verificando você.

Eu sorri.

— Quando você tiver quase oitenta anos, eu deveria ser a única verificando você.

Ele sorriu de volta.

— É para isso que serve a sua mãe.

— Tenho certeza que ela tem coisas melhores para fazer.

Ele riu.

— Sim, ela tem. Então, você vai ficar aqui até o retorno de Griffin? Você sabe que é bem-vinda em nossa casa.

Eu fiquei naquele apartamento quando Bones foi embora. Não fazia sentido ir embora agora.

— Estou bem aqui. É um lugar agradável. Quietos.

Meu pai não tentou me convencer do contrário.

— A oferta sempre permanece se você mudar de ideia.

— Eu sei.

— Então, que tal almoçar? — ele perguntou. — Já que estou aqui, podemos muito bem passar algum tempo juntos.

— Certo.

Meu pai e eu fomos para o café na rua da galeria, um lugar com ótimos cafés e sanduíches deliciosos. Ambos recebemos a mesma coisa com dois cafés. Era o mesmo lugar que Antonio gostava de ir, mas não me importava se o visse. Eu estava muito chateada com a ausência do Bones para me preocupar com qualquer outra coisa.

Papai examinou o café e os eventos ocorrendo fora da janela, sempre em alerta para qualquer coisa que pudesse acontecer. Foi um dia quente em Florença, com temperaturas escaldantes e umidade insana. Quando outubro chegasse, começaria a esfriar de novo.

— Tenho tentado com Griffin, mas não parece estar melhorando. — Ele olhou pela janela enquanto falava, sua tristeza óbvia no tom voz.

— Eu sei... Ele é muito teimoso.

— Sua mãe me disse que ele a perdoou... Porque ela o lembra de sua mãe.

Griffin nunca me disse isso e não pude evitar que meus olhos se suavizassem.

— Isso não me surpreende. Ela é uma ótima mãe.

— Mas comigo, sempre serei o homem que se interpôs entre vocês. Sempre serei a razão pela qual você quase acabou com aquele outro jovem. — Ele bebeu de seu café, sua aliança negra contrastando com a brancura da xícara. — Não posso mudar o passado, então não tenho certeza do que posso fazer neste momento. Acho que teremos que lidar com isso. — Ele manteve seu olhar indiferente, embora a dor estivesse lá no fundo.

— Ainda há esperança. Ele vai mudar de ideia.

— O que te faz dizer isso? — Ele ergueu o olhar e me olhou novamente, sua mão segurando a alça da xícara de café.

— Ele é um homem muito teimoso. Ele era ainda mais teimoso quando nos conhecemos. Mas quando o amor o olhou na cara, ele se suavizou. Amoleceu mais e mais... Até que não houvesse mais ódio. Ele estava comprometido em matar nossa família por sua vingança e nada iria impedi-lo disso. Mas depois de passar bastante tempo, abandonou sua dor e se transformou em um novo homem. A mesma coisa está acontecendo agora. Cada vez que fala com ele, você faz uma rachadura em sua armadura. Que fica cada vez maior. Eventualmente, essa armadura se quebrará. Confie em mim.

Ele sustentou meu olhar sem piscar e, depois de alguns segundos, assentiu.

— Então vou continuar tentando.

— Eu sei que você vai. Eu disse a ele que você se preocupava com ele.

— Espero que ele tenha acreditado em você... Porque é a verdade. Eu costumava odiá-lo muito, mas agora o admiro. Quando pedi a ele para ajudar com os Skull Kings, ele concordou imediatamente. Ele está empenhado em fazer o que é certo com você, protegendo a família que jurou executar. Seu amor por você o transformou em alguém diferente, mas não em alguém mais fraco. Eu gostaria de ter visto isso antes. As coisas seriam muito diferentes se eu tivesse visto.

Eu odiava ver meu pai arrependido, já que era algo que ele raramente fazia. Ele mantinha suas decisões e não pensava duas vezes sobre elas. Mas agora ele daria qualquer coisa para apagar o passado, para aceitar o homem que eu amava muito antes.

— Nossa separação apenas solidificou nosso amor. Isso apenas nos aproximou. Com o tempo, ele o perdoará. Eu sei que ele vai - e não apenas por mim.

— Espero que você tenha razão, *tesoro*. Me dá esperança saber que ele perdoou a sua mãe.

— Foi ela quem matou o pai dele, então isso diz muito. Você será o próximo.

— Esperançosamente. — Ele bebeu seu café e olhou pela janela novamente. — Três dias, hein?

— Dois e meio. — eu disse com um suspiro. Estive contando as horas desde que ele saiu. Passei a maior parte dos meus dias na galeria, então não estávamos sempre juntos, mas saber que ele estava em perigo a cada segundo

até que ele voltasse foi o que me matou. Fazia com que cada hora parecesse uma vida inteira.

Meu pai me deu um leve sorriso.

— Ele vai voltar. Ele é o homem mais forte que já conheci. Seria necessário um exército inteiro para derrubá-lo.

— Espero que ele nunca cruze o caminho de nenhum exército...

— Ele vai ficar bem. Restam apenas dois e tudo estará acabado.

Eu tinha que me concentrar nisso, lembrar que isso acabaria para sempre.

— Você pediu a ajuda dele com o Skull Kings. O que isso significa?

Meu pai suspirou antes de explicar o plano para mim.

— Griffin tem um relacionamento bastante sólido com eles. Meu objetivo é pagá-los, basicamente. Terminar a guerra antes que ela possa aumentar. Conway está prestes a ser pai e Griffin está saindo dessa vida de crime. Quero saldar nossas dívidas para que nunca mais possamos pensar nisso.

— E você vai com ele? — perguntei, um pouco com medo. Ele assentiu.

— Mas vai ficar tudo bem, *tesoro*. Já estive em piores situações.

— Quando isso estará acontecendo?

— Assim que ele voltar.

Então Bones voltaria para mim, mas iria embora em outra missão. Este pesadelo nunca teria fim.

Meu pai me lançou um olhar de pena.

— Eu não teria pedido a ele se tivesse qualquer outra escolha. Ele estava ansioso para embarcar porque quer ter certeza de que isso será feito da maneira certa. Ele quer que todos os Barsettis tenham paz... já que você é uma Barsetti.

BUTTONS
&
DECEIT
BEYOND BUTTONS, II

—Agora eu entendo a necessidade de uma vida simples... sobre o que você tem falado todos esses anos. — Queria deixar minha porta da frente aberta sem medo de quem pudesse entrar. Não queria olhar por cima do ombro e esperar ver alguém me seguindo. Eu queria que minha família vivesse livremente sob o sol, sem medo do passado.

Meu pai deu um leve aceno de cabeça.

— E vamos conseguir, *tesoro*. Eu prometo.

CAPÍTULO 12

Bones

Eu armei tudo para parecer um acidente.

Uma overdose de opioides o fez sofrer uma parada cardíaca.

Mas, na realidade, coloquei algo em sua bebida e coloquei as pílulas onde deveriam. Ele desabou no chão do escritório, com a espuma saindo de sua boca e seu coração batendo forte.

Eu assisti a coisa toda - para ter certeza de que foi feito direito.

Então, saí e fui para o aeroporto. O Egito estava quente nesta época do ano. Dirigi pelas ruas pobres até que encontrei minha bicicleta no beco. Engatei a marcha e corri para o aeroporto na periferia da cidade, a apenas cinquenta quilômetros das icônicas pirâmides.

Max falou no meu ouvido.

— Tudo correu de acordo com o plano?

— Sim.

— Sem testemunhas?

— Eles nem perceberão que ele está morto por algumas horas. — Seus guardas permaneceram fora da sala de jantar e cercaram o quarteirão inteiro, mas não me notaram escorregar do telhado.

— Bom.

— Diga a Vanessa que vou embarcar. — Cheguei no terminal e deixei minha moto no estacionamento.

— Coisa certa.

— Como ela está?

— Passou um tempo com o pai dela. Ele vem a Florença todos os dias para se divertir em sua galeria.

Não estava claro se ele estava fazendo isso apenas para passar mais tempo com sua filha ou para me dar paz de espírito de que ela estava segura. Talvez tenha sido ambos. Ele estava tentando ganhar meu perdão e a melhor maneira de fazer isso era por meio de Vanessa. Gostei de saber que ela não estava sozinha, que estava distraída em vez de contar as horas até eu voltar.

— Bom saber.

— Vou avisá-la que você está voltando.

— Obrigado.

— Você é um dos melhores do grupo. Sentirei falta de trabalhar com você.
— Max nunca escondeu seu descontentamento com minha decisão. Decidimos que seríamos nós quatro até ficarmos muito velhos para fazer isso. Não era difícil encontrar alguém que pudesse matar pessoas por dinheiro, mas era quase impossível encontrar alguém em quem se pudesse confiar. Seria impossível me substituir. Em vez de encontrar um quarto homem, eles fariam isso com três.

As palavras me escaparam e eu não sabia o que dizer. Uma parte de mim queria continuar trabalhando com Max, mas eu sabia que isso não era mais possível. Shane continuou no negócio e, como resultado, Cynthia não viveria tanto por causa do estresse. Vanessa queria criar uma família comigo. Eu não poderia fazer isso se eu estivesse fora o tempo todo. Depois que ela se tornasse minha esposa, ela seria o centro do meu universo - ainda mais do que era agora. Meu lugar era ao lado dela, mantendo-a segura dia e noite.

Não matar homens por dinheiro.

Eu finalmente respondi às suas palavras.

— Eu vou sentir falta também, Max. Mas nós dois sabemos que é hora de eu seguir em frente.

Ele não disse nada por um longo tempo, como se tivesse desligado seu microfone. Mas então sua voz veio.

— Sim, eu sei. Não torna mais fácil para mim aceitar.

Meu avião aterrissou no meio da noite, e cheguei ao apartamento depois das três. Mas a hora tardia não me enganou. Eu sabia o que estaria esperando por mim no segundo em que entrasse pela porta.

Entrei e coloquei minha bolsa no chão de madeira ao lado da porta. Na escuridão, ela se moveu em minha direção. Vestida com nada além de minha camiseta, ela se moveu para o meu peito e colocou os braços em volta do meu pescoço.

— Graças a Deus você está em casa.

Deus não teve nada a ver com isso. Eu entrei por aquela porta porque nada me impediria de voltar para ela. A peguei em meus braços para que pudéssemos ficar no mesmo nível um do outro. Seu cabelo macio formava uma cortina em metade de seu rosto, os fios roçando meu pescoço com seu toque suave. Minhas mãos grandes sentiram suas nádegas, os pedaços suaves de músculos que eu adorava espancar.

— Eu prometi que voltaria, baby. Você sabe que eu mantenho minhas promessas. — chutei a porta que fechou atrás de mim e não me preocupei em

trancá-la. Comigo em casa, não havia nada que pudesse incomodar qualquer um de nós.

— Senti a sua falta...

— Eu sei, Baby. — A carreguei pelo corredor e para o nosso quarto, sentindo minha mulher tremer em meus braços. Ela contou as horas até eu voltar, ficou acordada até tarde da noite porque não conseguia parar de se preocupar comigo. Ela não precisava de um homem para ser feliz, mas eu era uma exceção. Ela precisava de mim para tudo, da proteção ao amor. E permitiu que eu cuidasse dela porque eu era o único homem qualificado para o trabalho.

— Eu estou aqui agora. — a coloquei na cama, em seguida, mudei para puxar sua calcinha para baixo de suas pernas.

Mas ela não estava usando nenhuma.

Ela desabotoou meu jeans e empurrou-o para baixo com minha boxer, colocando-o na minha bunda, mas não mais longe. Ela não tirou a camiseta, mas a puxou para cima em volta da cintura para que eu pudesse me mover entre suas pernas. Ela agarrou meus quadris e me puxou com força, puxando meu comprimento para dentro dela.

Ela engasgou quando a penetrei, como se de alguma forma tivesse esquecido como era me sentir.

Me segurei em cima dela, meu jeans abaixo da minha bunda e minha camisa puxada até minha cintura. Nós dois ainda estávamos parcialmente vestidos, mas tirar a roupa parecia exigir muito esforço. Eu segurei seu olhar enquanto meu pau a sentia, recebido pela umidade esmagadora entre suas pernas. Ela estava pronta para mim muito antes de eu entrar pela porta da frente. Sem me dizer o que sentia por mim, ela me mostrou que me amava todos os dias. Com lágrimas nos olhos e desespero nas pontas dos dedos, ela agia como se tivesse passado três meses desde que me viu pela última vez,

como se esta fosse a primeira vez que ela estava me trazendo de volta. Nosso amor era tão intenso que era quase demais para eu aguentar. Mas ela era o tipo de mulher que poderia lidar com qualquer coisa, até eu.

Sua mão deslizou pela parte de trás do meu pescoço e em meu cabelo enquanto suas pernas envolveram minha cintura, prendendo-me dentro dela.

— Griffin. — Ela falou em minha boca, me implorando para nunca mais deixá-la. Seus lábios tocaram os meus, mas ela não me beijou. — Eu não posso fazer isso de novo...

Eu me acomodei entre suas pernas, em seguida, comecei a me mover, cercado pela excitação lisa que revestia meu pau.

— Sim, você pode. Eu sei que você pode.

— Não. — Ela segurou meu ombro e se moveu comigo, seus quadris mudando enquanto ela pegava meu comprimento repetidamente. — Senti tanto a sua falta... Não conseguia dormir. Fiquei preocupada o tempo todo.

— Eu sei, Baby. Eu podia sentir isso. — podia sentir sua agitação mesmo quando estávamos a milhares de quilômetros de distância. Passei meus lábios nos dela antes de finalmente beijá-la. — Mas podemos fazer isso mais uma vez. Mais uma vez e tudo estará acabado.

— Mais duas vezes... — Ela parou de se mover e me olhou nos olhos. — Eu sei que você vai falar com os Skull Kings.

Seu pai obviamente tinha contado a ela. Eu estava esperando, querendo dizer a ela a verdade no último minuto.

— Nós vamos superar isso também.

Ela rosnou na minha cara, um som fraco porque não conseguia mascarar o prazer entre suas pernas.

— É melhor você se casar comigo quando tudo isso acabar. Porque é isso que eu quero. Morar em uma bela casa no meio do nada... Apenas nós e nossa

família. — Seus dedos roçaram meu cabelo, prendendo-o levemente enquanto ela pegava meu pau grande com facilidade.

Parei de empurrar para que pudesse olhar para ela, vendo seu lindo cabelo em cascata ao seu redor. Com olhos brilhantes e uma parte sedutora na boca, ela era a coisa mais sexy que eu já vi. Ela escondeu seus pensamentos do resto do mundo, mas comigo, ela colocou seu coração a frente. Ela não apenas me queria, me exigia. Ela não tinha medo de me dizer o que queria, sem vergonha de me amar de todo o coração.

— Pode apostar, eu vou.

Foi bom estar em casa, mesmo que eu estivesse saindo novamente em pouco tempo. Minha mulher estava lá comigo, sentindo meu pau logo pela manhã, antes mesmo de estar realmente acordada. Me movi pela cozinha e fiz café da manhã e café antes de me sentar à mesa de jantar.

Eu não tinha estado no apartamento por muito tempo, mas parecia um lar para mim. Decorado com a arte de Vanessa e os móveis escolhidos para ela, era seu paraíso. Isso absorveu seu espírito, fez seu amor pesar no tecido dos sofás e do carpete. Mesmo quando ela não estava na sala, eu podia sentir sua presença em todos os lugares.

O nome de Crow apareceu no meu telefone.

Foi a primeira vez que não fiquei chateado ao ver seu nome, sabendo que isso era apenas um negócio. Respondi sem dizer uma palavra, sem saber como cumprimentar aquele homem.

Ele não foi afetado por minhas maneiras pobres.

— Como foi sua missão?

— Tudo certo. Matei o cara e vim embora. — Minha linha de trabalho não era tão empolgante quanto as pessoas pensavam. Eu fiz meu trabalho e voltei para casa. Não havia emoção ligada a isso. Quando minha cabeça bateu no travesseiro, adormeci imediatamente.

— Tenho certeza de que Vanessa está feliz por você estar em casa.

Mas ela estava infeliz por eu ter que sair de novo.

— Ela está. — Depois que as gentilezas foram eliminadas, ele chegou ao cerne da questão.

— Ainda estaremos fazendo isso esta noite? Você precisa de mais tempo?

Eu queria que isso acabasse o mais rápido possível. Não tinha ideia do que os Skulls Kings estavam planejando. Depois que a ameaça fosse neutralizada, era uma coisa a menos com que eu tinha que me preocupar. Os Barsettis sempre pareciam se meter em problemas. Carter e Conway se meteram nessa merda e Vanessa voltou sozinha para casa e me encontrou. Deve ser um traço familiar.

— Estou pronto.

— Minha filha pode dispensar você esta noite?

Apesar das lágrimas que ela derramou quando eu saí, ela era uma mulher durona que poderia lidar com qualquer coisa.

— Ela vai ficar bem. Vou me encontrar na sua casa em algumas horas.

— Você vai dizer aos Skull Kings que está a caminho?

— Não. Encontros não são realmente o estilo deles.

— Você vai pegá-los desprevenidos.

Eu ri.

— Eles nunca são pegos desprevenidos. — Terminei a conversa com ele assim que Vanessa entrou na sala. Na minha camiseta e com o cabelo

bagunçado, ela era a rainha do meu castelo. Ela também era a prisioneira em minhas quatro paredes. Ela constantemente pairava entre os dois, equilibrando-se entre a realeza e a servidão. Mesmo se ela quisesse me deixar, ela não poderia. Sua mão serpenteou sobre meus ombros nus enquanto ela olhava para mim, um olhar sonolento em seus olhos.

— Como você dormiu?

— Muito bem. — A cama que dividíamos era muito pequena, mas eu nunca estive mais confortável. Minha mão subiu sob sua blusa para a pele macia de sua barriga. Ela engordou um pouco desde que voltei, mas gostei de ver os centímetros extras em torno de sua cintura. Eu preferia uma mulher saudável a uma deprimida.

— Eu também. — Ela sorriu para mim. — Eu não dormia há dias.

A dor puxou minhas cordas cardíacas, a culpa me matando por dentro. Que tipo de homem machuca sua mulher assim? Que tipo de homem fazia sua mulher dormir sozinha? Não gostava de quem eu era quando ainda estava neste ramo de negócios.

Ela percebeu a tristeza em meus olhos.

— Você está saindo esta noite, não é?

Não escondi a verdade dela.

— Em algumas horas.

Um suspiro pesado escapou de seus lábios.

— Lá vamos nós de no...

— Isso não será tão perigoso quanto às outras coisas que eu fiz.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Isso é para me fazer sentir melhor?

— Vai ficar tudo bem, bebê. Eu prometo.

— Não faça promessas que não pode cumprir.

Agarrei seu quadril e a arrastei para meu colo, colocando-a em minhas coxas.

— Eu mantenho todas as minhas promessas, baby. Eu prometo a você, seu pai e eu ficaremos bem. E estarei bem na minha última missão também.

Ela encostou a testa na minha.

— Não importa o que você diga ou faça. Eu nunca vou sentir paz até que tudo acabe. Nunca vou relaxar ou ser realmente feliz até que você entre por aquela porta pela última vez, até que eu durma sozinha pela última vez.

Ninguém nunca me fez sentir tão fraco quanto Vanessa. Seu amor por mim me levantou, mas também me aleijou ao mesmo tempo. Quando ela precisou de mim, tive um propósito maior na vida. Deixar de estar ao lado dela por um trabalho parecia ridículo. Eu tinha mais dinheiro do que jamais precisaria, mais dinheiro do que ela jamais precisaria. Certamente não precisava de mais. Eu só precisava mais dela.

— Isso vai acontecer em breve.

Eu acabei de dizer adeus a Vanessa há alguns dias, e agora estava fazendo isso de novo. Ficamos em frente à porta, minha bolsa pendurada no ombro. Estava equipado com meu fuzil, espingarda e pistola, junto com munição. Era couro preto, elegante e liso. Sempre que Vanessa via aquela bolsa, ela sabia o que estava dentro dela. E ela sabia que isso significava uma coisa.

Ela não conseguia manter a dor longe de seus olhos.

— Ligue-me assim que acabar.

— Eu irei.

Ela ficou na minha frente sem me tocar, incapaz de manter a tristeza fora de sua expressão. Vanessa mal tinha mostrado suas emoções para mim quando nos conhecemos, mas agora ela as desgastou abertamente. Ela tentou escondê-los agora, com o melhor de sua habilidade.

— Eu odeio a maneira como você me faz sentir. Me transformei em uma daquelas mulheres que preocupa-se o tempo todo... Que ficam acordados a noite toda esperando a porta da frente abrir.

— Você quer dizer, você odeia que eu fiz você cair de cabeça para baixo por mim.

Ela balançou a cabeça.

— Agora não é hora para sua arrogância.

— Eu sou sempre arrogante. E eu amo ver você assim... Mesmo que isso me torne um idiota.

— Você adora me ver infeliz? — ela sussurrou.

— Não. Eu amo ver o jeito que você me ama, o jeito que você não pode viver sem mim. Quando eu disse que te amava, você tentou fugir. Mas agora você está tão presa a mim que é difícil acreditar que eu disse eu te amo primeiro.

Ela balançou a cabeça novamente.

— Arrogante.

— Não. Apenas orgulhoso. Orgulhoso de ter conquistado o amor de uma mulher assim. — Segurei seu rosto e me inclinei para beijá-la, para sentir a emoção em seus lábios quando ela tocou os meus. Eu não queria que ela chorasse, não depois de vê-la derramar tantas lágrimas por mim. Meus dedos tocaram seu cabelo e eu senti seu corpo pequeno contra mim. Era quase impossível deixar este lugar, deixar a casa que fiz com esta mulher

extraordinária. Meu coração sempre ficaria para trás, mesmo se meu corpo me levasse para outro lugar.

— Por favor, tome cuidado. — ela sussurrou contra minha boca. Eu mantive meus olhos fechados, não querendo ver a tristeza gravada em suas feições.

— Sempre. — me virei antes que pudesse olhar para ela novamente, não querendo ver a dor que causei. Quando eu fosse embora, ela deixaria suas lágrimas caírem, mas eu não queria ver o coração partido. Não tinha estado em casa por um dia antes de ter que abandoná-la novamente.

Eu cheguei na minha caminhonete e peguei a estrada, fazendo o meu melhor para me concentrar na próxima tarefa em mãos. Minhas emoções tiveram que ser deixadas para trás para que eu pudesse permanecer pragmático durante a noite. Para mim, Vanessa não existia. Eu tinha que ficar calmo, cruel e sinistro. Tive que me comportar como se não tivesse ninguém para quem viver além de mim mesmo.

Mas quando tudo fosse dito e feito, eu tinha que me casar com ela.

Fazer minha mulher, oficialmente, minha.

Quando cheguei na casa dos Barsetti, eles estavam reunidos do lado de fora. Crow estava vestido todo de preto, seu cabelo escuro combinando com a cor. Pearl estava com jeans de cintura alta e uma blusa branca. Com o cabelo puxado para trás, ela parecia elegante, o oposto do marido. Cane e sua esposa também estavam lá. Cane estava com uma arma no coldre e uma espingarda nas costas, embora não fosse participar da reunião.

Deixei minha caminhonete estacionada no cascalho e me juntei a eles.

Ultimamente, tenho passado mais tempo com o clã Barsetti do que com Vanessa. Falei com o pai dela tanto quanto falei com ela.

Estava se tornando uma dor na minha bunda.

Pearl sorriu quando pôs os olhos em mim e, quando se aproximou, não apenas me cumprimentou com um abraço, mas com um beijo na bochecha, a maneira como cumprimentou o filho.

— Como vai você, querido?

Querido. Foi a primeira vez que alguém me chamou assim.

— Ótimo, Sra. Barsetti. Como você está?

Ela apertou meu braço e sorriu.

— Você pode me chamar de Pearl, Griffin.

— Eu prefiro a Sra. Barsetti. — Foi um sinal de respeito que ela conquistou.

Ela sorriu, mas não me pressionou.

— Lamento que você tenha que deixar Vanessa de novo.

Não queria pensar no que ela estava fazendo naquele momento. Provavelmente deitada na cama ao lado do telefone.

— Quando tudo isso acabar, nunca mais vou deixá-la.

Ela deu um aceno de cabeça.

— Eu sei.

Crow veio até mim em seguida.

— Griffin. Obrigado por ter vindo. — Ele apertou minha mão.

Eu segui os movimentos, meu coração não verdadeiramente investido.

— Vamos enterrar isso de uma vez por todas.

Cane veio a seguir.

— Eu realmente acho que Conway e eu devemos apoiar vocês, em algum lugar fora da cidade. Se estivermos a cinco horas de distância...

— Não. — Crow havia se decidido e não mudaria isso. — Se algo der errado, você precisa de uma vantagem. Haverá tempo para você evacuar todos. Se você não receber minha ligação... Assuma o pior.

Pearl manteve o olhar firme, mas seus olhos começaram a lacrimejar de terror.

O rosto de Cane permaneceu impassível, provavelmente porque ele já havia estado nessas situações tantas vezes. A possibilidade de morte não o enervava mais.

— Certo.

— Nada vai dar errado. — eu disse. — Vai ser tenso, até difícil, mas nada vai dar errado, não quando você estiver entrando lá comigo.

Crow se virou para mim.

— A arrogância transforma sua força em fraqueza.

Eu segurei seu olhar, sem ser afetado pelo insulto.

— Um homem sem confiança se torna um alvo fácil.

Crow não recuou.

— Os Barsettis podem ter um nome respeitável, mas eu sou um homem respeitável. Não sou o tipo de pessoa que você deseja contrariar. Tenho conexões em todos os lugares por estar no jogo por tanto tempo. Os Skull Kings precisam de mim. Será do interesse deles estabelecer a paz, pelo menos quando se trata de mim. — Voltei para a minha caminhonete, dispensando a conversa. Queria acabar com isso. Quanto mais cedo chegássemos lá, mais cedo poderíamos partir. O quanto antes isso acabasse e eu pudesse ligar para

Vanessa para dizer a ela que estávamos todos bem. Eu vivi aquele momento, ansiei por aquele momento com tudo o que tinha.

Crow se despediu de sua família, segurando sua esposa por mais tempo. Foi uma das únicas vezes que o vi ser afetuoso com ela, pelo menos na minha frente. Ele segurou suas bochechas com as duas mãos e descansou sua testa contra a dela. Eles não pareciam dizer nada um ao outro, apenas abraçados.

Eu me virei, sentindo que estava infringindo sua privacidade.

Quando eles terminaram, Pearl se aproximou de mim. Com lágrimas nos olhos por ter se despedido do marido, ela me abraçou em seguida.

— Eu preciso que você volte também, Griffin. Não apenas pelo bem da minha filha... mas pelo meu. — Ela me apertou pela cintura antes de me soltar.

O amor maternal me envolveu, me fez pensar em minha própria mãe, a mulher cujo rosto eu mal conseguia lembrar. Nunca precisei de ninguém até conhecer Vanessa, mas agora sentia uma estranha conexão com a mulher que matou meu pai. Vanessa preencheu o buraco em meu peito, mas Pearl manteve o espírito de minha mãe vivo.

— Eu irei. — Puxei meus braços para longe dela, desconfortável em tocá-la quando Crow estava parado bem ali.

Entramos na caminhonete e pegamos a estrada. Eu estava atrás do volante e Crow estava no banco do passageiro. Tinha trepado com Vanessa neste caminhão algumas vezes, então era estranho ter o pai dela sentado lá, mas afastei os pensamentos da minha mente para que não fosse estranho.

Seria uma longa viagem e eu não estava ansioso para passar tantas horas com aquele homem. Ainda me ressentia dele pelo que ele fez comigo. Eu ainda o odiava pela dor que ele causou. Era estranho respeitar tanto sua esposa, mas ter tão pouco para ele.

Crow não disse nada e eu esperava que o silêncio tenso continuasse. Eu preferia a conversa tranquila à forçada.

A primeira hora foi passada dirigindo pelo interior sem dizer uma palavra. Saímos da Toscana e seguimos para o norte, pegando o caminho mais curto para Milão, em vez da rota mais pitoresca. Ele falou primeiro.

— Se você pudesse, não diríamos nada o tempo todo?

Eu mantive uma mão no volante enquanto meu outro braço descansava no parapeito da janela.

— Sim.

Ele balançou a cabeça ligeiramente e continuou olhando pela janela.

— Eu também não sou muito falador, mas parece entediante.

— Eu gosto do tédio.

Ele suspirou do seu lado da caminhonete.

— Tudo bem. Faremos do seu jeito. — Ele apoiou o cotovelo no parapeito da janela e apoiou a cabeça, apreciando a vista panorâmica em silêncio. Não tentou falar comigo novamente, permitindo que o silêncio se tornasse o som mais alto da caminhonete.

Era exatamente o que eu queria, que ficasse tão quieto que eu pudesse fingir que ele não estava lá.

Vinte minutos depois, seu telefone tocou. Ele o tirou do bolso e olhou para a tela. Assim que viu o nome, atendeu imediatamente a chamada. Com o telefone pressionado em seu ouvido e seu olhar focado para fora da janela, ele se dirigiu à pessoa ao telefone.

— *Tesoro*.

Meu corpo enrijeceu um pouco quando percebi que Vanessa estava na linha. Mantive meus olhos na estrada e minha mão no volante, mas minha mente ficou distraída, focada na conversa que eles estavam tendo.

— Ei, pai. — Suas palavras eram audíveis pelo telefone, sua bela voz enchendo o caminhão. Havia angústia em seu tom, lágrimas em sua voz. — Você está ocupado agora?

— Não. Griffin e eu estamos na caminhonete. Vai demorar algumas horas antes de chegarmos lá. — Ele tinha um tom distintamente diferente ao falar com a filha. Afeição misturada com proteção, ele se dirigiu à filha como um adulto. Mas sempre havia um tom de gentileza infantil, algo que ele não usava com Conway. Crow equilibrou as duas abordagens diferentes, tratando-a como uma jovem princesa e uma adulta ao mesmo tempo.

Quando ela falou novamente, sua voz estava cheia de emoção. Como a água subindo sobre o estouro de uma represa, ela mal estava se segurando.

— Por favor, seja cuidadoso...

Ele engoliu o nó na garganta e lutou para manter a compostura, embora ela não pudesse ver seu rosto. Mas ele manteve sua voz estoica, uma máscara que era forçada.

— Vou ficar bem, *tesoro*. Não se preocupe comigo.

— Eu preciso que vocês dois voltem, ok? Não posso viver sem nenhum de vocês.

Os campos passaram por mim à esquerda, mas eu não estava prestando atenção na estrada aberta ou no pôr do sol. O céu estava começando a se misturar com as cores rosa, roxo e azul, mas eu não me importava com a beleza da terra bem na minha frente. Tudo que podia fazer era me concentrar na dor na voz da minha mulher, a dor que ela não conseguia mais conter.

— Nós iremos. — Crow disse, mantendo uma fachada forte para sua filha. Ele se recusou a mostrar qualquer tipo de vulnerabilidade, dando-lhe a garantia de que ela precisava ouvir. — Griffin e eu somos especialistas. Você não tem absolutamente nada com que se preocupar.

— Ok, espero que sim.

Crow ficou ao telefone, embora não houvesse mais nada a dizer.

— Eu te amo muito. Você é meu melhor amigo...

Segurei o volante com um pouco mais de força, sentindo meu coração doer pelas palavras que ela estava dizendo. Eu gostaria de poder fazer isso sozinho e manter o pai dela fora para dar-lhe paz de espírito.

— Eu também te amo, *tesoro*. E você também é minha melhor amiga.

Eu não esperava testemunhar uma conversa tão sincera. Isso me deixou desconfortável porque sua conexão era tão profunda. Agora não me surpreendeu que Crow fizesse tudo o que podia para me manter longe dela. E não me surpreendeu que Vanessa trabalhasse tanto para conseguir sua aprovação e quando essa aprovação não veio, ela não pôde ficar comigo.

— Por favor, volte. — disse ela. — Vocês dois.

— Voltaremos. — Crow respirou fundo enquanto seus olhos permaneceram focados na janela. — Preciso ir. Eu falo com você em breve.

— Ok... Até logo.

Ele desligou e deixou cair o telefone na coxa. Propositalmente virou a cabeça e focou seu olhar para fora da janela para que a maior parte de sua reação não fosse visível. Ele nunca mostrou uma expressão além de aborrecimento ou raiva, pelo menos que eu tivesse visto. Mas quando Vanessa estava por perto, era uma história diferente. Ela tirou sua dureza e o fez mais macio do que uma nuvem. Ele propositalmente escondeu seu rosto de mim, e se pudesse, ele teria se afastado para ter este momento para si mesmo.

Mas, como estávamos presos juntos, não havia para onde ir.

Nós chegamos em Milão e deixamos a caminhonete na calçada do lado de fora do Underground. Horas haviam se passado e já era noite adentro. À meia-noite de uma segunda-feira, não havia ninguém de fora. As pessoas haviam se retirado para a cama há muito tempo.

Sentamos lado a lado.

Crow se virou para mim, a maior parte de seu rosto escondido nas sombras.

— Vamos fazer isso.

— Bem. Eu vou primeiro. Se eu não voltar, saia sem mim.

— Você realmente acha que é uma possibilidade?

Eu olhei para frente novamente.

— É improvável, mas gosto de me preparar para o pior.

— Armado ou desarmado?

— Desarmado. — abri minha porta. — Vou oferecer o dinheiro que Conway lucrou com a operação deles. Traga seu laptop para fazer a transferência.

— Certo.

Fiquei na rua com a porta aberta.

— Eu disse a sua esposa que não deixaria nada acontecer com você. — Eu não o protegeria apenas por Vanessa. Vi a maneira como Pearl olhou para o marido, a maneira como ela sempre o defendeu. Não havia nada além de amor entre eles e lealdade eterna. — Eu sou um homem de palavra, Crow. — Fechei a porta antes que ele tivesse a chance de dizer qualquer coisa.

Fui até a entrada dos fundos e entrei no Underground. Fui parado pelos guardas para uma rápida revista antes de entrar. O leilão demoraria algumas horas para começar, então cheguei cedo e quase não havia ninguém lá.

Fui até o bar, observei a loira atrás do balcão sorrir para mim e pedi uma bebida.

Poucos minutos depois, Tony apareceu. Vestido de preto e cinza, ele era um homem dez anos mais velho do que eu, com piercing no nariz e tatuagens de cima a baixo em ambos os braços. Ele se inclinou contra o balcão e bateu em mim.

— Faz tempo que não te vejo. Tem uma grande lista de acertos?

— Muito grande.

Ele riu e pediu uma bebida.

— A vida é mais divertida quando os negócios vão bem. — Ele tomou sua bebida em um gole. — E há sangue em suas mãos. — Ele deu um tapinha nas minhas costas, em seguida, se virou para o resto da sala onde as mesas vazias estavam. — Por que você está aqui tão cedo? Soube que temos carne fresca esta noite?

— Não exatamente. — bebi meu copo em um gole, combinando com sua sede. — Tenho negócios para discutir com você e Rush.

— Negócios, hein? — ele perguntou. — Normalmente somos nós que vamos até você, não o contrário.

— Acho que você vai se interessar pelo que tenho a dizer.

Ele sorriu, como se tudo isso fosse uma piada.

— Você é um homem interessante... — Ele se afastou e falou com um de seus homens. Eles trocaram algumas palavras antes que o cara desaparecesse por um dos corredores. Se voltou para mim, a tatuagem em seu pescoço mais visível quando ele se virou para o outro lado. Era a imagem de uma mulher nua acorrentada, pulsos e tornozelos amarrados. — Rush está terminando. Estará aqui em um segundo.

Eu inclinei minhas costas contra o bar e mantive minha indiferença, embora meu coração estivesse batendo mais forte do que o normal. Normalmente, eu não tinha nada importante na cabeça. Antes de Vanessa, até minha própria vida não importava. Mas agora, eu tinha que ter certeza de que tudo estava indo bem, que Crow voltou para sua família.

— O negócio tem sido bom para você?

— É sempre bom. E tem vantagens extras... como brincar com as mercadorias. — Ele piscou.

Eu paguei muito por sexo na minha vida, mas nunca paguei por uma escrava. Uma mulher se submetendo por sua própria vontade era muito mais sexy do que forçá-la. Vanessa me queria constantemente, me usava para sexo o tempo todo. Ver como ela precisava de mim foi a maior excitação do mundo. Às vezes eu queria amarrá-la, mas vê-la pular livremente no meu pau era a coisa mais sexy de todas.

Rush se juntou a nós um momento depois e me cumprimentou com um abraço.

— Já faz um tempo, Bones. Minhas vendas no bar caíram.

Eu dei um sorriso malicioso.

— Parece que isso vai mudar.

— Bom. Meu barman sentiu sua falta também. — Rush era o líder dos Skulls Kings no Underground. Claro, ele tinha um homem acima dele. E aquele homem tinha alguém acima dele em um lugar diferente. Os Skull Kings eram um grupo difundido com muitas conexões diferentes. Era por isso que eles eram tão formidáveis.

— Então, ouvi dizer que você tem uma proposta de negócio para mim.

— Eu tenho. — Pedi outra bebida, recebendo rodadas para todos nós primeiro.

Rush sorriu antes de tomar um gole de seu scotch.

— Sempre um cavalheiro.

Me inclinei contra o balcão novamente e olhei para ele direto nos olhos, mostrando o mesmo destemor pelo qual eu era conhecido.

— Eu sei que você tem problemas com os Barsettis. Você tentou matá-los e foi uma merda.

O sorriso cativante de Rush imediatamente desapareceu, a cicatriz embaixo de seu olho se tornando mais perceptível. Quando ele franziu a testa, ele parecia inatamente hostil.

— Originalmente, chamamos você para o trabalho, mas você recusou.

— Tinha outras obrigações. — Eles não tinham ideia de que fui eu quem matou a maioria de seus homens, já que não havia sobreviventes para contar a história. — Os Barsettis são muito poderosos. Tem muitos contatos em muitos lugares. Suas lealdades são desconhecidas e é isso que os torna imprevisíveis.

— Onde você quer chegar? — Rush perguntou, animado com os elogios que fiz ao seu inimigo.

— Já trabalhei com Crow Barsetti no passado. Um cara muito cruel. Ele foi informado do ataque à vida de seu filho e do massacre sangrento que se seguiu. As ruas do lado de fora da ópera ainda estão manchadas de sangue.

Os olhos de Rush se moveram de um lado para o outro enquanto ele me olhava fixamente. Tony fez o mesmo.

Tendo toda a atenção deles, continuei.

— Crow tem um negócio caindo em breve. Não precisa de distrações. Contactou-me para intervir na situação. Ele tem uma oferta de paz para você, se estiver disposto a ouvi-la.

— Uma oferta de paz? — Rush perguntou friamente.

— Seu filho de merda minou nossa operação. — Tony cuspiu. — Você acha que haverá paz quando algum desses idiota nos cruzar?

— Se for conveniente para vocês dois. — eu disse. — E eu acho que é.

— Nós não damos a mínima para conveniência. — A voz de Rush baixou, tornando-se sinistra. — Aquele idiota nos prejudicou, tirou uma parte de nossos lucros que pertencem exclusivamente a nós. Ele pode ter eliminado nossa equipe, mas isso não significa que a guerra acabou. Significa apenas que eles ganharam a batalha.

Isso era pior do que eu pensava. Os Skull Kings tinham uma séria vingança contra os Barsettis, por causa da estupidez de Conway e Carter. Foi uma sorte que não tivessem atacado novamente nas últimas semanas.

— E se eu dissesse que Crow Barsetti quer fazer uma oferta?

Rush ergueu uma sobrancelha.

— Que tipo de oferta?

— Devolver o dinheiro que Conway lucrou. Mais juro. — Quando Rush não atirou na oferta imediatamente, eu sabia que havia esperança. Tony também ouviu cada palavra, não detestando a oferta colocada na mesa.

Eu continuei.

— É por dinheiro que você não precisa trabalhar. Ele iria transferi-lo para sua conta agora. Em troca, ele quer que esse problema desapareça. Ele tem um grande empreendimento que está planejando no exterior e não tem tempo para abordar isso ao mesmo tempo. Mas se você não concordar, ele mudará seu foco para os Skull Kings. — Eu não poderia contar a eles a verdade, que os Barsettis só queriam desaparecer. Se eu os fizesse parecer fracos, os Skulls Kings tentariam tirar vantagem de sua exaustão. Os Barsettis tinham que manter a frente de força, para que eles pudessem continuar lutando para sempre.

Rush finalmente se virou para Tony, seus olhos tendo uma conversa particular.

Era uma boa notícia eles não dizerem não imediatamente.

— Obviamente, Conway Barsetti nunca mais se aproximaria do Underground. Nenhum dos Barsettis o faria. Vocês são ambos oponentes dignos. Se a guerra continuar, vocês dois perderão homens e recursos na próxima década, mas nenhum de vocês sairá vitorioso. Aceite o acordo.

— Por que ele trouxe você para isso? — Rush exigiu.

— Porque sou um negociador terceirizado objetivo. — eu disse simplesmente. — Você confia em mim. Ele confia em mim.

Rush puxou Tony para o lado e eles falaram baixinho por alguns minutos. Nenhum deles levantou a voz, o que foi um sinal positivo. Depois de alguns minutos, eles voltaram para mim.

— O que vocês decidiram, senhores?— Perguntei.

— Ele está lá fora? — Tony perguntou.

Eu concordei.

Rush estalou os dedos.

— Traga-o aqui.

— Isso significa que você aceita o acordo?— Perguntei. Rush estreitou os olhos.

— Eu disse, traga-o.

— Rush. — Eu dei a ele um olhar firme. —Enfrente ele, e você me cruzará. E nós dois sabemos que você não quer fazer isso. Se você acha que pode pegar o dinheiro e matá-lo, isso seria um erro. Porque haveria um inferno a pagar.

— Você está me ameaçando? — Rush perguntou, se aproximando de mim.

— Depende das suas intenções — respondi calmamente. — Mas sim, estou ameaçando você.

Foi uma prova de sua imprevisibilidade, porque ele sorriu.

— Bones, eu sempre gostei de você. — Ele me deu um tapinha no ombro. — Traga-o, apenas ele.

Eu estava convencido de que Crow não estava entrando em uma zona de perigo, não depois de lembrar aos Skulls Kings que eles também declarariam guerra contra mim se algo sinistro acontecesse. Sabia que isso mudou seu tom muito rapidamente. Peguei meu telefone e fiz a ligação.

— Eles estão interessados no negócio. Traga sua merda.

— Ok. — Crow desligou tão rápido quanto atendeu. Eu fiquei no bar e esperei, meus olhos na porta.

Um minuto depois, Crow passou pela segurança com a mochila no ombro. Ele caminhou em minha direção, parecendo alto e confiante apesar do ar antagônico na sala. Ele se dirigiu para mim, seus olhos em Rush e Tony. Para um homem que tinha tudo em jogo, ele parecia estranhamente não afetado. Eu o admirava por sua bravura, por mostrar seu coração quando falava com sua filha, mas agora por parecer tão impassível quanto uma rocha. Ele colocou a mochila no balcão e se virou para nós três.

Silêncio. Silêncio hostil.

Rush olhou Crow de cima a baixo, a raiva profunda em seus olhos. Tony ficou com as mãos nos bolsos, detestando Crow com a mesma inimizade.

Eu não falei, sabendo que tinha que deixar o Crow depor sozinho. Não era como se ele precisasse de mim de qualquer maneira. Eu lancei as bases. Ele poderia cuidar do resto.

— Eu tenho a conta configurada. — Ele falou com uma voz forte, suas costas retas e seus ombros musculosos arredondados. — Tudo que eu preciso

são suas informações e nós podemos acabar logo com essa merda. Todos os fundos serão transferidos em menos de cinco minutos.

Então podemos seguir em frente.

Rush ficou em silêncio enquanto o encarava.

Quando Crow não obteve resposta, ele abriu sua bolsa.

— Idiota. — Rush apoiou um braço no balcão enquanto olhou para ele.

Eu fiquei entre eles, pronto para intervir se fosse necessário. Poderia levar uma bala e sobreviver. Crow era muito velho para isso.

Crow se voltou para Rush, seus olhos verdes vibrando de ódio.

— Onde está meu pedido de desculpas?— Rush exigiu.

Os olhos de Crow se moveram para frente e para trás enquanto olhava para ele, a fúria sem dúvida fervendo no fundo de seu intestino. Ele era orgulhoso demais para se desculpar com um tirano como Rush, mas precisava responder de alguma forma. Ele não conseguia se curvar e parecer fraco. Mas também não podia lutar, não quando isso agravaria a situação já tensa.

— A única coisa pela qual vou me desculpar é a estupidez do meu filho. Achei que o criei para ser mais inteligente do que isso, para não ser tão ganancioso, para não lucrar com a vida de uma mulher como se ela fosse um gado. Ele é melhor do que isso, melhor do que você. Esse é o único pedido de desculpas que você receberá de mim. — Ele se voltou para o balcão e tirou o laptop.

Foi uma coisa inteligente de se dizer, um reconhecimento, mas não um movimento de boceta.

Rush ficou em silêncio, o que era bom. Tony cruzou os braços sobre o peito.

Crow configurou tudo no laptop, em seguida, deslizou para baixo na barra em direção a eles.

— Insira as informações da sua conta e começarei a transferência.

Rush voltou-se para a tela e digitou tudo, tendo memorizado suas informações bancárias em vez de anotá-las. Ele terminou e empurrou o laptop para trás, com a mandíbula tensa.

Crow se voltou para eles antes de fechar o negócio.

— Temos um entendimento, senhores? Nunca mais quero ouvir falar de você e você nunca mais vai ouvir de mim. Se você me cruzar, vou garantir que sua operação desmorone sob seus pés.

Eu tinha que reconhecer Crow. Ele sabia como lidar muito bem.

Rush ergueu uma sobrancelha.

— Ninguém conseguiu fazer isso.

Crow se voltou para eles.

— Eu já tenho homens na Hungria, Rússia e Romênia, seus principais portos de operação. Sei que você canaliza as mulheres por meio desses canais. Se eu pagar o dinheiro certo e contar às pessoas certas, toda a sua operação será prejudicada. Vou recuperar cada mulher que você vende, distribuir todos os seus segredos aos seus inimigos, dizer a todas as autoridades onde você leiloou suas mulheres. Essa receita é fácil de otimizar e tudo o que terei de fazer é interromper a cadeia alimentar. Sim, eu posso conseguir isso, idiota.

Tentei não sorrir.

Foi a primeira vez que vi Rush sem palavras. E Crow não piscou.

— Então, nós temos um acordo?

Tony olhou para Rush antes de concordar.

— Se cada centavo for colocado em nossa conta, então sim, temos um acordo.

— Bom. — Crow voltou para o laptop, digitou as informações e, em seguida, apertou o botão Enter. Ele olhou para a tela e esperou que os fundos fossem transferidos. A transferência demorou quase um minuto inteiro devido ao tamanho dos fundos. Quando foi concluído, ele se voltou para Rush.

— Verifique-a.

Rush pegou seu telefone e fez login em sua conta.

— Está lá.

Crow imediatamente colocou seu laptop na bolsa.

— Foi um prazer. — Como se nada tivesse acontecido, ele deu as costas para Rush e Tony e saiu, deixando suas costas expostas ao deixar o Underground.

Eu fiquei para trás, querendo ter certeza de que isso estava realmente resolvido.

— Parece um acordo justo.

Tony olhou para o telefone de Rush antes de encontrar meu olhar.

— Ele pagou. Isso é tudo que importa.

— Temos coisas mais importantes a fazer do que persegui-lo — disse Rush em concordância. — Deixe os Barsettis desaparecer. Eles devem ter medo de nós se nos pagaram todo esse dinheiro.

— E vocês devem ter medo dele. — eu os lembrei. — Como devem ter.

Não dissemos uma palavra para o outro até que estivéssemos fora de Milão. A luz brilhou no espelho retrovisor e então estávamos em uma estrada vazia que levava ao sul da Itália. Crow manteve sua personalidade indiferente,

como se ele não estivesse aliviado que o confronto tenso agora tivesse ficado para trás.

Quando estávamos longe e certos de que ninguém nos seguia, a conversa começou.

— Eles não serão um problema. — eu disse. — Eles estão felizes com o que têm e prontos para seguir em frente.

— Essa é a impressão que eu também tive.

— E você disse todas as coisas certas. Acalmou a situação sem soar como um maricas.

Ele olhou pela janela.

— Não é a minha primeira vez.

— É uma merda você estar sem tanto dinheiro... foi muito.

— Eu não me importo com o dinheiro. — ele disse honestamente. — Estou feliz que isso acabou. Sou grato por meu filho poder ter um filho sem olhar por cima do ombro, por minha esposa não ter medo de nossos filhos. Além disso, Conway e Carter estão pagando de volta cada centavo. Limpei a bagunça deles, mas não vou pagar por isso.

Eu sorri.

— Isso é justo.

Já era tarde da noite, então Crow descansou a cabeça contra a janela e fechou os olhos.

— Eu sei que deveria ligar para minha esposa, mas não quero. Ela vai chorar... Eu odeio ouvi-la chorar.

— Ela não chorou quando você saiu.

— Ela sempre chora quando eu digo que estou bem. — ele disse calmamente. — Ela prendeu a respiração durante todo o tempo em que estou

fora e, quando estou de volta, ela libera toda a sua dor. Em vez de sentir no início, ela sente no final. Suas lágrimas não me incomodam, apenas doem. Eu odeio quando ela se machuca.

Eu entendi esse sentimento muito bem. Peguei meu telefone e liguei para Vanessa, meu cotovelo apoiado no parapeito da janela. Ela atendeu antes que o primeiro toque terminasse.

— Vocês dois estão bem? — ela deixou escapar, respirando com dificuldade como se ela estivesse marchando ao redor do apartamento com o telefone firmemente na mão.

— Sim. Nós dois.

— Oh... — Ela respirou no telefone, seus olhos provavelmente fechados enquanto ela estava no meio da sala de estar. — Graças a Deus. Estou tão feliz em ouvir isso... você não tem ideia. Eu não tenho conseguido dormir. Fiquei olhando para o meu telefone a noite toda.

Eu senti a mesma dor que Crow descreveu, me sentindo uma merda por assustá-la.

— Acabamos de sair de Milão. Estaremos em casa em algumas horas.

— E correu tudo bem? — ela perguntou com hesitação.

— Foi melhor do que eu esperava. Eles pegaram o dinheiro. Houve alguns solavancos e algumas hostilidades, mas seu pai lidou bem com isso. Fizemos um bom negócio. Eles pararam de pensar em nós no segundo que saímos... que era o que queríamos.

— Bom... estou aliviada. Quando você estará em casa?

— Não por pelo menos cinco horas. Eu tenho que deixar seu pai primeiro.

— Oh...

— Vá dormir, baby. — Ela provavelmente estava exausta de estresse a noite toda, de ficar chateada por quase uma semana inteira.

— Quero ver você quando chegar em casa.

— Eu vou te acordar.

— Promete? — ela perguntou. — Não me deixe dormir. Eu prefiro ver você imediatamente.

Eu deveria me sentir estranho com sua aderência na frente de seu pai, mas estranhamente, não me senti. Eu não me importei nada. Eu a amei e ela me amou. Não havia motivo para ficar envergonhado com isso.

— Prometo.

— Tudo bem, vou deixar você dirigir. — disse. — Te amo.

— Também te amo, querida. — Desliguei e coloquei o telefone no bolso, sem olhar para a reação de seu pai à conversa que tive com sua filha. Eu não me importava com sua opinião de qualquer maneira.

Depois de um longo período de silêncio, ele falou.

— Obrigado por fazer minha filha tão feliz. — Ele não olhou para mim quando falou, olhando para frente. — Você me aturou e a meu irmão, um monte de besteira... nunca desistiu dela. Eu não me importo o quanto você me odeia. Mesmo se você sempre me odiar, por mim tudo bem. Independentemente disso, estou grato por ela ter você. É tudo o que sempre quis, que minha filha tivesse o homem certo. — Como se não tivesse acabado de dizer algo sincero, ele ligou para a esposa e disse que estava bem.

Como previu, ela chorou um pouco ao telefone.

Como um homem de verdade, ele ouviu. Consolou ela. Disse a ela que logo estaria em casa. Deu a ela um ombro para chorar, embora não estivesse lá para ela pessoalmente. Depois de vários minutos, desligou o telefone e se acomodou, preparado para dormir pelo resto da viagem.

Fiquei pensando em sua conversa com Vanessa, como ela amava seu pai profundamente, o chamava de melhor amigo. Eles tinham um relacionamento

próximo, permanecendo leais um ao outro, independentemente do que a vida jogasse sobre eles. Eu nunca quis ficar entre eles, mas eu sabia que já estava.

Como eu poderia odiar um homem que amava Vanessa tanto quanto eu? Quem faria qualquer coisa por ela, até mesmo arriscar colocá-la contra ele? Crow sempre teve o melhor interesse de sua filha no coração e eu tinha que admitir que era o pior cara possível para a filha de qualquer homem. Não era realista esperar que ele se comportasse de outra maneira. Eu não iria dar desculpas pelas coisas dolorosas que ele fez e disse, especialmente quando ele se empolgou, mas quando eu testemunhei seu relacionamento terno com meus próprios olhos, eu sabia que não poderia ser uma barreira entre eles.

Eu poderia aproximá-los.

Nada deixaria Vanessa mais feliz do que me ver construir um relacionamento com seu pai, me tornar parte de sua família de uma forma significativa. Depois de tudo que eu a fiz passar, era o mínimo que eu podia fazer. Vanessa e eu íamos passar o resto de nossas vidas juntos e começar uma família. Manter esse ódio por Crow não era realista.

Eu deveria deixar pra lá.

Havia pessoas melhores para odiar além de Crow Barsetti, pessoas que mereciam mais. Eu respeitava esse homem de muitas maneiras, a maneira como ele conseguia entrar lá com tanta calma e estabelecer a paz, a maneira como ele ocupava o lugar do filho sem pensar duas vezes, a maneira como ele ouvia a esposa chorar e carregava consigo a dor dela. Eu admirava este homem porque ele criou uma filha forte, a mulher perfeita para passar minha vida. Sem ele, eu nunca a teria encontrado. Eu teria passado minha vida inteira sozinho, sem nunca conhecer o amor. Eu não acreditava em almas gêmeas, mas certamente acreditava nisso.

Tive um passado terrível, mas talvez tudo estivesse destinado a acontecer... para me trazer até aqui. Meu perdão enterraria o passado para sempre. A guerra de sangue que continuou por três gerações estaria enterrada

no passado como os mortos. Eu nunca seria um Barsetti, mas meus filhos teriam sangue Barsetti.

Nossas linhagens se fundiriam e se tornariam uma.

Crow acordou quando eu parei no cascalho. Ele correu os dedos em seu cabelo e depois afastando o sono de seus olhos. Encarou a porta da frente, a grande laje de madeira que alcançava o teto do primeiro andar. As luzes nas janelas se acenderam quando todos na casa acordaram. Antes de Crow sair da caminhonete, a porta da frente se abriu e Pearl saiu primeiro.

Crow desceu e observou sua esposa correr para ele na escuridão, seus pés descalços esmagando o cascalho com seus movimentos. Ela saltou em seus braços, suas pernas e braços enganchando em torno de seu torso.

Eu os encarei, pensando imediatamente em Vanessa e eu. Ela me cumprimentava da mesma maneira, com um afeto avassalador. Independentemente de quem estava assistindo, ela me amava abertamente, mostrando a profundidade de nosso relacionamento romântico.

Pearl segurou seu rosto e beijou-o, como um jovem casal ainda apaixonado.

Saí da caminhonete em seguida e vi Conway e Sapphire nos degraus da frente. Conway estava com o braço em volta de Sapphire, mas não estava cuidando dos pais. Com o olhar desviado para o chão, ele encontrou outra coisa para olhar.

Ouvi Pearl e Crow conversando enquanto ele a segurava.

— Nossos bebês estão bem? — ela sussurrou, sua testa contra a dele.

— Sim.

— Acabou? Você tem certeza?

— Sim. — Ele a beijou na boca enquanto a carregava para mais perto da porta da frente. — Está tudo bem, Button. Nossa vida simples é segura. Nossos filhos estão seguros. Estou seguro. — Ele a segurou contra seu peito enquanto a carregava para a frente da casa com facilidade. A colocou no concreto para que seus pés não tivessem que tocar o cascalho novamente.

Ela estava com as mesmas roupas que usava antes, mas seu cabelo estava bagunçado de deitar até voltarmos para casa. Ela segurou suas bochechas mais uma vez antes de recuar para que ele pudesse cumprimentar seu filho.

Ele beijou o interior da palma da mão antes de soltá-la. Ele olhou para o filho em seguida.

— Con...

Conway abraçou o pai, o apertando com força.

— Estou feliz que você esteja em casa, pai. Sinto muito por tudo.

Crow parou antes de abraçar o filho de volta. O que quer que ele fosse dizer não parecia mais importante, não quando seu filho disse aquelas palavras para ele. Ele o abraçou com mais força e fechou os olhos, segurando o filho ainda mais tempo do que a esposa.

— Eu faria de novo... um milhão de vezes. — Ele segurou a nuca e beijou sua testa. — Eu te amo filho. Muito, seu maldito.

— Eu também te amo, pai. Eu sinto muito...

— Esqueça. Acabou. — Ele se afastou e olhou o filho nos olhos. — É hora de sermos felizes. Para viver em silêncio. Para dar as boas-vindas ao novo Barsetti que chegará a qualquer dia. Só espero que esta seja a última lição que tenho para lhe ensinar.

Conway olhou para o pai, os olhos começando a lacrimejar.

— Eu sempre vou precisar que você me ensine coisas, pai...

Os olhos de Crow lacrimejaram em troca.

— Então é melhor que esta seja a última bagunça que eu tenho que limpar.

— Também não posso prometer. — disse Conway. — Sapphire e eu vamos precisar de você para tomar conta e trocar fraldas...

Crow piscou para afastar a emoção e riu.

— Eu não me importo de limpar meu neto. Mas não vou limpar mais nada de você.

— Combinado. — disse Conway. — Carter e eu pagaremos cada centavo que você deu a eles.

Crow agarrou seu filho pelo ombro.

— Eu sei que você vai. Foi assim que eu criei você. — Ele mudou-se para Sapphire em seguida e abraçou sua nora, delicadamente abraçando-a por causa de sua enorme barriga.

Pearl veio a mim em seguida, com lágrimas ainda nos olhos. Ela se moveu em meu peito e me abraçou.

— Obrigada por tudo, Griffin. Você tem sido uma bênção para esta família. Nós te amamos muito.

Amar. Eles me amavam.

— Obrigado, Sra. Barsetti.

— Eu não quero te monopolizar muito. — ela disse enquanto se afastava.
— Eu sei que Vanessa provavelmente está esperando na porta enquanto conversamos. Eu estava dormindo no sofá em frente à janela, esperando as luzes da sua caminhonete.

— Eu disse a ela para ir dormir. Vou acordá-la quando voltar.

Ela sorriu.

— Garanto que ela está bem acordada.

Eu sorri de volta.

— Você provavelmente está certa.

Ela me beijou na bochecha antes de se afastar.

— Boa noite, Griffin. Espero vê-lo em breve. — Ela entrou com Conway e Sapphire, deixando Crow para trás.

Crow se virou para mim e estendeu a mão.

— Obrigado por tudo... de novo. Tenho certeza de que teria sido bem diferente se você não estivesse lá para estabelecer as bases. Como minha esposa acabou de dizer, você tem sido uma bênção para esta família... definitivamente não uma maldição. Lamento ter dito o contrário.

Eu não peguei sua mão, deixando-a pendurada entre nós. Quando Crow percebeu que não haveria reciprocidade, ele baixou a mão, os olhos cheios de decepção.

— Boa noite, então.

— Eu perdoo você.

Ele vacilou no lugar, seus olhos se arregalando quando ouviu as palavras que eu disse. Me olhou com olhos focados, como se não acreditasse nas palavras que saíram da minha boca. Possivelmente fazia parte de sua imaginação. Talvez ele tenha ouvido mal o que eu disse. Ele não disse nada, sem saber como proceder.

— Você é um ótimo pai. Acho que um homem não é julgado apenas por sua força e sucesso. Ele é julgado pela maneira como cuida de outras pessoas, mesmo que essas pessoas não mereçam. Vejo como você respeita sua esposa, a trata como uma rainha e a coloca antes de você. Vejo como você ama seus filhos, como tem sido um grande exemplo do que Vanessa deve esperar de um homem. Ela é uma mulher exigente, apenas se apaixonando por um homem

forte o suficiente para lidar com alguém como ela. E você foi um grande exemplo para seu filho, para fazê-lo seguir seus passos.

Crow inclinou a cabeça para o chão, parecendo oprimido pelo elogio que acabara de receber.

— Quando ouço você falar com Vanessa, entendo o quanto você a ama. Eu posso ouvir na sua voz, ver a maneira como você reage ao som dela. Você é diferente, mais suave. Sei que você faria qualquer coisa por ela, até mesmo mantê-la longe de mim porque achou que ela merecia coisa melhor. Como eu poderia odiar um homem que se recusava a deixar sua filha se contentar com qualquer coisa menos do que o homem perfeito? Você ensinou lealdade a ela, como dar um soco maldoso e como cuidar de si mesma, não esperar que um homem o faça. Se você não a tivesse criado para ser tão perfeita, eu não teria encontrado a mulher com quem passar minha vida. Não há nenhuma outra mulher lá fora que teria me deixado de joelhos do jeito que ela fez, que teria suavizado minha raiva do jeito que ela fez. Ela me transformou em um homem melhor, um homem de quem realmente me orgulho.

Crow ergueu o olhar novamente, sua expressão dura desapareceu. Ele respirou fundo, seus olhos suavizando da maneira que fizeram com Vanessa e Conway. Ele não ergueu nenhuma de suas paredes ao redor de si mesmo. Ele me permitiu ver um lado mais vulnerável dele... já que eu mostrei a ele um lado diferente de mim.

— Isso significa muito para mim, Griffin.

— E significa muito para mim que você criou a mulher perfeita. Eu a respeito muito. Ela não é o tipo de mulher que espera que um homem a salve. Ela se salva. Nunca vi nada igual. Ela tem metade do meu tamanho, mas consegue me colocar no meu lugar... repetidamente. Eu não sabia que queria uma esposa e filhos até que a encontrei. Não sabia que tipo de homem queria ser até encontrar a mulher certa.

Um meio sorriso se formou em meu rosto.

— Eu estava realmente errado sobre você, Griffin. Desculpe por isso.

Eu balancei minha cabeça.

— Você queria o melhor para ela. Eu entendo isso agora.

— Eu nunca pensei que diria isso, mas... Estou feliz por tudo isso ter acontecido. Estou feliz que os Skull Kings nos atacaram e todos esses eventos foram colocados em movimento... porque minha filha nunca teria encontrado o homem certo... já que você é o homem certo. — Ele se aproximou de mim. — Você é parte desta família, Griffin. Quer você seja casado com minha filha ou não, você é um filho para mim. Você sempre será um filho para mim.

Eu nunca soube o quanto queria fazer parte de algo até que o tivesse. Vanessa era uma família para mim, agora o resto de sua família também. Eles não me aceitaram porque tinham que aceitar. Eles me aceitaram porque quiseram. Eu podia ver a sinceridade nos olhos de Crow, a maneira como ele me admirava e como eu agora o admirava. Na superfície, eu era um cara perigoso coberto de tatuagens que havia levado mais tiros do que qualquer outro homem. Mas por baixo disso, eu tinha um coração do mesmo tamanho que o dele.

Ele estendeu os braços e se moveu para mim, parando antes de me tocar para avaliar minha reação.

Eu não me afastei.

Ele era uns centímetros mais baixo do que eu, fechou a distância entre nós e passou os braços em volta de mim. Ele me abraçou da maneira como abraçou seu filho, com o mesmo tipo de aperto e o mesmo tipo de afeição.

Meus braços se moveram ao redor de seu corpo e meu queixo se moveu para seu ombro. Eu segurei meu maior inimigo em meus braços, abracei um homem que planejei assassinar. Mas agora não havia um sinal de raiva dentro do meu peito. Agora eu abracei esse homem como um amigo... como um pai.

Ele segurou minha nuca, exatamente como fazia com Conway.

— Quando chegar a minha hora, sei que você cuidará da minha esposa. Eu sei que você vai cuidar de Vanessa. Posso descansar em paz sabendo que você está aí... e esse é o maior presente que você poderia ter me dado.

Pearl estava certa.

Quando entrei pela porta, Vanessa estava bem acordada. A julgar por seus olhos cansados e cabelo liso, ela não tinha fechado seus olhos, mesmo por alguns minutos. O sol já havia nascido há cerca de vinte minutos, então a noite havia passado. Ela ficou acordada o tempo todo, esperando o momento em que ela me veria pessoalmente.

— Griffin. — O alívio tomou conta de seu rosto quando ela me viu com seus próprios olhos. Do jeito que Pearl desabou quando viu Crow, Vanessa fez o mesmo comigo. Ela se enterrou no meu peito, seus dedos explorando meu corpo para se certificar de que eu estava bem. — Estou tão feliz por você estar em casa. — Ela manteve o rosto contra o meu peito, as lágrimas de seus olhos encharcando minha camiseta. — Eu não conseguia dormir...

— Estou aqui agora. — Minha mão segurou a parte de trás de sua cabeça e eu a observei se apoiar em mim como uma muleta. — Tudo correu bem. Nada para se preocupar.

— Você não acha que eles serão um problema de novo?

— Não. — a peguei em meus braços e a carreguei para a cama. — Eles conseguiram seu dinheiro. Isso é tudo que importa. — a coloquei na cama e tirei minhas roupas para que eu pudesse ir para a cama ao lado dela. Era uma das raras ocasiões em que não estava com humor para sexo. Havia algo mais no fundo do meu peito, uma sensação de satisfação que me completou. Eu não queria mais nada.

Ela já estava com a minha camiseta, então ela se meteu debaixo das cobertas comigo. Vanessa estava feliz apenas em me abraçar, em me sentir ao lado dela enquanto o sol continuava a nascer e a encher o quarto de luz.

— Estou feliz que isso acabou. Sei o quanto meu pai se preocupa com esse tipo de coisa. Mamãe também.

— Eles estão ambos felizes. Aliviados.

— Bom. Fico feliz em ouvir isso. — Ela descansou a mão na minha barriga enquanto sua perna estava dobrada entre as minhas. Com seu rosto no meu ombro e seu cabelo espalhado por toda parte, ela era a companhia perfeita para dormir. Ela era leve, macia e linda, não havia mais ninguém com quem eu preferisse compartilhar minha cama, junto com todo o resto. Ela fechou os olhos, finalmente encontrando paz agora que eu voltei para casa.

Eu a observei, hipnotizado pela mulher que capturou meu coração. Ela era minha razão de viver. Costumava ser dinheiro e violência, mas agora ambas as coisas não importavam mais. Ela era meu propósito, meu mundo.

— Bebê?

— Hmm? — Ela manteve os olhos fechados, mais confortável em meus braços do que em qualquer outra posição.

— Eu perdoei seu pai.

Seus olhos se abriram, seu cansaço instantaneamente desapareceu.

— Você perdoou? Porque? O que aconteceu?

— Quando ouvi sua conversa ao telefone, percebi que ele a ama tanto quanto eu. E como eu poderia odiar alguém que faria qualquer coisa por você? Temos a mesma coisa em comum, a maior coisa em comum.

Seus olhos se suavizaram.

— Ele estava apenas fazendo a coisa certa para você. Ele se levantou por você quando a maioria dos homens teria recuado. Ele nunca teve medo de

mim, nunca teve medo de me tornar um inimigo pior. Ele só se importava em proteger você, independentemente das consequências para ele mesmo. Ele arriscou virar você contra ele ao me rejeitar, mas fez isso de qualquer maneira. Talvez ele não tenha lidado com isso da melhor maneira, mas não há dúvida de que seu pai faria qualquer coisa por você, até as coisas mais difíceis. Então, vi a maneira como ele tratou sua mãe e seu irmão, como ele abnegadamente protege a família. Talvez possamos ter começado mal... mas ele é definitivamente um homem respeitável. Eu decidi deixar pra lá... já que seu sangue e meu sangue vão se misturar para começar uma família. Como eu poderia odiar um homem que você ama tanto? Alguém que você considera ser seu melhor amigo? Então deixei passar, sabendo que era a coisa certa a fazer.

— Griffin... — Ela esfregou meu peito enquanto a emoção crescia em seus olhos. — Você não tem ideia de como isso me deixa feliz... o quão feliz isso deve tê-lo deixado.

— Isso o deixou feliz. Ele me abraçou.

— Aww... — Ela se aninhou mais em mim, seu rosto se movendo em meu pescoço.

— E ele disse que eu era um filho para ele.

— Porque você é. — Ela me apertou com força. — Isso é o que eu queria há tanto tempo, e está finalmente acontecendo... mal posso acreditar.

Meus braços se moveram ao redor de sua cintura e a embalei contra mim, seu tamanho diminuído pelo meu. Ela era uma mulher pequena, mas sua coragem compensava sua estatura. Além disso, ela não precisava ser grande quando tinha um homem grande para ter força.

— Existem pessoas melhores que eu deveria passar meu tempo odiando. Seu pai não é uma dessas pessoas.